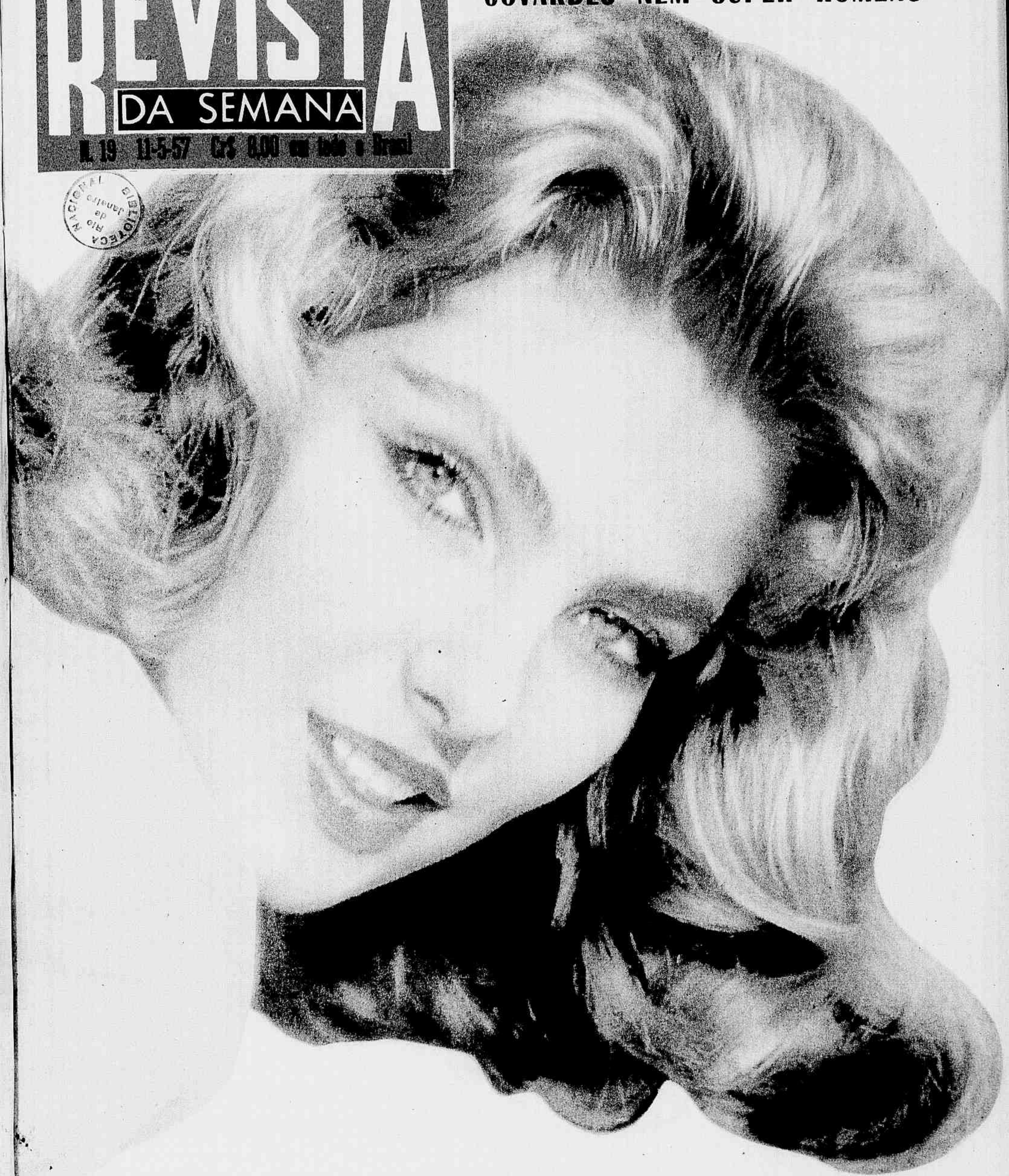


REVISTA DA SEMANA

R. 19 11-5-57 C\$ 8,00 em todo o Brasil



**DJALMA SANTOS: "NÃO SOMOS
COVARDES NEM SUPER HOMENS"**



NA ESTRÉIA DA PIAFF: MULHERES BELAS EM QUANTIDADE



A MISS EUROPA FICOU NOIVA

★ Diante das famosas ruínas do fóro romano, a Miss Europa de 1956 com seu noivo, o ator Rik Bataglia. Os dois, completamente enamorados, passeiam pelas ruínas famosas, numa espécie de «lua de mel» antecipada

Ano 5

DIRETOR
Helio

COLABORADORES
Augusto
Carlos
tuna,
Alves,
Thomas

♦ R

Jurista
Esple
Briga
difu
Mário
Colay
Na es
Djalma

A

Porte
Seis
Regis
Seis

Regis
Seis

O

Tôda
O co
está
pela
não

Diret
Diret
Diret
Chel
Pagin
Fotoc
Desa
Labo
Reda

Reda
22-56

Na
434,
aven
No
Mon
telef

♦ da
cor
Sil

DIRETOR
Helio Fernandes

COLABORADORES

Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Eneida, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Lobo, Gilson Campos, Hermano Nobre Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarnieri.

SUMÁRIO

♦ **REPORTAGENS**

Juristas entre aspas	4/7
Esplendores e misérias do T.B.C.	16/19
Brigas pela posse dos canais da rádio-difusão	26/27
Maria de Lourdes — Rainha da Primavera	30/35
Cofap: Leão de chácara dos exibidores ..	45/49
Na estréia da Piaff	52/59
Djalma Santos	60/61

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 400,00
Seis meses	Cr\$ 200,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 650,00
Seis meses	Cr\$ 325,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 800,00
Seis meses	Cr\$ 400,00

O número avulso custa Cr\$ 8,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 9,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da
Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente	Gratiliano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Júnior
Paginação	Victor Tapajós
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores ..	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569



♦ **CAPA** — Maria de Lourdes Monteiro, Rainha da Primavera, beleza impressionante, e que concorre ao título de Miss Brasil. Reportagem de Sílvia Donato pág. 30, com fotos de Alberto Ferreira.

LIVROS, MUITOS LIVROS

● Este o grande e belo fato do mês: a Feira de Livros na Cinelândia, com a qual editores e livreiros comemoram o dia municipal do livro e se inicia em 18 de abril, data natalícia de Monteiro Lobato. O Prefeito, apoiando a idéia, oficializou o dia do nascimento do grande escritor que foi também grande inovador do movimento editorial brasileiro. Tem assim esta cidade tão cheia de dias disto e dias daquilo, um de enorme significação e beleza: o "Dia do Livro", homenageando Monteiro Lobato. Lá estão eles, os amigos e companheiros de todas as horas, lá estão eles em encadernações feias ou bonitas, em belas ou pobres edições, tristes ou alegres, ensinando filosofia ou cozinha, levando-nos pela mão ao mundo dos ficcionistas, fazendo-nos beber poesia, dando-nos riqueza de conhecimentos, ensinando sempre, ajudando sempre, sempre abrindo em nossos cérebros novos horizontes.

● Costuma-se dizer que o brasileiro não gosta de ler, que o brasileiro não ama os livros. Pura invencionice. É certo que sobre nosso país se agita, hoje como ontem, o fantasma do analfabetismo jamais liquidado, mas é certo que se o brasileiro não tem ainda — em sua maioria — o hábito da leitura, ele gosta de ler, gostaria muito de ter tempo e dinheiro para comprar livros e lê-los. A prova disso é o espetacular sucesso dessas feiras, tão grande sucesso que um editor como José Olímpio chega a declarar que não fôsse o prejuízo sofrido pelas livrarias, as feiras deviam ser permanentes. Por que o sucesso das feiras de livros? O grande público tem seu horário de trabalho coincidente com o horário de funcionamento das livrarias. Como então frequentá-las? Ora, a feira funciona até às 22 horas; a partir das 17, as barracas regurgitam de homens e mulheres que, saindo de seus trabalhos, encontram o livro em seu caminho. Não precisarão buscá-los em ruas onde estão livrarias, mas é o livro quem vai buscá-los no trajeto do trabalho para casa. Um encontro entre amigos que não se procuram nem visitam por falta de tempo.

● Depois nas feiras o livro é vinte por cento mais barato, muito mais acessível portanto às nossas pobres bolsas magrinhas pelos magros salários.

Por tudo isso, abril é o mês dos livros na rua, dos livros sob o sol, dos livros misturando-se à nossa paisagem nesta época do ano em que sol e chuva porfiam para alegrar ou entristecer nossa cidade. Mês do livro, se bem que em junho o Instituto Nacional do Livro promova sua semana nacional. Mas isso é outra coisa. Agora somos só nós, os cariocas de nascimento ou de coração, que estamos festejando livros na rua, melhor amando nossos amigos e companheiros. As árvores, o sol e até mesmo a chuva gostarão — com certeza — de encontrá-los como agora estão, exibindo em suas diferentes roupagens, o trabalho de homens e mulheres que por eles vivem, que deles vivem. É preciso amá-los e mais do que isso é preciso guardá-los, possuí-los, tê-los em casa como pessoas de nosso bem querer, capazes de a qualquer hora ou em qualquer momento mandarem à nossa vida doce ou atribulada (sempre mais atribulada que doce) um conforto, um consolo e um ensinamento.

Amemo-los pois.

E N E I D A

JURISTAS ENTRE ASPAS QUEREM RASGAR A CONSTITUIÇÃO

A ESPANTOSA REVELAÇÃO JURÍDICA DO SR. AARÃO STEINBRUCH ★ CID CARVALHO, O JURISTA DO SACHA'S ★ MARTINS RODRIGUES: "PORQUE ME ORGULHO DE SER NAZISTA" ★ ARINO DE MATOS, JURISTA DE POUCAS LETRAS ★ UNIRIO MACHADO ESTÁ DESLUMBRADO COM A PRÓPRIA SABEDORIA ★ ARI PITOMBO VAI GANHAR UMA ESTATUA EQUESTRE

Reportagem de MAURO BRAGA

Fotos de ALBERTO FERREIRA

O DEBATE deslocou-se do plano jurídico para o plano político. Mas é na Comissão de Justiça, que há mais de uma semana se trava a grande batalha do chamado caso Carlos Lacerda. E por isso vamos levar o leitor até lá, esta semana. Ele vai conhecer os juristas da maioria.

Na Comissão, não há dúvida que a maioria tem meios de vencer. Mas no plenário a coisa continua se complicando apesar do otimismo (para uso externo) do líder Vieira de Melo.

O governo começa a fazer pressão sobre os deputados, usando todos os meios a seu alcance. Os deputados, por sua vez procuram tirar vantagens, condicionando seus votos à concessão de favores que só o Executivo está em condições de satisfazer.

Como se vê, a batalha não é mais jurídica ou política. Vai se colocando em termos simples de barganha.

Tôdas as providências estão sendo tomadas, para, no caso do plenário conceder a licença para o processo, imediatamente ser decretada a prisão preventiva do sr. Carlos Lacerda.

E os pedidos de licença para processar o líder da UDN continuam chegando à Câmara e são logo, a jato, distribuídos a relatores escolhidos dire-

tamente pelo Catete. Critério para essa escolha: docilidade do deputado e quanto menos conhecimento jurídico melhor. Fica mais fácil para receber as luzes do Doutor Vitor.

Repete-se contra o sr. Carlos Lacerda (em outro plano, é evidente) a mesma coisa que se fez durante anos e anos com o sr. Ademar de Barros. Os processos ficam dormindo na gaveta. Quando o governo precisa, é que movimentá-los. Chama-se a isso fazer justiça, ou a coisa tem outro nome: impublicável?

Cid Carvalho será a favor da licença para processar o sr. Carlos Lacerda e contra no caso do sr. Coelho de Souza. Os «juristas» jovens são muitas vezes piores do que os «juristas» velhos. Pelo menos estes não são tão afoitos, já perderam as ilusões, e a velocidade e a subserviência já não os fascina como na mocidade.

Maratona na Comissão de Justiça. As sessões avançam pela madrugada a dentro. É preciso liquidar o sr. Carlos Lacerda, «para que o regime possa respirar».

Informações de excelente fonte dizem que o sr. Juscelino Kubitschek está realmente interessado na liquidação do sr. Carlos Lacerda. É um insensato. Dominou a crise militar e política, e logo depois (por que?) reabriu-a.

S

REIRA

deputado
para recu

dente) o
e Barra
cisa, é s
ro nome

os Lacer
s são m
o são tã
ia já nã

adragado
ime posso

Kubitsche
da. É u
por que



O sr. Oliveira Brito tem presidido mal a Comissão de Justiça. Nervoso, irritado, pensando a todo momento que estão insultando ou interpelando «a presidência». Não vem mantendo a imparcialidade e a calma que o seu alto cargo exige.



MARTINS RODRIGUES

◆ O jurista Martins Rodrigues anda em grande agitação. No momento é o mais notório e o mais usado dos juristas de bôlso com que conta o governo. Dá pareceres, faz conferências, interpreta Constituições, defende seus pareceres na televisão. Não importa que não esteja preparado para isso tudo, que seus pareceres envergonhem alunos de direito, que sua fala seja hesitante, que seus argumentos sejam falsos e facilmente arrasados. O que importa é que ele é o jurista do governo, ou como ele mesmo disse na televisão, «um jurista vinculado à situação dominante.» Éta cearense sestroso. Quando há alguns anos atrás Martins Rodrigues escreveu aquêlê livro («Porque me orgulho de ser nazista») naturalmente não pensava que ainda seria um sustentáculo do regime democrático, e que seus pareceres seriam usados como argumento para cassar mandatos. Mas mesmo no governo não vai longe o sr. Martins Rodrigues. Seu fôlego não o ajuda, seu «shoot» é muito fraco, não demora muito e terá que ser substituído. E então, voltando ao seu belo Ceará, ficará entregue apenas às recordações de dois momentos de sua vida: o do orgulho nazista e o das preocupações jurídicas. E nenhum dos dois será suficiente para encher de satisfação, os muitos anos que ainda viverá.

AARÃO STEINBRUCH

◆ Numa semana o sr. Aarão se revelou. Bom sujeito, risonho, fala sôlta, andava pela Câmara, deslembado de que era jurista e constitucionalista. Pois não é que de repente, convocado pelo sr. Vieira de Melo, aparece ele de Constituição em punho, ditando regras, interpretando, citando e doutrinando? Quo estalo foi êsse, manso Aarão? Terá sido a viagem que você, nacionalista ferrenho fêz aos EE. UU. a convite do sr. Chateaubriand? Mesmo tôda a cultura acumulada na viagem de ida e volta não evitaram erros palmares de seu parecer, que foram logo descobertos pelos srs. Adauto Cardoso e Prado Kelly. Mas não tem importância. O que interessa é que Aarão, o manso e doce Aarão, figura hoje entre os juristas do governo. E que honra maior do que essa? Que prazer maior do que figurar lado a lado, na mesma situação, falando de igual para igual com outros juristas, jurisconsultos e constitucionalistas do porte de Cid Carvalho, Martins Rodrigues, Ari Pitombo, Unirio Machado e Arino de Matos? E se amanhã Aarão fôr comparado a constitucionalistas eméritos como Talarico e George Galvão, então a sua glória será total.

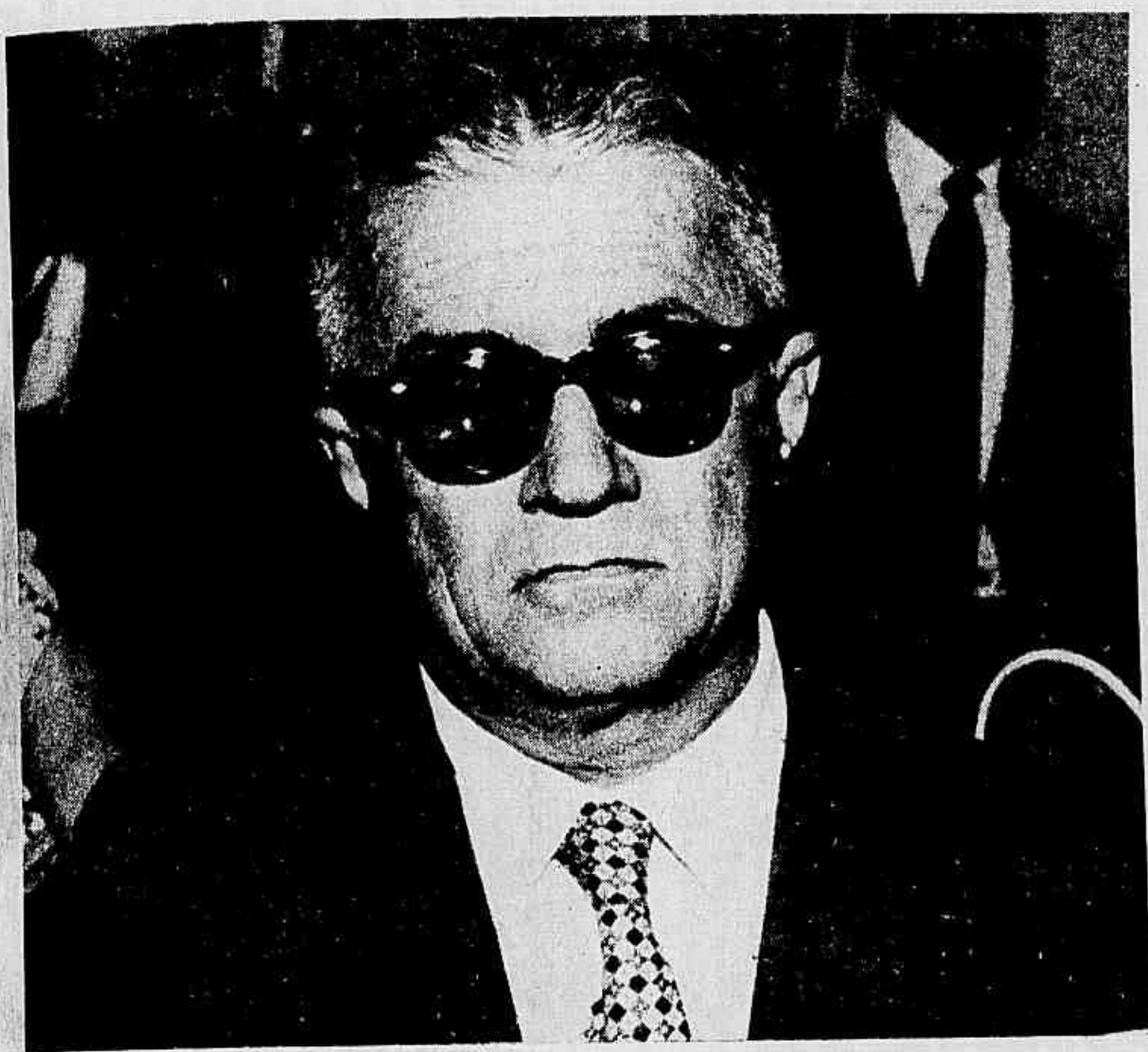


UNIRIO MACHADO

◆ É o jurista inédito dos pampas. Inédito e deslumbrado. Na Comissão de Justiça, antes de dar um aparte, ele mastiga as palavras, três e quatro vêzes, amedrontado de levá-la a seus pares. Ou deslumbrado com a sua própria sabedoria. Sua cultura jurídica deve ter sido tôda apreendida no avião que o trouxe ao Rio pela primeira vez. Pois antes, jamais se relacionara seu nome mesmo entre os juristas estaduais, os homens que no velho Rio Grande eram tidos e havidos com grandes cultores do direito. Pois aqui o sr. Unirio é jurista. Aqui, na cidade grande, ele é chamado a opinar sôbre conceitos constitucionais, a dar parecer e a votar sôbre questões como inviolabilidade, imunidade, e licença para processar deputados. A grande revelação de jurista que é o sr. Unirio Machado, ao seu deslumbramento, a sua paixão por si mesmo, as nossas saudações.



REM RASGAR A CONSTITUIÇÃO



ARINO DE MATOS

♦ Na velha província fluminense, nenhum jurista maior que ele. Sua familiaridade com o direito, sua intimidade com as interpretações e com as citações jurídicas vem de longe. Além do mais é um injustiçado. Pois não é que seus adversários apregoam que ele é quase analfabeto? Maldade, já se vê. É certo que às vezes confunde Pontes de Miranda com Pico de Mirandola, imunidade com comunidade, cátedra com catedral. Mas é puro descuído. Seu parecer nessa questão deve ser definitivo. A Ordem dos Advogados já recebeu comunicação de mais de 30 organizações semelhantes do mundo todo e elas só querem uma coisa: conhecer imediatamente o parecer do sr. Arino de Matos, comentá-lo, divulgá-lo. Arino de Matos, jurista insigne(ificante), homem de excelente constituição (física), pobre sujeito que é capaz de acreditar que tudo que escrevemos aí em cima é verdade.



ARI PITOMBO

♦ Jurista dos maiores que este país tem conhecido. Sua fama de jurista vem desde o tempo em que fazia no vespertino «O Globo», uma seção de «achados e perdidos». Já naquela época seu talento era inexcedível. Quando Ari Pitombo escrevia que um guarda-chuva estava à disposição do seu legítimo dono, era tal a clareza de seu estilo que o dono logo reconhecia o seu objeto e ia correndo buscá-lo. Depois, em Alagoas, arrecadando os proventos do jogo do bicho, sua fama de jurista cresceu mais ainda. Nunca um bicheiro se julgou espoliado, nunca os parceiros reclamaram que ele roubava na divisão. Com todo esse «back-ground», com toda essa cultura acumulada era natural que fosse designado para a Comissão de Justiça. Agora, esse jurista vai opinar sobre a licença para processar um Deputado. Seu parecer deve ser uma peça notável, está sendo esperado com ansiedade pelos bicheiros, perdão, pelo país inteiro. Ninguém sabe se Ari Pitombo votará contra ou a favor da licença. Sua imparcialidade, sua personalidade, seu caráter são de tal maneira conhecidos, que mesmo seus companheiros hesitam em perguntar-lhe como votará. Ari Pitombo, jurista, jurisconsulto, constitucionalista, por tudo isso, está a merecer uma estátua equestre.

CID CARVALHO

♦ O ilustre deputado veio do Maranhão. Mas suas luzes no direito foram acesas aqui mesmo. Pois quando chegou da terra de Gonçalves Dias, era apenas um funcionáriozinho, eleito por artes e magias do sr. Vitorino Freire, assim mesmo em disputadíssimas eleições suplementares. Mas aqui, aproximou-se de Leoberto Leal, Renato Archer e José Joffily e em longas noites no Sacha's, bebeu-lhes avidamente os conhecimentos. E foi tanta a aplicação, era tal a vontade de aprender do novel deputado que em pouco ele ultrapassava os mestres. Hoje, é uma autoridade completa, constitucionalista emérito, jurisconsulto de larga cultura, dominando inclusive a arte de enterrar e arquivar comissões de inquérito, principalmente quando interessam aos donos do poder. Cid Carvalho tem um caminho largo e promissor aberto à sua frente. Pois quem aos 30 anos atingiu o cinismo, a desfaçatez e a pusilanimidade que outros como o sr. Ivo D'aquino só atingiriam aos 60, pode olhar confiante para o futuro.





HE

VON

Mas, e
sado
sr. Al
Justiça
parte
Educa
mome
pela
ções
irmão
eleito
do sr
tence
probi
tudo
siden
sr. E
não
conq
deixe
sos.
Balb
rial.
que
ir po

NO
Sane
estro

O
Il d
Vieir
E na
as s

H
a pr
nári
mão
junh

♦ E
do D
Luiz
Muni
levar
come
prom
cess
para
Mas
cate

HELIO FERNANDES apresenta

FATOS E RUMORES

VOLTA-SE A FALAR com insistência na reforma ministerial. Mas, embora o sr. Juscelino Kubitschek esteja realmente interessado em fazê-la, ela não sai pela seguinte razão: para tirar o sr. Alkmim do Ministério da Fazenda é preciso colocá-lo na Justiça; mas o sr. Nereu não pode deixar a Justiça, pois faz parte do tripé; para tirar o sr. Clóvis Salgado do Ministério da Educação, é preciso atranjar-lhe uma Embaixada, coisa que no momento não existe. Além do mais, o seu Partido, o PR, exige pela perda do Ministério da Educação, no mínimo o das Relações Exteriores; mas este é ocupado pelo sr. Macedo Soares, irmão do sr. J. E. do "Diário Carioca", que desde a campanha eleitoral é o principal (e quase único) sustentáculo jornalístico do sr. Juscelino; o Ministério do Trabalho e da Agricultura, pertencem ao PTB, e embora os atuais ocupantes não constituam problemas e possam ser removidos facilmente (desde que substituídos por outros do PTB) a troca simples não interessa ao Presidente; o PSP exige a troca do sr. Maurício de Medeiros pelo sr. Erlindo Salzano, no Ministério da Saúde; o sr. Vieira de Melo não quer deixar a liderança da Maioria, pois com ela pretende conquistar o governo da Bahia; o sr. Vitor Nunes Leal para deixar a Casa Civil quer ir para o Tribunal Federal de Recursos. Mas o mesmo lugar é pretendido também pelo sr. Antônio Balbino. Como se vê, é muito fácil fazer uma reforma ministerial. Principalmente com o princípio dominante no Brasil, de que quem fracassa num posto, para ser substituído tem que ir para um posto mais importante.

NO ÚLTIMO número da revista "O Cruzeiro", o sr. Antônio Sanchez Galdeano é chamado de "connoisseur". Que maneira estranha e gozada de tratar um contrabandista.

O MICHEL VIROU ponto de reuniões políticas. Depois das 11 da noite podem ser encontrados lá: José Cândido Ferraz, Vieira de Melo, José Arnaud, Disuit Rosado, e até Horácio Lafer. E no auge da presente crise, muita coisa foi conversada entre as suas paredes acolhedoras.

HUGO RAMOS filho mandou construir para o seu Tijuca, a primeira piscina feita no Brasil pelo novo sistema revolucionário de concretagem a jato. Preço, inclusive com a casa de máquinas: mil e oitocentos contos. Inauguração: dia 28 de junho.

♦ Este senhor simpático e sempre elegante, é o mais jovem político do Distrito Federal e o que ocupa o cargo mais ingrato. Seu nome: Luiz Gonzaga da Gama Filho. O cargo: líder da maioria na Câmara Municipal. Só mesmo muita fibra e muito espírito público, poderiam levar alguém a ser líder do Governo Negrão, um governo que como na quadrinha de Manoel Bandeira, «não fez, não faz, mas promete.» Além de todas as dificuldades, (falta de dinheiro, excesso de funcionários, e etc.) o governo Negrão não tem nada para distribuir. Assim, aumentam as dificuldades do jovem Gama. Mas ele vai se saindo muito bem delas, demonstrando raça e categoria. Tomem nota do nome dele, que em eleições não muito remotas ainda virá a ser Prefeito do Distrito.

DIFÍCIL PARA o sr. Juscelino conciliar, em Pernambuco, cor-religionários e adversários íntimos. O sr. Etelvino mandou dizer-lhe que os deputados fiéis à sua orientação votarão a licença para processar o sr. Carlos Lacerda, se o sr. João Roma for mantido no Banco do Nordeste. Mas os adversários do sr. Etelvino (os situacionistas no plano Federal) deram "ultimatum" ao sr. Vieira de Melo: ou o irmão do deputado Pontes Vieira é nomeado para o lugar do sr. João Roma, ou eles votam contra a licença para processar o sr. Carlos Lacerda. De qualquer maneira são 6 votos de um lado e 6 do outro.

A VINDA do repórter Raimond Cartier ao Brasil tem uma explicação fácil. O proprietário da revista Paris Match (onde Cartier trabalha) tem interesses econômicos no Brasil, que dependem do sr. Kubitschek. Nada melhor portanto que explorar-lhe e estimular-lhe a vaidade. Esse o objetivo da viagem do repórter francês. A propósito de Cartier: ele ficou impressionado com os salários baixos da imprensa brasileira e com a média alta de jovens em funções importantes nos nossos jornais e revistas.

MAGNÍFICA A reportagem de Joel Silveira sobre o PTB, no último número da revista Manchete. Também a capa da revista (Kim Novak) estava muito bonita.

É IMPRESSIONANTE a penetração da coluna política de Carlos Castelo Branco, no "Diário Carioca". Mesmo fora dos círculos políticos, ela é lida e comentada.

ENORME A repercussão da estréia do sr. Ibrahim Sued na REVISTA DA SEMANA. O colunista de "O Globo" é realmente (disparado) o mais lido do Brasil.

CONTINUA o abuso dos cinemas, que exibem falsos cinemascofes, vista-visions e superscofes, além de outros processos também falsificados. Porta-vozes do coronel Mindelo, insinuaram que os cinemas têm sido multados. Provavelmente em 500 cruzeiros, quando arrecadam milhares de cruzeiros com essa verdadeira chantage.

O GENERAL ZENÓBIO cai na compulsória no dia 9 de maio. Poderia ser salvo pela chamada "lei Denys". Mas acontece que nem Lott, nem Juscelino, nem seus próprios companheiros do Exército querem que ele continue. Mas atendendo a pedidos do próprio interessado, Nelson de Melo ficou de falar ao Presidente sobre a questão. Não falou. O General Amaury Kruehl foi então e falou ao sr. Juscelino. Este amarrou a cara e disse que não era possível. Ofereceu ao General Zenóbio não só a promoção a Marechal, como um cargo civil de relêvo. Segundo círculos bem informados do Catete, o lugar é o de Embaixador na Grécia. Mas parece que o General está irredutível: quer continuar mesmo na ativa.

O PRESIDENTE resolveu convidar para a primeira missa em Brasília, 6 Generais, 6 Almirantes e 6 Brigadeiros. O titular int-rino da Aeronáutica por conta própria foi indicando seus amigos. Mas acontece que o Catete fez os convites diretamente, e os convidados do Ministro ficaram a ver navios.

COLUNA DE IBRAHIM SUED

Exclusiva para a REVISTA DA SEMANA

Na recepção oferecida pelo Príncipe Dom Pedro e a Princesa Dona Esperança de Orleans e Bragança, para apresentar o Sr. Ernesto Martorell y Calderaro, noivo da Princesa Dona Teresa, a sociedade brasileira, somente foram convidados os casais unidos no Brasil, no civil e no religioso...

Foi muito bem recebido o projeto do senador Gilberto Marinho para tornar obrigatório o ensino da língua francesa juntamente com inglês...



O Embaixador e Senhora Décio Moura. Ambos fizeram parte este ano das listas dos mais e das mais elegantes de 1956.

Acabo de saber que o nosso muito conhecido Virgílio Carneiro está tomando diariamente «apicure»... Para que? Depois eu conto...

Na noite da estréia de Piaff, a Senhora mais elegante foi a Sra. Lopes Ataíde e o vestido mais espetacular era o da bonita Sra. Ermelino (Helene) Matarazzo. Aliás, o «menu» não estava à altura do Copa...

A «Festa das Debutantes» marcada para o dia 1º de junho no Copa, apresentará uma surpresa. Talvez um grande nome de Hollywood. Por enquanto é segredo...

Afinal de contas parece que o demagogo Sr. Jânio Quadros voltou atrás e vestirá mesmo fraque e casaca, além de cartola (pela primeira vez) para receber em São Paulo o Presidente Craveiro Lopes.

Triste, sempre solitária, a Srta. Denise Leyraud tem circulado pelos lugares elegantes... Na estréia de Piaff, embora com quinhentas pessoas presentes na sala, a lourinha Denise, não escondia que estava só...

Confidencialmente. O Embaixador da França no Brasil, Sr. Hardion, continua trabalhando junto ao seu governo, para arranjar outro posto e deixar o Brasil...

Semana Santa em Ouro Preto: A antiga Vila Rica continua a ser o centro de maior movimento em Minas, por ocasião da Semana Santa. Este ano a célebre e tradicional procissão começou à meia-noite e terminou às 4 da madrugada. Muitas personalidades do Rio e de São Paulo notadas no Grande Hotel de Niemeyer e nas ladeiras dolorosas da sonolenta e histórica cidade-símbolo de Minas acompanhando o cortejo. Houve até mesmo quem por promessa acompanhasse a procissão descalça, como foi o caso da Srta. Lia de Freitas, levada a isso por causa de um caso sentimental. Outra nota curiosa foi o Sr. Vitorino Dias, ex-noivo da pintora Misabel Pedrosa acompanhar a procissão vestido de frade. A paulista Sra. Deisy Rodrigues Lima talvez tenha sido a mais contrita acompanhante do acontecimento religioso.

No dia 21 de abril, ainda estou noticiando os acontecimentos de Ouro Preto, famosos nesta época do ano, o Governador Bias Fortes ofereceu um almoço aos convidados para as solenidades. Antes do almoço, tomando drinks, na varanda do Grande Hotel, o senador Bernardes Filho; o Sr. Walter Moreira Sales e o deputado Gustavo Capanema. Em outro grupo: o cônsul da Itália e Sra. Luigi Marteli; o cônsul da Alemanha e Sra. Meyer Labastille; o Sr. João Kubitschek; o cronista Wilson Frade e a Sra. Deisy Rodrigues de Oliveira. Também condecorações em alto estilo aconteceram e os agraciados com a Grande Medalha da Inconfidência foram os Srs. Benedito Valadares, Gustavo Capanema e Cristiano França Teixeira Guimarães.

Ainda Ouro Preto: Namorando o ouro espalhado pelas paredes na Igreja do Pilar, o deputado Adauto Lúcio Cardoso esbarrou com o ex-governador Arnon de Melo; um encontro que não estava no programa, certamente...

A pedidos, eu que costumo sempre atender os pedidos dos meus leitores, darei hoje através da REVISTA DA SEMANA a minha opinião sincera sobre os três mais conhecidos homens que cuidam de vestir as elegantes do Rio. Vejamos os homens que embora não tenham ainda expressão internacional e sejam mesmo limitados na sua projeção nacional, merecem no entanto, pelo trabalho de pioneirismo que se entregam, a justificativa de terem seus nomes comentados e, friso novamente, a pedidos. Vejamos quais são: José Ronaldo — não é um costureiro. Desenha seus modelos, baseado nos costureiros franceses, desenha bem e tem bom gosto. Os seus modelos são indicados para as meninas-moças, e também para as senhoras que preferem o gênero leve, gracioso e alegre. Quando é feliz chega a dar muita graça às suas interpretações dos mestres franceses. Combina bem cores e matizes. É o mais conhecido profissional do gênero, leva a vantagem de ser contratado da Bangu. Joãozinho Miranda — é o profissional do futuro. Vem se impondo pela sobriedade e distinção dos seus modelos, tem um número certo e selecionado de freguesas. Falta-lhe apenas promoção. Tem muita personalidade e vive para a própria arte — é um idealista. Arnaldo Nazareth — conhecido apenas por Nazareth. Chegou ao Brasil há uns dez anos. Fixou-se em um apartamento do Flamengo e veste a rica colônia portuguesa. Conhece todos os segredos da boa costura, sabe realmente cortar um pano e pregar os seus botões. Criou duas linhas que o tiraram do anonimato: «Anfóra» e «Espiral». Dois fracassos retumbantes. É o mais completo profissional do país, mas a sua falta de gosto é muito comentada. Faz um gênero pesado, pouco atraente e é muito temperamental, não gostando de ouvir as opiniões das suas freguesas. Foi infeliz na sua última revelação dizendo-se contra o uso de chapéus nas tardes do Jockey. Assim acho que os pedidos foram satisfeitos. Essa é a minha opinião.

O acaso levou Jaime de Barros à diplomacia

♦ NOVA YORK (Entrevista feita pelo telefone internacional) — Jaime de Barros é hoje ministro da Missão Brasileira Junto às Nações Unidas. Sua casa na Quinta Avenida (D. Marina de Barros «hostess» perfeita) é como um oásis para o brasileiro, principalmente intelectuais e artistas que vão a Nova York. Em Paris, Jaime de Barros já era assim e durante 4 anos hospedou pintores, animou cantores, prestigiou poetas. Bem disse Gilberto Freire que o nosso ministro possui uma simpatia e uma cordialidade que não se limitam a sorrir. Ele tem o sorriso e a palavra, «o gesto e o ato cordial, e, às vezes, mais do que cordial, afetuoso ou generoso». Começou jornalista no «O País». Depois foi deputado estadual pelo Estado do Rio. Nunca foi um parasita da literatura. Nunca quis fazer arquivos. Foi sempre trabalhador infatigável. Publicou o seu primeiro livro com um título irreverente: «A Mulher e Outras Fatalidades». Continuou escrevendo e veio mais tarde o seu trabalho mais sério «O Estado Fluminense». Obra de pesquisa, de interpretação. Obra verdadeiramente «Kar».

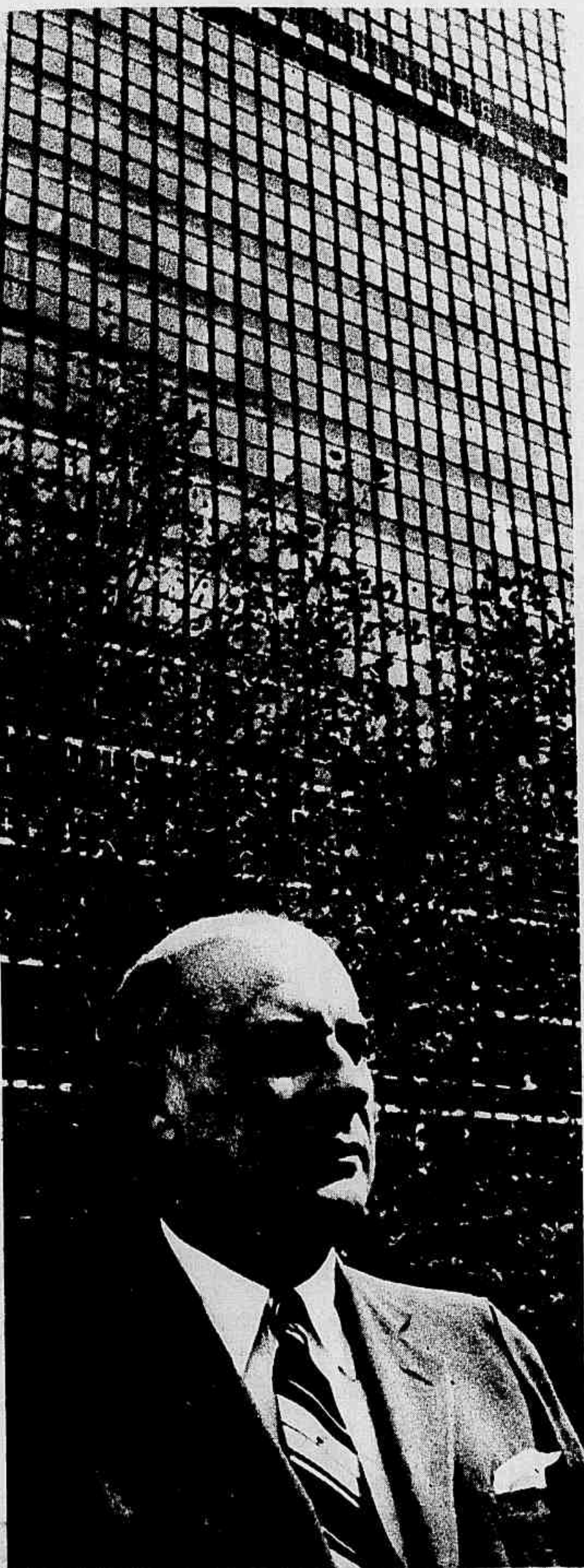
Um dia o Presidente Vargas pediu ao Itamarati um resumo da política exterior do Brasil, aí por 1937. O Itamarati enviou ao Presidente um relatório massudo e pomposo. Vargas não gostou e explicou que já tinha muitos relatórios. Desejava era um resumo interpretativo. Mauro de Freitas, então secretário da Presidência, lembrou que conhecia um jornalista capaz de fazer o que Getúlio queria. O jornalista era Jaime de Barros, que fez um estudo magnífico. No dia seguinte recado de Mauro para Jaime: «o Presidente quer vê-lo». Resposta de Jaime para Mauro: «vou imediatamente».

Getúlio Vargas recebeu Jaime de Barros e discutiu longamente com ele o trabalho recebido e já lido. Era justamente o que desejava. Depois de longo bate-papo, perguntou a Jaime de Barros — «O Senhor precisa alguma coisa do Governo?», Jaime disse que não. Tinha porém muita atração pela diplomacia. Getúlio lhe ofereceu um cargo de procurador da Justiça do Trabalho. Mais tarde, depois de uma conversa com Mauro de Freitas e Edmundo da Luz Pinto, Jaime se decidiu pelo Itamarati: «Edmundo da Luz Pinto me dissera que o melhor mesmo seria ficar na sala de visitas do país».

Começou a carreira diplomática e continuou escrevendo. Tem a impressão que seu entusiasmo pela diplomacia lhe fora transmitido pelo chanceler José Carlos de Macedo Soares, atual Ministro de Estado.

Foi diretor do «Diário da Noite». Principal redator de «O Jornal». Crítico literário. Novos livros surgiram: «A Política Exterior do Brasil», «Espelho dos Livros», «Poetas do Brasil». Embrenhou-se no Itamarati. Durante oito anos lhe ofereceram postos. Não aceitou: «A sensação humana e telúrica da pátria me prendia».

Finalmente teve que ir para o exterior. Aí sempre foi o amigo do Brasil e dos brasileiros. No momento em que fazia essa entrevista pediu-me para que ouvisse no telefone uma música. E ouvi aqui no Rio o «Azulão» do nosso sempre lembrado Jaime Ovalle. Vive assim em Nova York o escritor e diplomata Jaime de Barros. De vez em quando a sua casa transborda: é o vatapá que D. Marina Barros oferece. Vatapá autêntico feito pela Iracema. Durante a recente estada de Villa-Lobos D. Marina promoveu em sua casa um concerto para festejar o aniversário do maestro, com orquestra e tudo. O casal é infatigável e é mesmo de causar inveja. E assim serve admiravelmente ao Brasil, com humanidade, com carinho, com indistacável alegria, sem nenhum ranço de dever.



DE NOVA YORK, ESPECIALMENTE PARA VOCÊS:

Um milhão e duzentas mil pessoas (estimativa do «The New York Times») compareceram à parada da Primavera na Quinta Avenida. O mesmo jornal distinguiu como a moça mais elegante do desfile a Senhorita Nancy Walter, com um belo chapéu de flores naturais e sua estola de «mink».

«Calypso», dança e música de Trinidad, está se divulgando muito em Nova York. O ritmo é uma mistura de mambo, rumba e samba. A orquestra negra de «Calypso Room» está fazendo um grande sucesso.

Teve péssima repercussão o fato do Senhor Francisco Medaglia, chefe do Escritório Comercial, ter negado um certificado aos diretores do pavilhão brasileiro que facilitaria a isenção de

taxas municipais e estaduais, o que representaria uma boa economia.

O Senhor Philip Cortney, presidente da Coty Internacional, foi eleito presidente do Conselho da Câmara Internacional de Comércio. O Senhor Coty tem a intenção de visitar o Brasil.

O Reverendo John Heuss condenou o «mambo-jambo» numa exortação aos católicos feita durante a Páscoa.

Por iniciativa do diretor do Departamento Latino, a direção geral do New York Hotel pôs à disposição da Senhora Parsifal Barroso uma «suite». A esposa do ministro do Trabalho continua sendo muito homenageada nos «States».

Foi comemorado o «Dia do Brasil» na Feira Internacional com a presença de centenas de pessoas, que beberam muito mate e café. Um americano perguntou a certa altura: «Este mate é do Brasil?». A moça respondeu que sim. E o americano interrogou outra vez: «E a água também é do Brasil?».

Verdadeiramente decepcionante é o «stand» da Bahia na Feira Internacional. Até um grupo de santos antigos e esculturas populares foram emprestados pela Senhora Dora Vasconcelos.

Por hoje é só. Segunda-feira, novamente, com vocês.



◆ Estas jovens, da melhor sociedade londrina são as fundadoras do «Clube das fumadoras de cachimbo». Reunem-se diariamente em Londres, e entregam-se ao doce prazer do fumo, sob a proteção da lei. Noutros tempos, aí por volta de 1500, a mesma coisa, na mesma Londres, era punida com a pena de morte. Os tempos mudam, diria o Conselheiro Acácio.

P
Ê
D

◆ Dep
(que p
Brigitte
que o
o divó

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS

♦ Silvana Mangano de frente e de costas,
durante os trabalhos de seu último filme, na Tailândia.

Silvana, que está cada dia mais bonita,
teve nesse filme o papel mais dramático de sua carreira. E a
filmagem também não foi calma e teve que ser interrompida
três vêzes em virtude de acidentes.



♦ Depois de terminar seu trabalho no filme «Deus criou a mulher»
(que provocou em França enorme polêmica e controvérsia).
Brigitte Bardot foi descansar um pouco em Cannes. Nada mais fácil portanto
que o seu encontro com Picasso (foto). Brigitte, que recentemente obteve
o divórcio, observa atentamente Picasso trabalhar uma cerâmica.



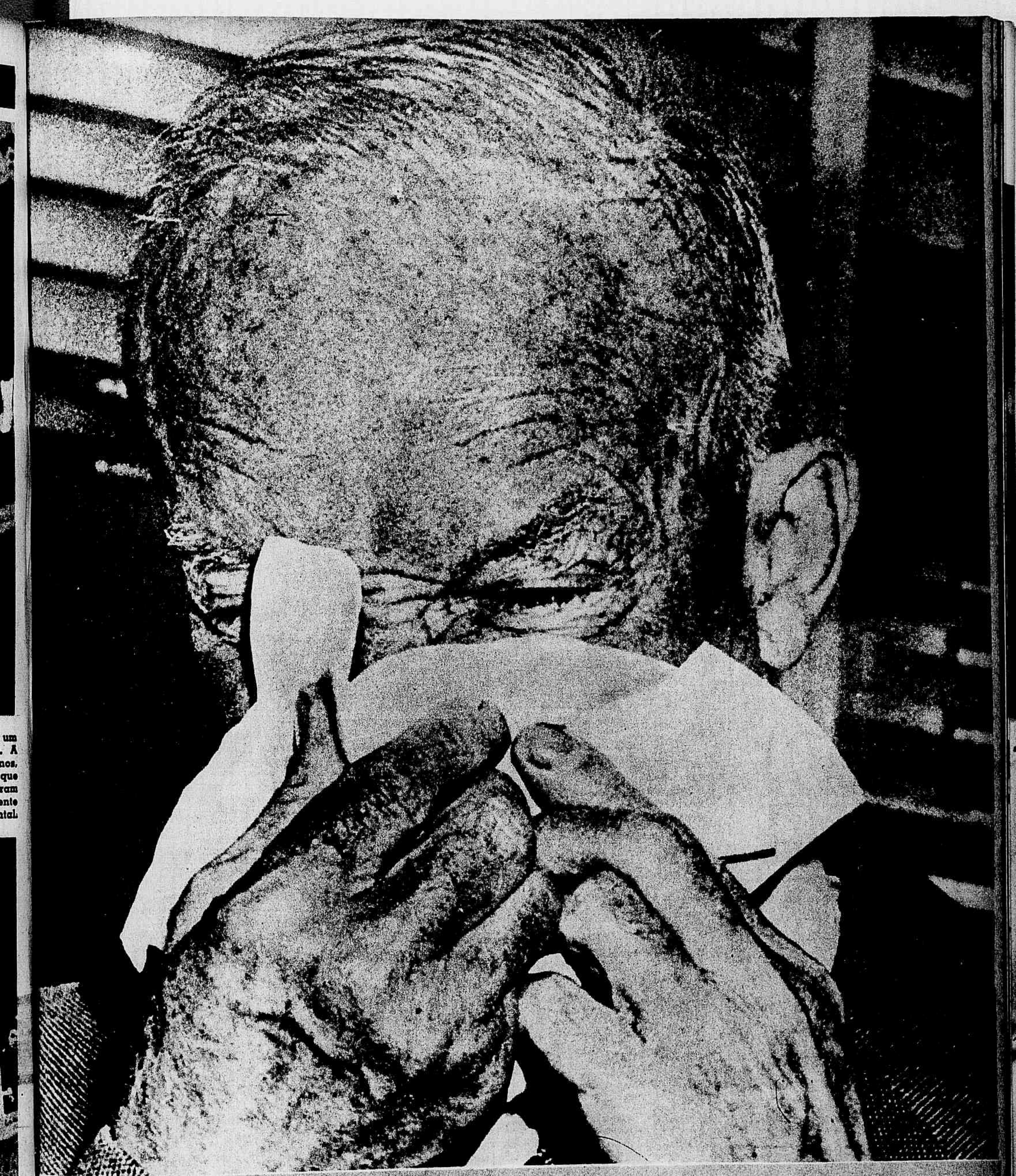


**DESFILE DE MODA
NUM MAGAZINE
DA RÚSSIA VERMELHA**

◆ Obteve um grande sucesso da Rússia, o desfile de modas organizado por um magazine (de propriedade do Estado), assistido por centenas de mulheres. A modelo principal (foto acima) é Tamara Ningarsutdinova, uma moça de 21 anos, muito bonita e que é muito popular. Ela ganha mil rublos por mês, o que é um ordenado bastante modesto para as suas qualidades. No desfile, foram apresentados também alguns modelos de casacos. Pode-se ver facilmente que a moda russa está um pouco antiquada em relação à moda ocidental.



um
A
nos,
que
ram
ente
atal.



◆ Em determinado momento, mais importante do que as notícias de Israel ou de Gaza, era o resfriado de Eisenhower. Os médicos do Presidente ficaram inquietos, e todo o Walter Reed Hospital foi requisitado para debelar o mal. O primeiro diagnóstico dizia: «tracheíte». Repouso absoluto foi receitado para o Presidente. Os espirros (foto) eram constantes, e não havia lenço que chegasse. Mas finalmente depois de 8 dias, o inimigo foi vencido e a paz voltou à Casa Branca. E seus auxiliares, mais tranquilos, voltaram a pensar na guerra do Egito.

ESPLENDORES E MISÉRIAS DO TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA

CRISE DE LIDERANÇA NO ELENCO MAIS IMPORTANTE DO BRASIL ★ FRACASSOS DE BILHETERIA E SUCESSOS ARTÍSTICOS ★ INDISCIPLINA E DEBANDADA DE ATORES ★ A NOVA POSIÇÃO (EM REPERTÓRIO) DO TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA ★ ZAMPARI, CACILDA BECKER E MAURICE VANNEAU

Por PAULO FRANCIS



EM nove anos de atividades, o Teatro Brasileiro de Comédia jamais havia experimentado a falta total de público durante a carreira de uma peça. Isto aconteceu com "Leonor de Mendonça", de Gonçalves Dias. Foi numa quarta-feira, há três semanas, quando não foram vendidas sequer dez entradas, o mínimo convencionado para que haja espetáculo. A vergonha é do público. Já comentamos a qualidade do texto e do espetáculo. Resta estabelecer as causas de seu fracasso popular, que prenuncia maus dias para o Teatro Brasileiro de Comédia — para o teatro brasileiro.

Levantou-se a suspeita de que teria havido sabotagem dos dirigentes da companhia contra seus próprios interesses. Algo de semelhante já fôra propalado sobre "As Provas de Amor", de João Bethencourt, encenada em S. Paulo. A esse respeito, temos o depoimento escrito do Sumo Pontífice da crítica de lá, Décio de Almeida Prado. Explica-se: "As Provas de Amor" é original brasileiro. Goza o TBC a fama de anti-nacionalista em

♦ **CACILDA BECKER** — Cacilda Becker é a vedeta do TBC por direito e por força. Possui falhas como atriz e graves: 1) sua voz é monocórdica e assume freqüentemente uma cadência radiofônica; 2) fala com um sotaque italo-paulista, que, depois de ouvido por algum tempo, torna-se soporífero. Estes, todavia, são defeitos de uma qualidade. Em certos papéis, Cacilda revela uma intensidade de propósito e inteligência técnica, de que nenhuma de suas colegas pode gabar-se impunemente. Sua saída iminente do TBC é o maior golpe sofrido pela companhia em crise. Marca o fim de uma era. Cacilda reinou no TBC desde os seus primórdios profissionais. Nêle realizou-se como intérprete, às duras penas, colhendo êxitos e fracassos em igual proporção. Sua história no palco é a história do teatro em ponto menor. Segundo se diz, Cacilda nunca permitiu rivais, livrando-se delas sem dó nem piedade. Se isto é verdade, do que duvidamos (Cleide Iaconis e Fernanda Montenegro lideram presentemente os elencos do Rio e de São Paulo), não vemos porque apedrejá-la. Somente ingênuos se conduzem de outra maneira em um meio ultra-competitivo como é o teatro. E há raras exceções à regra. Se fôr verdade o que dizem a seu respeito, Cacilda pode fazer côro com William Faulkner, quando este justifica o comportamento humano do artista. Diz Faulkner da relação do artista com sua mãe: «Ode a uma Urna Grega» (Keats) vale meia-dúzia de velhas senhoras».

Deve-se a Franco Zampari o financiamento contínuo do T.B.C. por quase nove anos. Se o dinheiro lhe pertence ou não, é irrelevante. Na pior das hipóteses, Zampari age como intermediário insubstituível de bens alheios. Sem ele, o T.B.C. seria outro grupo amador de S. Paulo.

A

CIS

de
de
ceu
Foi
ndi-
que
s a
sas
a o

dos
lgo
or",
ito,
lá,
" é
em



(CONTINUA)

ESPLENDORES E MISÉRIAS DO TEATRO BRASILEIRO



Cacilda Becker e Walmor Chagas em «Gata em Teto de Zinco Quente», de Tennessee Williams, que será o próximo cartaz do TBC. Os dois intérpretes desligaram-se do elenco para formar companhia própria.

materia de repertório. Fêz-se uma lei para torná-lo "nosso". Esta impinge às companhias a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, proporcionando um de seus associados nativos por dois estrangeiros. Apontamos em REVISTA DA SEMANA (16-2-1957) o endereço certo da lei. Tivesse o governo levado a cabo um levantamento estatístico da oferta e procura do autor nacional, não se teria imiscuído na vida privada das compa-

nhas. Estas já encenavam o produto da terra, com regularidade, antes de sua imposição legal. A exceção era o TBC, o Bezerro de Ouro do mercado teatral do país, o veículo mais cobiçado das ambições da SBAT. Esse, o histórico da lei. "As Provas de Amor" e "Leonor de Mendonça" inauguraram oficialmente a era do autor brasileiro no TBC. Não causa surpresa que os sanguessugas do "Teatro é Nosso" atribuam a sabotagem o insucesso de ambos os espetáculos. Nenhuma outra justificativa lhes permitiria um bom augúrio para suas contas bancárias.

O espetáculo baseado em "As Provas de Amor" foi reconhecidamente mau. Contribuiu para tanto a indisciplina de alguns intérpretes. Isto afirmam Décio de Almeida Prado e outros observadores de "bona fide". Já "Leonor de Mendonça" evidencia o apuro técnico de que é capaz o TBC. Onde a conexão maquiavélica?

Sabotagem pressupõe premeditação. Quem tem idéia da situação interna do TBC, sabe que isto seria impossível nas condições presentes: os salários são pagos com algum atraso; já se falou no fechamento parcial da empresa. "As Provas de Amor" e "Leonor de Mendonça" contribuíram para o declínio econômico do TBC. A primeira peça obrigou o teatro a fechar as portas durante vinte dias. A segunda, embora tivesse os preços reduzidos para Cr\$ 35,00, abrindo um precedente até nas temporadas populares do TBC, permaneceu praticamente às moscas. A vocação suicida dos dirigentes da companhia tem os seus limites.

A questão pseudo-nacionalista é apenas um elemento da crise que defronta o TBC. Há perto de ano e meio, um de seus elencos perde dinheiro, sem distinção de repertório. Subsiste o restante sob o patrocínio de "A Casa de Chá do Luar de Agosto", de John Patrick, e de "Nossa Vida com Papai", de Russell Crouse e Howard Lindsay, produtos que restringem o TBC à categoria comercial. O desligamento de atores como Paulo Autran e Tônia Carrero, mostra sinais de converter-se numa debandada geral. Desde a saída de Adolfo Celli da direção artística, que coincide com o princípio das rendas decrescentes, inexistiu liderança — isto para nos expressarmos polidamente.

O Teatro Brasileiro de Comédia surgiu da fusão de duas forças aparentemente antagônicas. É uma delas o espírito industrial paulista, com tudo de positivo e de negativo que contém. Daí a eficiência material sempre presente nos espetáculos da companhia e seu fausto muitas vezes absurdo. Eis a última característica em ação: Maurício Barroso trocava cinco vezes de camisa em "A Dama das Camélias". Dumas não pedia isso, e o público nada percebia. Esse requinte trai a mentalidade do "nouveau riche". A outra força é a tradição cultural iniciada por "Os Comediantes", de que o TBC veio a ser o herdeiro. A mesma foi trocada em miúdos para os capitães de indústria por intelectuais paulistas. Seguiu-se a importação de "grande repertório", de profissionais, de técnicas, etc. Com o TBC, o moderno teatro brasileiro ganhou identidade econômica.

Permanece presente, todavia, o antagonismo entre dinheiro e teatro-cultura. Um industrial realizado raramente se mete com arte por vocação. Não queremos ser simplistas. Existem exceções que confirmam a regra. Para o homem de negócios típico, ser o patrocinador de movimentos artísticos é mais um troféu para sua vaidade. Não há dúvida de que, de uma atitude como essa, veio à luz o TBC. Ou, nas palavras de Franco Zampari, o dono do negócio, emergiu o TBC de um copo de uísque bebido em companhia de outros grã-finos na "boite" Oásis. Antes disso do que televisão. Enquanto foi permitido a profissionais como Adolfo Celli manejar as rédeas da companhia,

DE COMÉDIA



«Uma Certa Cabana», de André Roussin, foi sucesso de bilheteria do T.B.C. Trata-se, aliás, de um mero caça-níqueis teatral, como tôdas as peças de Roussin. Tônia Carrero, Paulo Autran e Maurício Barroso eram os protagonistas do espetáculo.

houve equilíbrio entre comércio e teatro. Com a sua vinda para cá, o TBC "estragou-se". Em S. Paulo tinha um público. No Rio, teve o povo. Com êste, vieram as rendas acima das despesas. O divertimento converteu-se em negócio. Artistas nada entendem de negócios. Zampari tomou as rédeas e perdeu as estribeiras.

Havia escolhido mal o momento. A platéia carioca já se havia habituado a ver bom teatro. Não existia mais aquela corrida sôfrega por um bilhete do Ginástico, que ocorrera na primeira temporada. Enquanto isso, surgiam competidores para o TBC. Nem mesmo o talento açambarcador de Franco Zampari conseguiu eclipsá-los de todo.

Parece o TBC disposto a converter-se na "Casa de Chá do Luar de Agosto" do público brasileiro. A tentação é compreensível. A peça de John Patrick rendeu Cr\$ 17.000.000,00. "Macbeth" e "Leonor de Mendonça" jamais poderão competir com essas cifras, mesmo se a sua publicidade não ficasse a cargo de ineptos congênitos. Por outro lado, dosar o repertório como se faz atualmente, nunca dará certo. O público é como um viciado em drogas. As injeções de sentimentalismo e de lisonja que recebe de uma "Nossa Vida com Papai", só podem indispor-lo contra um tratamento de realidade shakespereana, principalmente se o mesmo fôr em caráter temporário. Entre o bom e o

♦ **MAURICE VANEAU** — Desembarcando no Brasil, Maurice Vaneau assumiu a pose clássica do europeu em face da cultura norte-americana. Assim, investiu contra o teatro dos EE. UU., executando apenas o gênero musicado. Em seguida, escolheu para seu «debut» entre nós, a comédia norte-americana «A Casa de Chá do Luar de Agosto», de John Patrick. No programa do espetáculo, informou-nos de sua posição diante da dramaturgia moderna: «Os autores cada vez mais se apaixonam por peças tétricas e assuntos mórbidos, mostrando predileção pelas heroínas frustradas e pelos homossexuais. Abrem-se de par em par as portas do repertório americano diante do Dr. Kinsey e, em lugar do diálogo de amor de Romeu e Julieta, dão-nos uma conferência sobre o comportamento sexual do homem e da mulher. Para mim, nada há mais enfadonho que êsses autores, de cujas peças hão de sorrir um dia, as futuras gerações». Em seguida, escolheu para dirigir «A Gata em Teto de Zinco Quente» de Tennessee Williams, que é precisamente o que êle condenou acima. Essas contradições, no que pese o talento e a competência demonstradas por Vaneau em «A Casa de Chá...», não deixam uma impressão muito lisonjeira de sua personalidade. Atualmente, Maurice Vaneau é o diretor artístico do TBC. Vem de pedir demissão dêste cargo que disputou com unhas e dentes a seus colegas.



Célia Biar, Leo Villar e Walmor Chagas em «Gata em Teto de Zinco Quente», o espetáculo com que o T.B.C. espera ressarcir-se de seus recentes prejuízos.

menos bom, êle preferirá sempre o segundo, e repelirá o primeiro.

Como quase todos os movimentos artísticos que visam a chegar ao povo, na era do entretenimento em massa, o TBC deixou-se corromper pelo meio-ambiente. E isto é uma pena, se levarmos em conta o seu nível profissional, ainda inigualado no Brasil.



A MOÇA DA SEMANA

Juçara Nei — também conhecida na noite vadia como «a tal» — beleza mestiça dos «shows» da «boite» «Night and Day» de Djalma Monte.

Dois milhões de cruzeiros, livres de despesas, receberá Edith Piaf por vinte e oito dias de atuação no Copacabana Palace, despesas que incluem passagens e estada para as seis pessoas de sua comitiva, também as taxas do Imposto de Renda.

«Biboca» será o nome de uma



NANCI MONTEZ
Sem rebolado também se vive

CRÔNICA

ÊSSE RAPAZ VAI LONGE...

◆ Surgiu fazendo caretas para o respeitável público, enquanto lá atrás o disco chiava o «C'est si bon» de Trenet. Ganhou aplausos. Animou-se com o êxito inicial e partiu para novas empreitadas. Estávamos diante de uma revelação, como tantas outras aparecidas ultimamente, turiferadas pelo açodamento botocudo. Se usasse saias, teria sido mais uma conseqüência daquele livro do genial Juvet, cujo título, se traduzido para o idioma indígena, provocaria «frissons» pudicos no sr. Hildon Rocha. As palmas que coroavam a mímica grotesca da canção parisiense foram o estalo providencial para o gênio enrustido. Percebeu, de logo, que os seus dotes artísticos não poderiam sofrer as limitações de um contrato como qualquer ator. Fêz-se empresário, que a terra, desde o seu descobrimento, traz o estigma da aventura. Se a sua companhia fracassou em poucos dias, a culpa não lhe coube. O elenco, sim, não tinha a necessária sustentação para a sua grande estrêla, ele mesmo, éra pois. Não se intimidou, que êsses mundos pertencem aos audaciosos. Excursionou pelos brasis a dentro, apresentando números dos quais se fêz autor por osmose e a ausência dos legítimos donos e lhe dava precioso estímulo. O seu forte, entretanto, era fazer caretas e continuou a fazê-las. No palco e fora dêle. Apoderou-se de um excelente monólogo sobre as coisas da televisão e, enxertando-lhe por conta própria três piadas de mau gosto, dêle julgou-se co-autor. Quando um ator de fato representou o mesmo monólogo, seguindo o texto como os autores escreveram, recebeu acerba crítica por ter dispensado a sua preciosa «colaboração...» Foi, não faz tempo, contratado por uma companhia de revistas e só fêz exigências. Sim, o importante era exigir. Queria quadros montados à sua moda e um anúncio luminoso bem grande com o seu augusto nome na fachada. Conseguiu que o letreiro fosse executado, mas haviam cometido um engano imperdoável. As letras do seu nome perdiam em milímetros para o da «estrêla» da companhia. Um absurdo e, como tal, abandonou o elenco. Passou a contar piadas pelas esquinas. Quando soube que, num dos palcos da cidade, havia um «sketch» de autores consagrados, baseado numa anedota popular, foi aos jornais e protestou. Roubavam-lhe a idéia. A piada era dêle, o fazedor de caretas na frente de um disco, credencial que lhe servia de gabari para a imposição de todo o seu valor espoliado...

O moço Badaró é bem um símbolo dêsse teatro raquítico, capenga e golpista que faz sede nas esquinas da Praça Tiradentes — o viveiro dos gênios. É possível até que o rapaz tenha talento. Avaramente, porém, não o mostra a ninguém. Pelo caminho da aventura, onde trilham tantas nulidades pátrias, êle sabe que conseguirá o seu intento. E ninguém duvida. Ainda irá muito longe.

Consumação mínima

pequena «boite» que surgirá nas imediações do «Sacha's», já em fase de decoração.

Daisy May reaparece em grande forma plástica e artística em «Rumo à Brasília», dando um «show» de graciosidade em cena.

já está em funcionamento o Teatrinho do Leme.

A moça Nancy Montez, que aportou nestas plagas como simples rumbeira, está mostrando apreciáveis qualidades, outras na revista «É Fogo na Bica».

Além de Enzele Cardoso — o magnífico — outro excelente cantor volta à noite vadia após dois anos de ausência. O Bacará conseguiu camover Loretas Durand ao seu propósito de privar os notáveis de sua belíssima voz por mais tempo.

Como já se tem a tradição, o guarda-roupa sob a responsabilidade de Maria Gisela, será o grande trunfo do «Mister Bambas» «show» biográfico de Amíl Barroso, com «script» de Maria Mello Guimarães.

Quando esta edição estiver circulando, é bem possível que a «boite» Beguin já esteja reaberta com a apresentação de um grande cartaz internacional e sob a direção do sr. Eduardo Tapajós.

«Noite Vadia» registra com imenso pesar o trágico desaparecimento da vedeta Zaquia Jorge, a pioneira do teatro nos subúrbios.

Reformação, mais amplo e com capacidade para 157 espectadores,



DAISY MAY
Quem quer ir para Brasília?



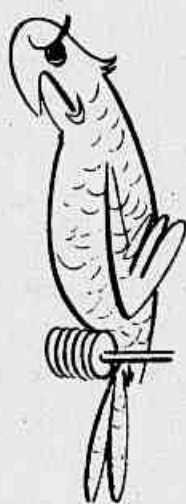
A ARARA TOPOU

... o gesto de Geisa Bóscoli dispensando todo o elenco de apresentar a revista «TV-Para Crer», no dia em que o seu primeiro ator Rui Cavalcânti perdia trágicamente um ente querido. E topou mais ainda a atitude do Rui Cavalcânti que, assim mesmo, compareceu para trabalhar e, enquanto as lágrimas lhe saltavam dos olhos, arrancava gargalhadas da platéia. «The show must go on», como adora dizer o Zé novel beletista dos pampas.



A ARARA CHUTOU

... a descortesia do Copacabana Palace não convidando a crônica especializada para a estréia de Edith Piaf. Fosse uma das muitas e ilustres canastronas que, vez por outra, desfilam no Copa e o seu «public-relations», Oscar Ornstein, desmanchar-se-ia em salamaques, distribuiria discos aos menos avisados, para a garantia de um sucesso de «araque». Com a grande Piaf, porém, basta que os convites fiquem circunscritos à «panelinha» dos amigos do «public-relations».



PAULO ROBERTO — médico e radialista — responde PÃO, PÃO, QUEIJO, QUEIJO.

«O MAL DA OPERAÇÃO COPACABANA É QUE ELA VAI SER TENTADA SEM ANESTESIA GERAL...»

Pão — Como você se chama no século?

QUEIJO — José. E como o nome é muito longo, meus íntimos, íntimos e familiares, reduzem o nome para Zé!

Pão — Sendo também obstetra famoso, você acha que a noite é uma criança?

QUEIJO — Não. Estou com Antônio Maria: a noite é grande.

Pão — Os seus conhecimentos médicos resolveriam a tão propalada «Operação Copacabana»?

QUEIJO — O mal é que vão tentar a «operação» sem anestesia geral...

Pão — E será um parto da montanha?

QUEIJO — Não examinei bem o caso.

Pão — Existem, na medicina, problemas que não vão «além de dois minutos»?

QUEIJO — O da gestação, por exemplo.

Pão — Como médico, você tem mais necessidade de um automóvel do que um deputado?

QUEIJO — Um deputado que parte nunca tem tanta pressa como tenho quando... parto (resposta psicografada do velho e querido Raul Pedernheiras).

Pão — Que medicamento você receitaria para os males da juventude transviada?

QUEIJO — Rock'n'rolina em doses maciças.

Pão — Qual a contribuição dos cronistas sociais para a sua cultura científica ou mesmo radiofônica?

QUEIJO — Silêncio. A pergunta é muito «ka» e eu receio dar uma resposta muito «shangai». Catu?

Pão — Você também tem fã-clubes?

QUEIJO — Tenho fãs, tenho clubes, mas não tenho fã-clubes (por enquanto).

Pão — Qual a influência das chamadas «Neslor de Holanda» «macacas de auditório» no seu destino radiofônico?

QUEIJO — Não acho que sejam «macacas».

São torcedoras que vivem por transferência. Tanto faz Emilinha Borba como o Flamengo. Tanto faz Marlene como o Vasco da Gama.

Pão — Você ficaria «arrepiado» se tivesse que escrever um programa ectoplásmico para «A Emissora do Céu»?

QUEIJO — Claassaro!

Pão — A «Lira do Xopotó» daria um «show» de «boite»?

QUEIJO — Não. A minha «Lira do Xopotó» é excessivamente brasileira e toca no claro...

Pão — É certo que, nos meios radiofônicos, quando se pergunta sobre «piche», a resposta fica sempre «de deo em deo»?

QUEIJO — Piche ou pichi?

Pão — Que é um programa de rádio a minuto?

QUEIJO — É o que é feito à minha moda. Não é um grande prato, mas vem chiando na frigideira.

Pão — Cite três fatores negativos do rádio brasileiro?

QUEIJO — Máscara, faixas e improvisação (isso é comigo mesmo).

Pão — E três positivos, para contrabalançar?

QUEIJO — Boa vontade dos ouvintes, ouvintes de boa vontade e boa vontade de um modo geral (isso é com o Alziro Zarur).

Pão — Você acredita deveras no sucesso «americano» de Caubi Peixoto?

QUEIJO — Não sei o que acontece em São Paulo quanto mais em Nova Iorque.

Pão — Se tivesse que escolher entre as suas duas profissões, por qual optaria?

QUEIJO — Tentaria deixar o rádio a pedido dos ouvintes e voltaria ao microfone para atender às clientes.

Pão — Mister Eco perguntou demais?

QUEIJO — Perguntou como quis e eu respondi como pude.

ÊLES EMBALAM A NOITE VADIA...



DJALMA FERREIRA
no «Drink»



CÉSAR SIQUEIRA
no «L e Carroussel»



CARLINHOS
no «CLUB 36»



JOHNNY ALF
no «Baiúca» (SP)

★ AUTOMOVEIS - *Mil* - ACESSORIOS ★



TELEG. 98-A RUA MEXICO 98-A FONES 22-6144
MEMIL 98-A RIO DE JANEIRO 98-A 42-5563
52-1066

Cabelo branco?

Orf-Léne

TINGE MELHOR

Cremoso — Espumoso
de fácil aplicação

**ÓLEO DE
VIOLETAS**

POR SI SÓ!!
Limpa, amacia
e renova a cutis

Marca registrada. A venda
nas Farmácias e Perfumarias
AMÉRICO — 25-2837

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON»
Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50

REVISTA DA SEMANA

8 Cruzeiros

Em todo o Brasil

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA

**ANTI
INFECTUOSA
I.B.M.**

VACCINA ANTI-PYOGENA POLYVALENTE
SERIE UNICA DUAS DOSES
Aprov. m.731 13-3-1923

FALANDO AO LEITOR

● A propósito do «desafio feito aos leitores da REVISTA DA SEMANA, sob o título «DE QUEM SÃO ESTES POEMAS? recebemos do poeta paulista (melhor diríamos nacional) Guilherme de Almeida a seguinte carta:



GUILHERME DE ALMEIDA

São Paulo, abril, 16, 1957.

Senhor Redator

Muito oportunamente, a sua apreciadíssima REVISTA DA SEMANA, aderindo às preocupações de Rubem Braga ao sentir que «a poesia é necessária», lançou um desafio aos seus leitores: cita três sonetos e um poema em versos-brancos, oculta o nome do autor e pergunta quem é ele.

Que alegria, para mim, ver assim divulgados versos de um meu dileto amigo que, não por egoísmo, mas por uma excessiva discreção temperada de modéstia, tem conservado inédita sua obra poética, que é toda espontaneidade. Homem de negócios, industrial, «grand seigneur», expoente da nossa verdadeira aristocracia, que é tanto do espírito quanto do sangue, o autor dos versos em foco é uma prova tácita do quanto é verdadeira a asserção de Rubem Braga: «a poesia é necessária».

Paulo Alvaro de Assunção, no século, Paulo Assunção, nas letras, é o autor de «Imaculada Conceição», «Jesus Crucificado», «A minha filha», «Ciúme» e «Ontem, hoje, amanhã».

Tenho para mim que um verdadeiro poeta terá que ser não só «inspirado», como também «inspirador». Ora, eis que certa vez, lá pelos idos de 1948, distinguiu-me Paulo Assunção com um régio presente: várias peças de produtos de sua indústria têxtil, diversos todos na espécie e padrão. Como retribuir-lhe? — E insensivelmente, por ele inspirado, fui escrevendo as linhas do soneto que ora transcrevo:

O TECELÃO, ISTO É, PAULO ASSUNÇÃO

Artista tecelão! Teces, momento
a momento, o destino; fase a fase,
a existência, num véu de encantamento,
visível ora, ora invisível quase.

Teces: — É lona forte o pensamento,
é um alvo vôo o espírito de gase,
é um veludo macio o gesto lento,
é um furta-côr o tafetá da frase...

Teces. E nos teus teares, noite e dia,
tramando realidade e fantasia,
tule branco de noiva, crepe escuro,

tudo o que teces para nosso gôzo
tem a lisura de um direito airoso
sem a aspereza de um avêso impuro.

Paulo respondeu-me a êsse soneto pela rima. Tais, porém, são as amabilidades que me diz, que a natural modéstia me proíbe transcrevê-lo.

Com minhas saudações cordiais, e o protesto de minha melhor e maior admiração.

(Continua na pág. 36)

ETERNA PRIMAVERA



Vista parcial de AGUAS DA PRATA e do GRANDE HOTEL PRATA.

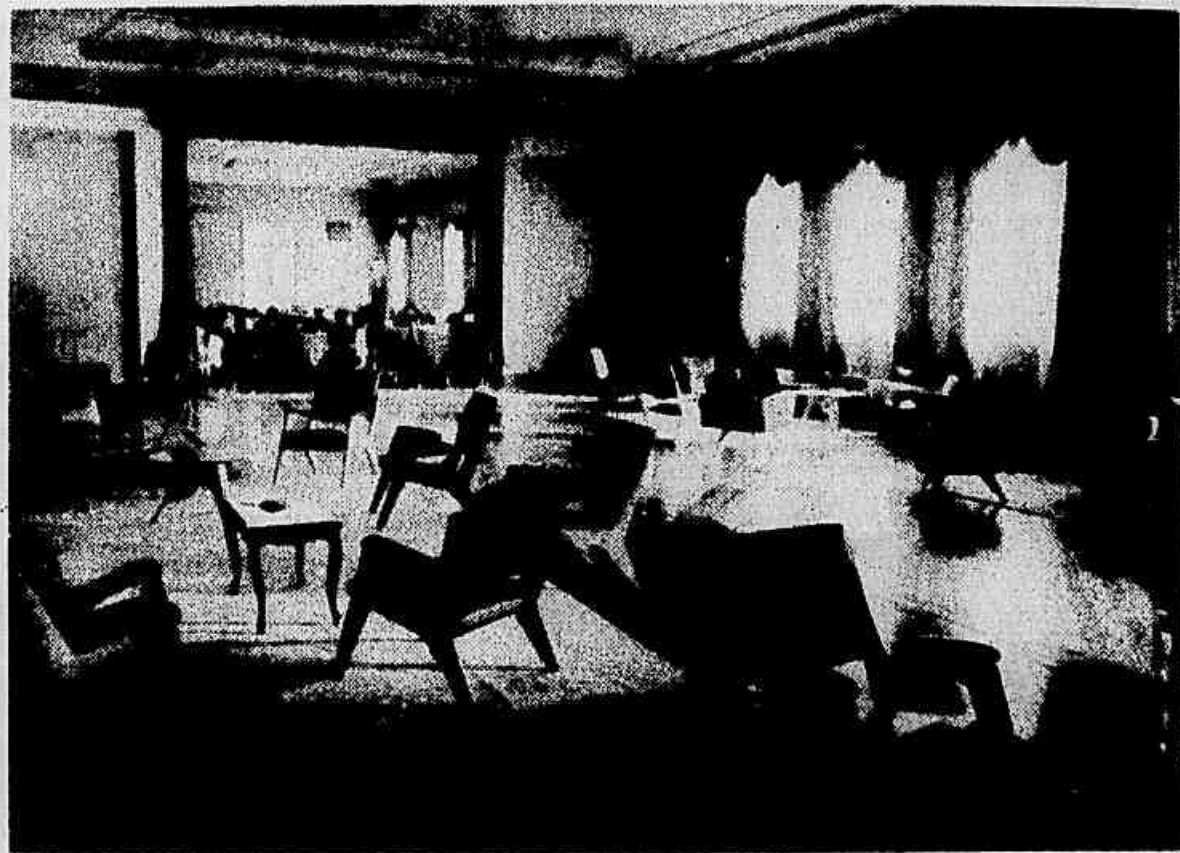
◆ Aguas da Prata goza de um clima privilegiado em todos os meses do ano. Encastada num esconho de verdura, pródiga em águas miraculosas, de temperatura primaveril mesmo na estação invernal. «AGUAS DA PRATA» é o recanto bucólico e maravilhoso para os doentes e para aqueles que precisam de retemperar energias gastas no bulício dos grandes centros urbanos. Situada a 818 metros de altitude, a estância de «AGUAS DA PRATA» é considerada por eminentes clínicos como superior à célebre Vichy, em França, pela presença dos sulfatos em suas águas generosas, sem rival na cura das moléstias do estômago, intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e poderoso auxiliar no tratamento da gota.

AS DADIVAS DA NATUREZA, JUNTOU O HOMEM O CONFORTO DUM GRANDE HOTEL, MODERNO, FAMILIAR E ACOLHEDOR, O

GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece instalações confortáveis — apartamentos com banheiro ou simples quartos — e uma alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

DESCONTOS de 20% NOS MESES DE MAIO A JUNHO E DE AGOSTO A DEZEMBRO



Parte da acolhedora varanda, lugar preferido pelos hóspedes. A direita, aspecto do Salão de Festas, comunicando-se com um dos grandes refeitórios.

Reservas de aposentos: «Exprinter» e outras agências de Turismo, ou diretamente com o Hotel pelos telefones 20, 29 e 4, Aguas da Prata, Est. S. Paulo ◆ AGUAS DA PRATA é servida pelo ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair Nacional Transportes aéreos e Estrada de Ferro da Mogiana.

Literatura e arte

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

NOTAS E INFORMAÇÕES



MANUEL BANDEIRA continua dando aulas na Faculdade Nacional de Filosofia (Literatura Hispano-Americana), apesar de já ter completado, em 1957, setenta e um anos. A lei que manda aposentá-lo com os vencimentos integrais, como prêmio a que realmente fez jus, por toda uma vida de cultura e de poesia, ainda não foi sancionada, dizem as más línguas que devido aos versinhos hostis do poeta, publicados nos jornais contra o atual Governo.

BURRÍSSIMO, o prefácio escrito pelo senhor Cândido Motta Filho para a edição brasileira de «Literatura Européia e Idade Média Latina», há pouco editada pelo Instituto Nacional do Livro. Aliás, quem deveria ter escrito tal prefácio era Augusto Meyer, idealizador da tradução e seu principal animador.

OLIVEIRA BASTOS e os concretos paulistas digladiam-se através das páginas do suplemento do «Jornal do Brasil». Muito justo: roupa suja lava-se mesmo é em casa...

DEPOIS DE «Bôca do Inferno», o contista mineiro Otto Lara Rezende conseguiu **bôca** maior e mais interessante: ministrará aulas de Literatura Brasileira em Bruxelas, durante dois anos, a mil e duzentos dólares por mês.

O SUPLEMENTO dominical «Letras e Artes», do «Diário de Notícias», entrou em nova fase. Conta agora com oito páginas, destaque maior é dado ao noticiário geral, aos ensaios, artigos e entrevistas. Raul Lima continua a dirigi-lo, com a eficiência costumeira.

ATÉ 1958, o P. E. N. Clube do Brasil será orientado pela seguinte diretoria: presidente — Celso Kelly; 7º vice — Peregrino Júnior; 2º vice — Raul Pedrosa; Conselho da Presidência — Austregésilo de Athayde, Cândido Motta Filho, Dinah Silveira de Queiroz, Elmano Cardim, Jayme Adour da Câmara, Jarbas de Carvalho, Castilhos Goycochea, Olegário Mariano, Rodrigo Otávio Filho, Magalhães Júnior; Consultor Jurídico — Thomas Leonardo; Tesoureiro — Aquino Furtado; vice — Nísia Nóbrega Leal; Diretor da Casa Internacional Cláudio de Souza — Faustino Nascimento; Diretores Especializados — Luiz Aníbal Falcão (intercâmbio), Paschoal Carlos Magno (expansão nacional), Valdemar Cavalcanti (concursos), Francisco de Souza Brasil (social e de sede), Maria Wanderley de Menezes (teatro), Arnaldo Brandão (biblioteca), Renato Jobim (publicações), Arnaldo Vicente de Carvalho (atas, correspondência), Saldanha Coelho (publicidade); Conselho de Curadores — Barbosa Lima Sobrinho, Levi Carneiro, Aníbal Freire, Herbert Moses, Carlos da Silva Araújo, Heitor Fróes.

«MYRTOS», SERÁ o nome de uma nova revista brasileira de cultura, a aparecer em maio, dirigida pelo escritor Christóvam de Camargo. Não gostamos da frase latina que lhe serve de epígrafe («Commodare aures culturae»), nem mesmo do nome, evocativo, segundo nos explica seu diretor, da antiguidade grega, «grande era luminosa em que havia na terra sabedoria e felicidade»: ambos nos cheiram a um saudosismo irritante, a um neo-parnasianismo de mau gosto. Enfim, esperamos a revista. Quem sabe estamos equivocados?

DARCY DAMASCENO traduziu, há alguns anos, por autorização expressa da Livraria Gallimard, de Paris, o «Cimetière Marin», de Valéry. Publicou-a pelas edições Orfeu, em tiragem limitada a duzentos exemplares. Agora, o mesmo escritor vem de realizar outra tradução do poema famoso de Valéry. Pretende publicá-la, dessa vez em tiragem ampla. Terá de obter, primeiro, nova autorização de Gallimard. O que, acreditamos, não será nada e nada fácil.

REPORTAGEM-MIRIM

PAIS FRUSTRADOS NA POESIA MODERNA

♦ PAIS FRUSTRADOS em razoável quantidade habitam a poesia moderna do Brasil. Agora mesmo estamos publicando o poema em prosa «Rita», de Rubem Braga, onde aparece essa frase, bastante elucidativa daquilo que entendemos por «pais frustrados» da poesia:

Minha filha Rita em meu sonho me sorria — com pena dêste seu pai, que nunca a teve.

O «pai frustrado» pode ser solteirão, como o poeta Manuel Bandeira, casado mas sem filhos, como o poeta Schmidt, ou casado, mas sem filhos homens, como o poeta Drummond. Reparem a choraminga de cada qual, por ser pai frustrado:

Bandeira, que até em francês já disse que «ton bonheur me peut pas être comme celui des autres», naturalmente que para ele mesmo, Bandeira; que «passou a vida à toa, à toa»; que em Passargada garante existir «um processo seguro de impedir a concepção»; cujo «Acalanto de John Talbot» («Dorme, meu filhinho / Dorme sossegado. / Dorme, que a teu lado / Cantarei baixinho») é um cântico alto e puro de pai frustrado, ao fazer seu testamento, em poema, é claro, escreveu êsses versos:

Gosto muito de crianças:
Não tive um filho de meu.
Um filho!... Não foi de jeito...
Mas trago dentro do peito
Meu filho que não nasceu.

Pai frustrado no duro.
Querem agora ver outro? Leiam êsses versos de Augusto Frederico Schmidt, grande poeta, grande industrial, homem vitorioso em quase tudo — menos na paternidade:

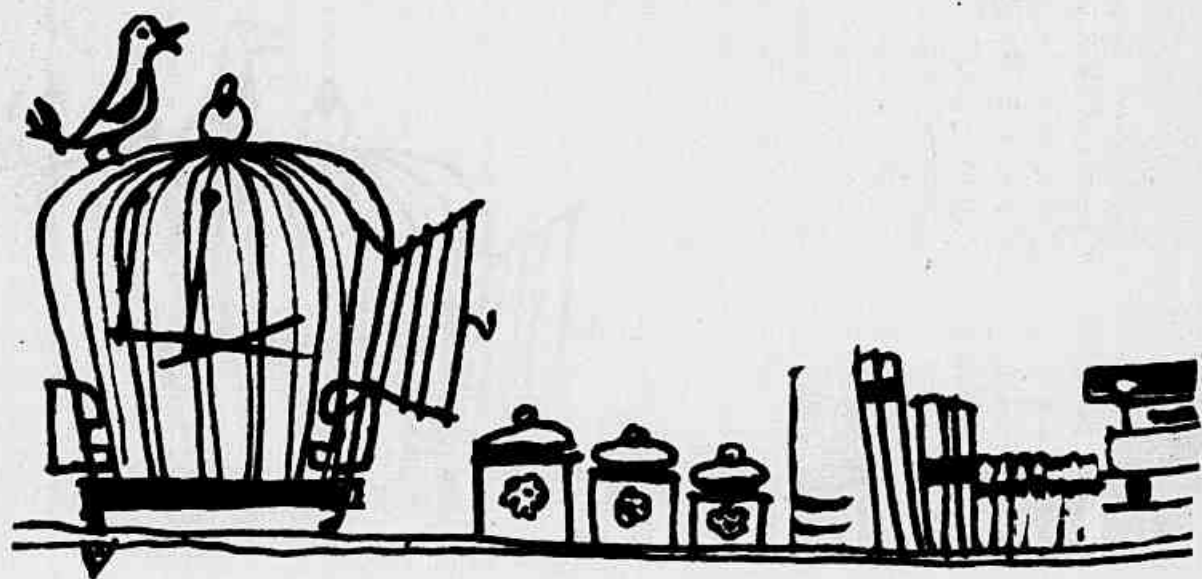
Meu coração paterno está vazio.
Ninguém o virá habitar!
A ninguém transmitirei êsse amor
Puro e perfeito, que nada exige ou reclama.
A ninguém poderei dar o meu carinho paterno.
E a minha experiência de criança voltará comigo
Para a grande noite próxima.
Os meus pobres traços, não os herdará ninguém.
E desaparecerá contigo — ó tu que não vieste jamais
E que sinto misterioso e vivo, ao afagar cabelos que não cresceram
E mãos que não chegaram a se modelar.

Viram só? Cantilena de pai frustrado, sem tirar nem pôr.
Outro pai frustrado é Carlos Drummond de Andrade. Dir-me-ão que êsse tem uma filha, e é verdade. Mas filho, não. E isso motivou-lhe um poema, aliás belíssimo:

O filho que não fiz
hoje seria homem.
Ele corre na brisa,
sem carne, sem nome.

Ironia satada: Drummond, que chegou a fabricar um elefante, «de meus poucos recursos», dêle, não teve recursos idênticos para um filho varão. Deu-lhe a vida porém, como compensação, o netinho, Luiz Maurício, já merecedor, em tenra idade, de um poema soberbo, de parte do ilustre avô.

Deve haver outros pais frustrados por aí agora, pela poesia brasileira. Fiquem porém os acima citados como exemplo, e até a próxima.



Rita

★ NO MEIO da noite despertei sonhando com minha filha Rita.
Eu a via nitidamente, na graça de seus cinco anos.

Seus cabelos castanhos — a fila azul — o nariz reto, correto,
os olhos de água, o riso fino, engraçado, brusco...

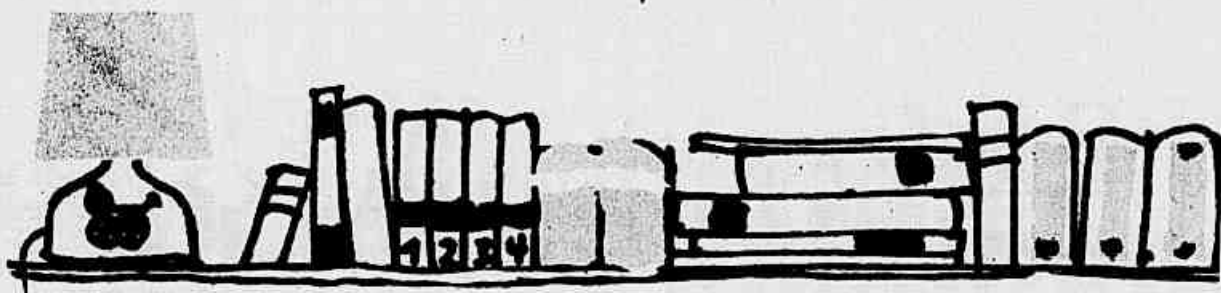
Depois um instante de seriedade; minha filha Rita encarando a
vida sem medo, mas séria, com dignidade.

Rita ouvindo música; vendo campos, mares, montanhas; ouvin-
do de seu pai o pouco, o nada que ele sabe das coisas, mas pe-
gando dele seu jeito de amar — sério, quieto, devagar.

Eu lhe traria caju amarelos e vermelhos, seus olhos brilhariam
de prazer. Eu lhe ensinaria a palavra cica, e também a amar os
bichos tristes, a anta e a pequena cutia; e o córrego; e a nuvem
tangida pela viração.

Minha filha Rita em meu sonho me sorria — com pena deste
seu pai, que nunca a teve.

RUBEM BRAGA



LIVROS EM DESFILE

Cotação: * ruim; ** medíocre; *** regular; **** bom;
***** muito bom

«MINHA FORMAÇÃO», livro já clássico da Literatura Brasileira, acaba de merecer as honras de uma reedição — aliás, o volume não diz o número da edição presente —, na conhecida coleção «Documentos Brasileiros», da Livraria José Olímpio. Voltaremos a tratar desse livro, que só agora tivemos a oportunidade de ler (Livraria José Olímpio Editôra, Rio de Janeiro, 1957. 258 páginas).

CIRO PIMENTEL, poeta paulista, envia-nos sua «Breve Antologia da Poesia Nova Brasileira», editada em Portugal, em separata da revista «Quatro Ventos». São estudados os seguintes poetas, em traços sumários e pouco elucidativos: João Cabral, Domingos Carvalho da Silva, Bueno de Rivera, Marcos Konder Reis, Lêdo Ivo, Geraldo Vidigal, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Darci Damasceno, Mário da Silva Brito, José Paulo Moreira da Fonseca, Milton de Lima e Souza, Afonso Felix de Souza, Ciro Pimentel, José Escobar Faria, Adelaide Petters Lessa, Reinaldo Bairão, Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Paulo Mendes Campos, Augusto de Campos e Ferreira Gullar. Um só poema de cada autor é apre-

sentado — o que é muito pouco para dar uma visão do poeta ao leitor. Porém, essa é uma antologia pequenina, cuja finalidade é divulgar em Portugal, onde são desconhecidos, os nomes de um grupo de poetas brasileiros que já se tornaram fartamente notáveis no Brasil. Sob esse prisma, a iniciativa é das mais simpáticas (Edição Quatro Ventos, Braga, 1956. 26 páginas).

RUBEM BRAGA reuniu em livro algumas de suas melhores crônicas, publicadas no «Correio da Manhã» entre 1953 e 1955. O resultado é esse «A Cidade e a Roça», com bela capa de Atos Bulcão. As crônicas são uma gostosura, escritas com um estilo personalíssimo, fluentes e terrivelmente poéticas. O colunista, que não apreciava, confessa, o gênero, sente-se possuído de uma quase ternura pelo mesmo, por obra e graça do admirável cronista Braga. E sente-se na obrigação de transcrever, integralmente, esse lindo poema em prosa que se chama «Rita» (Livraria José Olímpio Editôra, Rio de Janeiro, 1957. Capa de Atos Bulcão, 179 páginas. Cotação: ****).

OS "MARIDOS ENGANADOS" E A ARTE MODERNA

♦ SALVADOR DALI, um dos tipos mais divertidos do mundo, publicou em fins do ano passado um livrinho, somente agora chegado até nós. Pequenininho, com cerca de cem páginas de tamanho minúsculo e inocente, «Les Cocus du Vieil Art Moderne» (1) parece-nos com certas serpentes diminutas, cujas proporções na razão inversa do poderio de seu veneno. Porque a obrinha de Dali é um libelo violento contra alguns pintores atuais — libelo que procede, até certo ponto. O próprio título do livro é seu mais feliz e sucinto resumo: por meio dele, ficamos inteiramente a par do pensamento daliniano a respeito da pintura moderna. Os «maridos enganados» são os pintores (enganados, segundo Dali, pelo menos em quatro ocasiões: pelo Feio, pelo Moderno, pela Técnica e pelo Abstrato...), e a arte moderna é «velha», porque tudo quanto se chama de «moderno» envelhece rapidamente, cheira mal em pouco tempo...



Para Salvador Dali, o reinado do Feio, em Arte, principiou com Arthur Rimbaud (la beauté s'est assise sur mes genoux et je m'en suis fatigué). Por causa de tais palavras é que um Picasso, por exemplo, «com medo de Bouguereau», fabrica o Feio às toneladas, mais, num só dia, que vários pintores em muitos anos. Em relação ao moderno, já vimos como, para o autor de «A Girafa em Fogo», nada envelhece mais rapidamente que ele.

É contudo ao examinar o problema da Arte Abstrata que Dali tece considerações ao mesmo tempo cômicas e furibundas. O abstracionismo foi resultante do predomínio da técnica. Tanto se aperfeiçoou essa, que o resultado foi a arte abstrata. A respeito de Piet Mondrian, e fazendo um trocadilho intraduzível, critica sonoramente, de maneira fulminante, sua arte hoje tão em evidência pelo mundo inteiro: «Des critiques complètement crétins ont employé, pendant plusieurs années, le nom de Piet Mondrian, comme s'il représentait le summum de toute activité spirituelle. Eh! bien! Piet — c'est moi, Salvador, qui vous le dis, avec un «i» de moins, ce n'eût été qu'un pet».

Bernard Buffet, se tivesse acaso talento, daqui a duzentos anos pintaria como Puvis de Chavannes; Matisse é a apoteose do gênio burguês, pintor de algas, ótimo para facilitar a digestão; o pior do mundo, em todas as épocas: Turner; Le Corbusier é o festejado inventor da arquitetura de «auto-punição»...; «Braque e eu, nós nos cumprimentamos, mas não nos falamos — tal como Voltaire e Deus»; «Ou a beleza é comestível, ou não existe». Tais frases aparecem às dúzias pelo livrinho de Dali, e dão-nos a medida justa de seu pensamento sobre arte e artistas contemporâneos e do passado. Ao finalizar o livro, dá-nos ele em breves frases conselhos sobre o modo pelo qual poderá ainda encontrar a pintura uma salvação extrema:

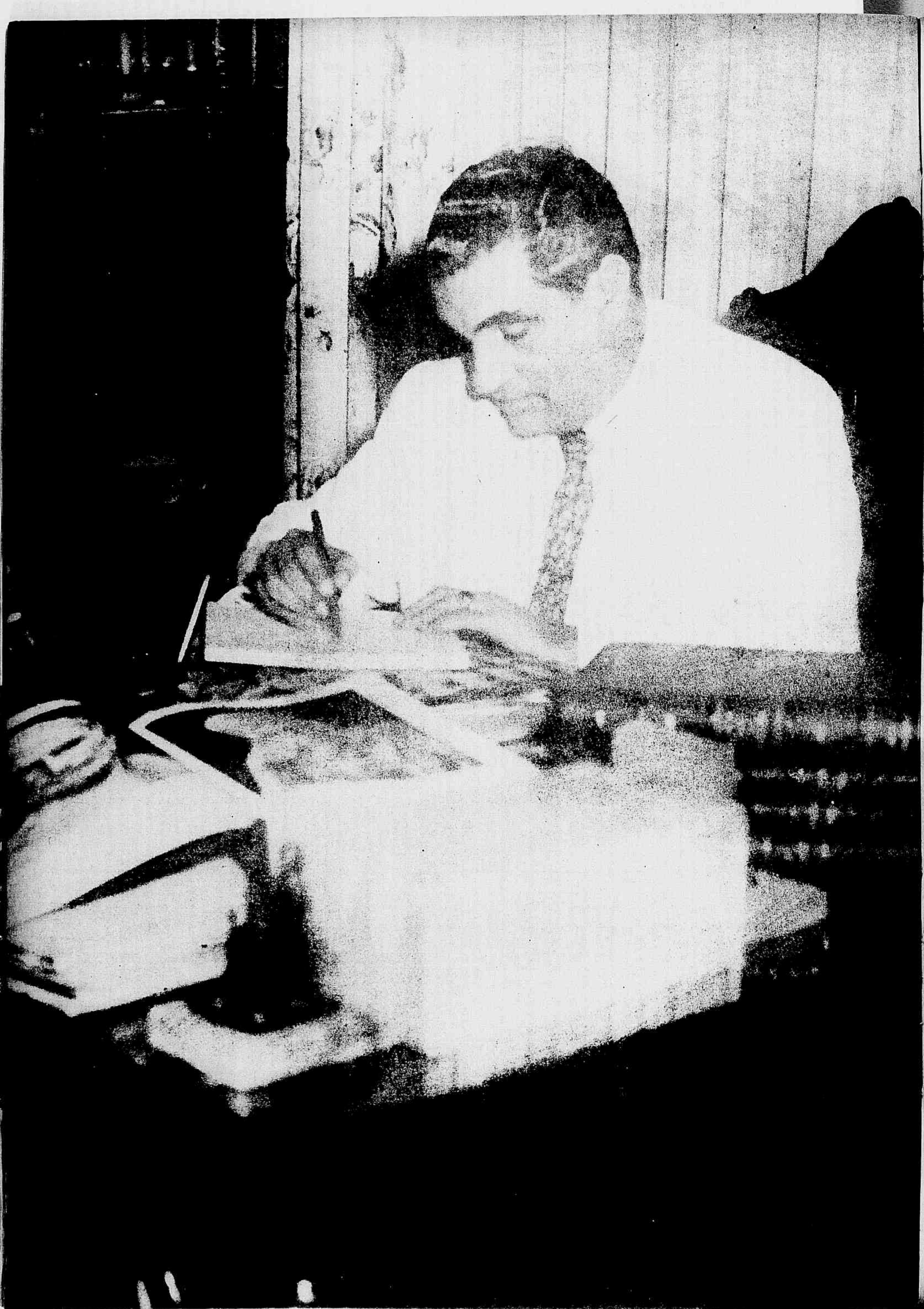
1) os pintores devem ter pelo menos talento (porque é melhor ter gênio...);

2) devem aprender a pintar tão bem como Velasquez. Devem de preferência aprender a pintar como Vermeer;

3) devem possuir uma «cosmogonia monárquica e católica, tão absoluta como possível, e tendências realistas».

O colunista recomenda o livrinho do impagável Dali a todos os seus leitores, que nele poderão aprender muita verdade sobre os complicados pintores de nossa época. Mesmo que nada venham, ao término da leitura, a aprender, não de reconhecer que «Les Cocus du vieil art moderne» é, na pior das hipóteses, um bom auxiliar para as digestões difíceis, poderoso remédio para o tédio e a insipidez...

(1) Salvador Dali: «Les Cocus du vieil Art Moderne». Edition Fasquelle, Collection Libelles. Paris, juin, 1956.



B
D

C

Eldor
da p
aquê
havia
nova
Com
que
Boa V
toman
ciona
hora
esse
repor
deleg
dr. S

◆ R
expli
ciona
médi
partic
país
quais
O Br
das f
sos c
Com
•Sen
sim p
de u
outro
quên
estra
Repe
Eldor
ilega
ber u
um p
realm
Conte

BRIGAS INTERNAS PELA POSSE DOS CANAIS DE RADIODIFUSÃO

"ELDORADO-RÁDIO IMPRENSA" E "RÁDIO GLOBO-RÁDIO MUNDIAL" (EMISSORA DA BOA VONTADE)

★ SAINT CLAIR LOPES, ÚNICO RADIALISTA BRASILEIRO A COMPARECER AS CONFERÊNCIAS

INTERNACIONAIS DA U.I.T., FALA SOBRE A IMPORTANCIA DA RADIODIFUSÃO PARA O BRASIL

★ URGE MELHORAR O MATERIAL HUMANO QUE NOS REPRESENTA NESSAS CONFERÊNCIAS

Texto de SÍLVIA DONATO

COM a aproximação de mais um Congresso da União Internacional de Telecomunicações, onde verdadeiras batalhas se travam entre os representantes de todos os países do mundo, na luta por mais um canal de radiodifusão, no Brasil, algumas lutas internas também têm início. Há bem poucos dias, Ana Kyuri, ex-diretora da Rádio Eldorado, promoveu um verdadeiro escândalo diplomático, quando, apoiada por suas relações junto à Embaixada da Bolívia, conseguiu que aquele país tomasse o canal exclusivo internacional de 550 kilociclos que havia emprestado a Eldorado, para que ela o pudesse usar em sua nova emissora, a Rádio Imprensa, ainda em organização.

Corre a «bôca pequena», nos meios radiofônicos, que a campanha que o «Globo» está movendo contra a Rádio Mundial, «Emissora da Boa Vontade», dirigida por Alziro Zarur, não tem outra finalidade senão tomar-lhe o canal exclusivo internacional, uma vez que a «Globo» funciona com um canal cedido pelo Chile, que poderá tomá-lo de uma hora para outra, tal qual a Bolívia fez com a Eldorado. Para esclarecer esse e muitos outros pontos relativos a exclusividade de canais, nossa reportagem procurou o único radialista brasileiro a participar como delegado nos Congressos da União Internacional de Telecomunicações, dr. Saint Clair Lopes.

♦ **RÁDIO GLOBO EM 10 KILOWATTS** — Saint Clair Lopes começou explicando o que é um canal Internacional e um Regional. O Internacional atua em onda curta, alta frequência, já os regionais são de ondas médias, distribuídas por regiões. Há duas categorias: exclusivos e compartilhados. Os compartilhados são, por sua baixa potência, usados no próprio país e regiões. Os exclusivos só podem ser usados pelos países aos quais são distribuídos e seu uso não tem limite máximo de potência. O Brasil tem a miserável quantidade de 13 canais exclusivos, resultado das fracas representações brasileiras que têm comparecido aos Congressos da UIT.

Com relação ao caso da Rádio Eldorado e Globo, diz Saint Clair Lopes: «Sendo a Rádio Globo detentora de um canal que não é exclusivo e sim pertencente ao Chile, que só lhe é permitido usar em consequência de um acordo bilateral, está, realmente, sujeita de um momento para outro a ver-se na contingência de atuar na potência atribuída a frequência de sua estação no Brasil, isto é, 10 kilowatts. Isto não seria de estranhar, principalmente agora que há o caso da Rádio Eldorado-Bolívia. Repentinamente a Bolívia resolveu «denunciar» o acordo, deixando a Eldorado em situação difícil de recuar. No momento, essa emissora atua ilegalmente em 550 kilociclos, podendo de um momento para outro receber uma brutal interferência em suas transmissões. Esse é o perigo de um país usar frequências atribuídas a outros desde que esse país deseje realmente, assumir os compromissos feitos nos acordos resultantes das Conferências Internacionais da UIT.»

♦ **A IMPORTANCIA DE UM CANAL DE RADIODIFUSÃO** — Interrompendo sua narrativa, Saint Clair Lopes mostrou à reportagem as provas de seu livro, «Fundamento Jurídico-Sociais da Radiodifusão», a ser lançado pela Editora Nacional de Direito, o primeiro no gênero escrito em língua portuguesa, por um brasileiro. Obra de inestimável valor, pois servirá de orientação segura às nossas representações futuras às Conferências da UIT. Nosso entrevistado faz considerações sobre o valor de um canal de radiodifusão para um país.

— Para que se tenha idéia do valor que representa uma frequência de rádio comunicação, qualquer que seja sua modalidade, consideremos o porte das delegações que países mais evoluídos apresentam às Conferências Internacionais. Estados Unidos, França, Rússia, Inglaterra, enviam delegações numerosas a essas reuniões internacionais, presididas, muitas vezes, pelos seus embaixadores e integradas dos elementos técnicos do mais alto valor em cada país. Eis porque esses países são sempre muito bem contemplados nessas conferências. Esses homens defendem arduamente uma frequência, com a convicção de que um canal para sua radiodifusão é algo precioso para seu país e seu povo. Um leigo que aprecie uma dessas reuniões, acreditará que o mundo está em guerra, tal o calor das discussões.

A Argentina tem tido representações brilhantíssimas, chegando até a eleger o atual secretário geral da UIT, na pessoa do dr. Marco Aurélio de Andrade. O mesmo tem acontecido com o Uruguai e outros países da região americana. Uma Conferência Internacional de Radiocomunicações é muito mais importante que se possa imaginar. Dela depende a existência de serviços essenciais para a vida de uma nação, notadamente quando tem a extensão geográfica do Brasil. A radiodifusão tem importância capital para a sobrevivência de um povo. A segurança da vida humana, no ar, no mar e em terra, depende, essencialmente, de um ótimo serviço de rádio comunicações que só pode ser obtido mediante as conquistas feitas nas Conferências Internacionais da UIT, por intermédio de delegações competentes, combativas e eficientes, termina Saint Clair Lopes, deixando assim uma advertência bem séria aos homens que escolherão os elementos que deverão representar o Brasil na Próxima Conferência da União Internacional de Telecomunicações. Esses homens precisam ser técnicos, precisam ter vontade férrea e lembrarem sempre que ali estão para conseguirem o maior número possível de canais para o Brasil. Infelizmente, como já aconteceu das outras vezes, meia dúzia de elementos estão nessas condições, o restante são afilhados do governo, que recebem como prêmio de bom comportamento e serviço absoluto, essa viagem à Europa, que sempre tem a duração de quatro a oito meses.



Momento em que o dr. Adolfo Aguiar recebia das mãos de uma funcionária, um álbum ilustrado com fotografias de todos os atos do 1º ano de sua administração no Departamento de Estradas de Rodagem.

ANIVERSÁRIO DA ADMINISTRAÇÃO DO ENG. ADOLFO ALMEIDA DE AGUIAR, DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE ESTRADAS DE RODAGEM

TRANSCORREU a 17 de abril p. passado, o 1º aniversário do dr. Adolfo Almeida de Aguiar à frente do Departamento de Estradas de Rodagem da Prefeitura do Distrito Federal.

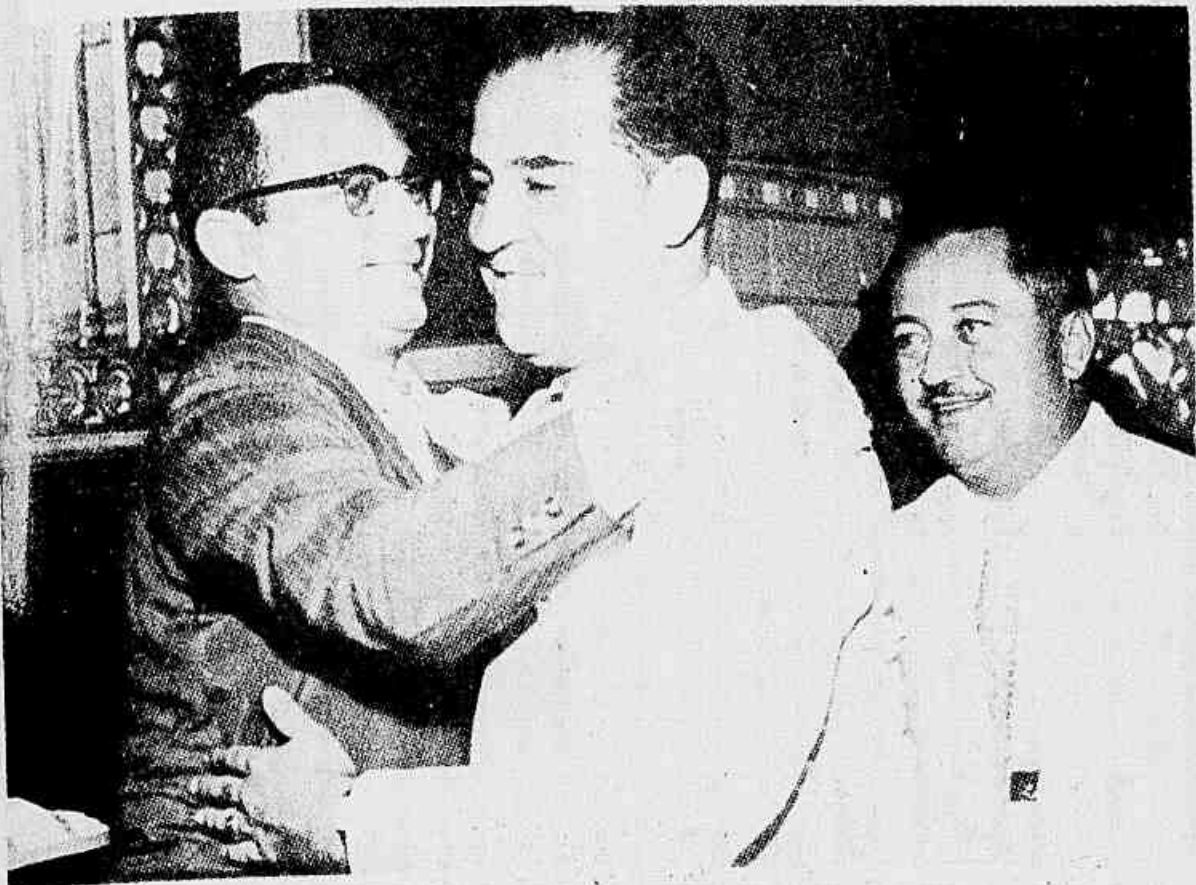
Esta data serviu de ótimo ensejo para que os inúmeros amigos do dr. Aguiar e os funcionários do D.E.R. lhe demonstrassem o quanto é estimado e benquisto por todos os que o cercam, não só por suas qualidades pessoais, como também pelo invulgar dinamismo e operosidade que tem revelado à frente do seu Departamento.

Assim é, que todo o dia 17 transcorreu em meio às mais vivas manifestações de aprêço e cordialidade ao ilustre Engenheiro.

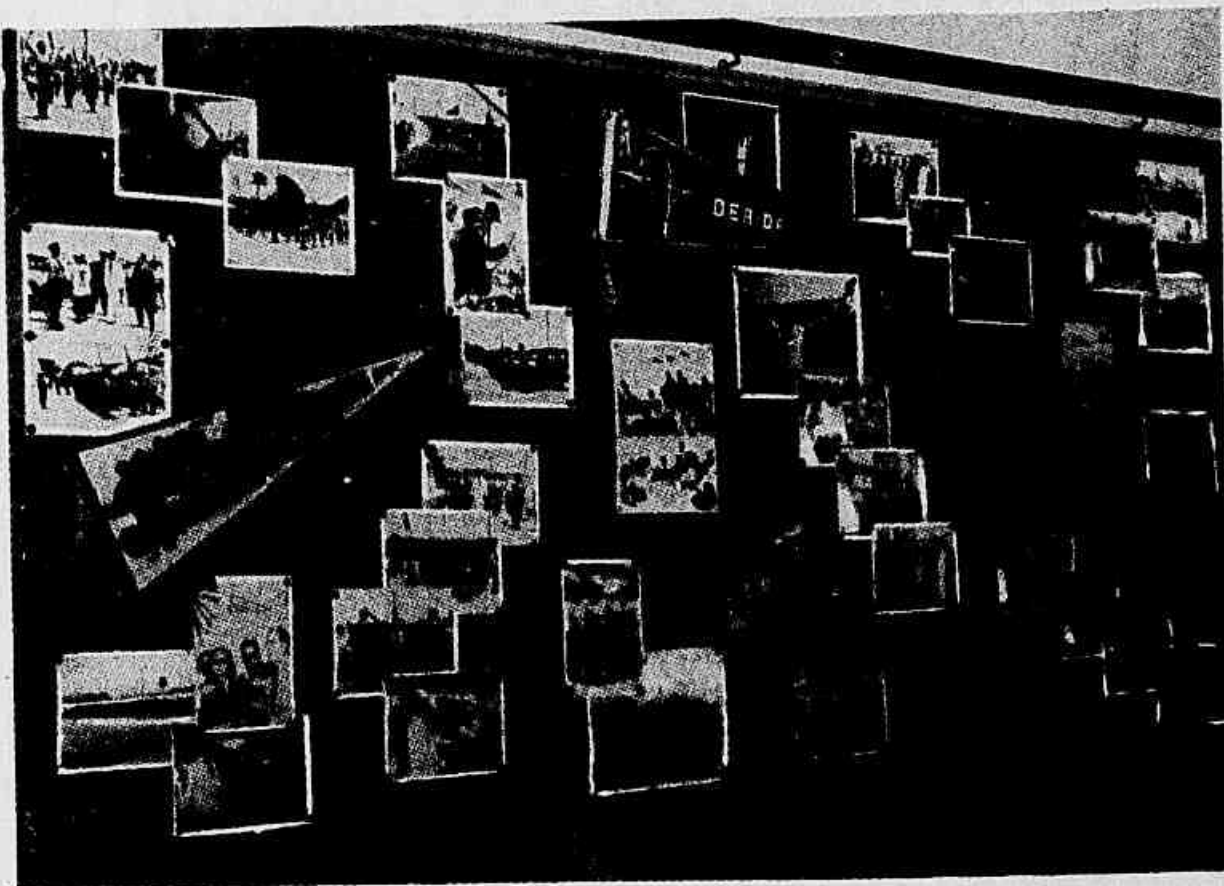
Pela manhã, às 11 horas, na Candelária, celebrou-se missa em Ação de Graças, pelo acontecimento. A êste ato de fé compareceram, além do funcionalismo do D.E.R., grande número de amigos do dr. Aguiar, bem como vários vereadores entre os quais o dr. Hugo Ramos, atual Presidente do Legislativo Carioca.



Ocasão em que o assessor jurídico Moacyr Barbosa falava em nome dos funcionários do D. E. R.



Na Igreja da Candelária, logo após a missa de ação de graças, o vereador Hugo Ramos Filho, Presidente da Câmara Municipal e o vereador Salomão Filho cumprimentam o dr. Adolfo Aguiar.



Na fotografia um aspecto do gabinete do dr. Adolfo Aguiar, vendo-se um quadro onde estão estampados todos os flagrantes das atividades do diretor do D.E.R. junto ao Prefeito Negrão de Lima, em visitas a obras.

A tarde, já na sede do Departamento, o sr. Diretor, entre as mais ardentes demonstrações de alegria, foi homenageado com um magnífico "cock-tail" oferecido pelos funcionários do D.E.R.

Saudado efusivamente por um dos homenageantes, o sr. Diretor, visivelmente emocionado diante de tão expressiva e espontânea prova de estima de todos os seus subordinados, usou da palavra. E num rápido e bem lançado improviso, depois de agradecer a festiva homenagem, o dr. Aguiar fez questão de salientar que, se louvores merece o Departamento pelo muito que tem realizado a bem do povo e da administração do Embaixador Negrão de Lima, tais louvores não devem dirigir-se apenas e tão somente a ele, mas a toda a brilhante equipe de companheiros e funcionários que com ele colaboram no D.E.R.

Procurou, assim, Sua Excelência tornar impessoal o motivo de todo o grande regozijo pela data que transcorria, dando a todos os presentes uma admirável mostra do seu espírito de equipe, e, ao mesmo tempo, da grande modéstia que tem sido, aliás, um apanágio seu, responsável, talvez, pelo grande êxito de sua administração.

Em sua oração, fez questão de ressaltar o homenageado que duas são as suas máximas preocupações como Diretor do D.E.R.

A 1ª é a de, sob o aspecto público de sua direção, levar a bom termo e nos prazos previstos, o plano quinquenal de obras aprovado por Sua Excelência o Sr. Prefeito.

Além de todas as demais obras, algumas já inauguradas, outras em fase de execução, duas, entretanto, são as que mais concentram os seus cuidados, salientou o homenageado — é a construção total do Anel Rodoviário do Distrito Federal e a Avenida de Penetração, por se tratar de empreendimentos que, a par de outros aspectos, apresentam a vantagem de descongestionar o tráfego urbano e ligar, em poucos minutos, os pontos extremos da capital.

Em 2º lugar, frisou o dr. Almeida de Aguiar que, sob o ângulo interno de sua administração, isto é, naquilo que concerne ao pessoal do Departamento, seu grande sonho é o da Autonomia do D.E.R. Autonomia sem nenhum outro ônus para o Erário Público, sem novas admissões, com o aproveitamento exclusivo do pessoal já existente, reorganizado apenas de modo racional e, o que é importante, pelo estímulo que representa com a criação dos Quadros não estanques, como o são agora, mas que ensejem acesso aos funcionários que os integrem.

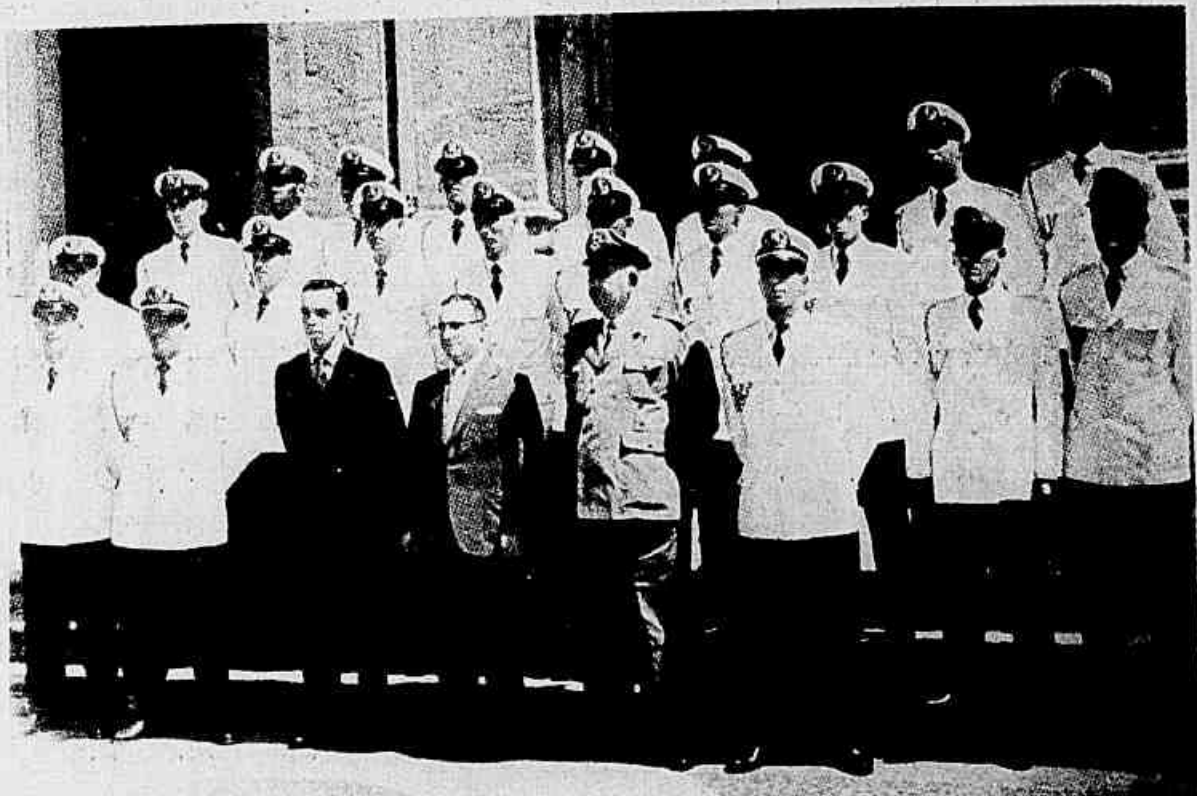
A autonomia do D.E.R., aspiração comum de todos os que trabalham nele (afirmou em certo trecho o dr. Aguiar) é uma necessidade e uma imposição da administração moderna a que se deve atender se se quiser que um setor como este de vital importância deixe de ser uma engrenagem emperrada e anacrônica, para poder funcionar com mais liberdade, mais responsabilidade, mais rendimento e, portanto, mais utilidade para o povo.

Ao concluir sua vibrante palavra, assim se expressou o dr.

Aguiar, entre os aplausos gerais: "Se eu amanhã deixar este Departamento, só o deixarei feliz e recompensado de todos os meus esforços, se tiver podido realizar todo o Plano de Obras que nos traçamos, sobretudo o Anel Rodoviário e a Avenida de Penetração, e se houver concretizado a minha, a vossa, a nossa justa aspiração que é a Autonomia deste Departamento a que todos vimos servindo com o melhor de nossas forças e de nosso entusiasmo".



Ocasão em que o diretor do D. E. R. agradecia a homenagem que lhe havia sido prestada pelos funcionários do departamento que dirige.



Em frente à Candelária o dr. Adolfo Aguiar, juntamente com os chefes e guardas da Polícia Rodoviária.



Maria de Lourdes:

RAINHA DA PRIMAVERA

Quer Ser Também

RAINHA DA BELEZA

NUNCA ENTROU EM "BOITE", NÃO FUMA, NÃO SAI COM RAPAZES, NÃO FREQUENTA FESTAS, PASSEIOS E CINEMAS SEM A MAMAE E VAI TODOS OS DOMINGOS A MISSA ★ ACHA UMA HONRA TER SIDO INSCRITA PELO CLUBE DE AERONAUTICA E ACREDITA NA HONESTIDADE DOS JUIZES ★ FOI A PRIMEIRA A SE INSCREVER PARA O CONCURSO DE MISS BRASIL

Texto de SILVIA DONATO

Fotos de ALBERTO FERREIRA

UMA moça de vinte anos, lindíssima, rainha de vida, alegria e mocidade, meiga, desconhecendo o amor, culta, nunca tendo frequentado uma «boite», nem fumado. Detestando vestidos decotados, só indo a festas, passeios, cinemas e teatro com a mamãe ou o irmão. Que vai à missa todos os domingos. Ouve atentamente os mais velhos, seguindo-lhes os conselhos? Só mesmo respondendo como o Joel Silveira... «Essa jovem, positivamente, não existe».

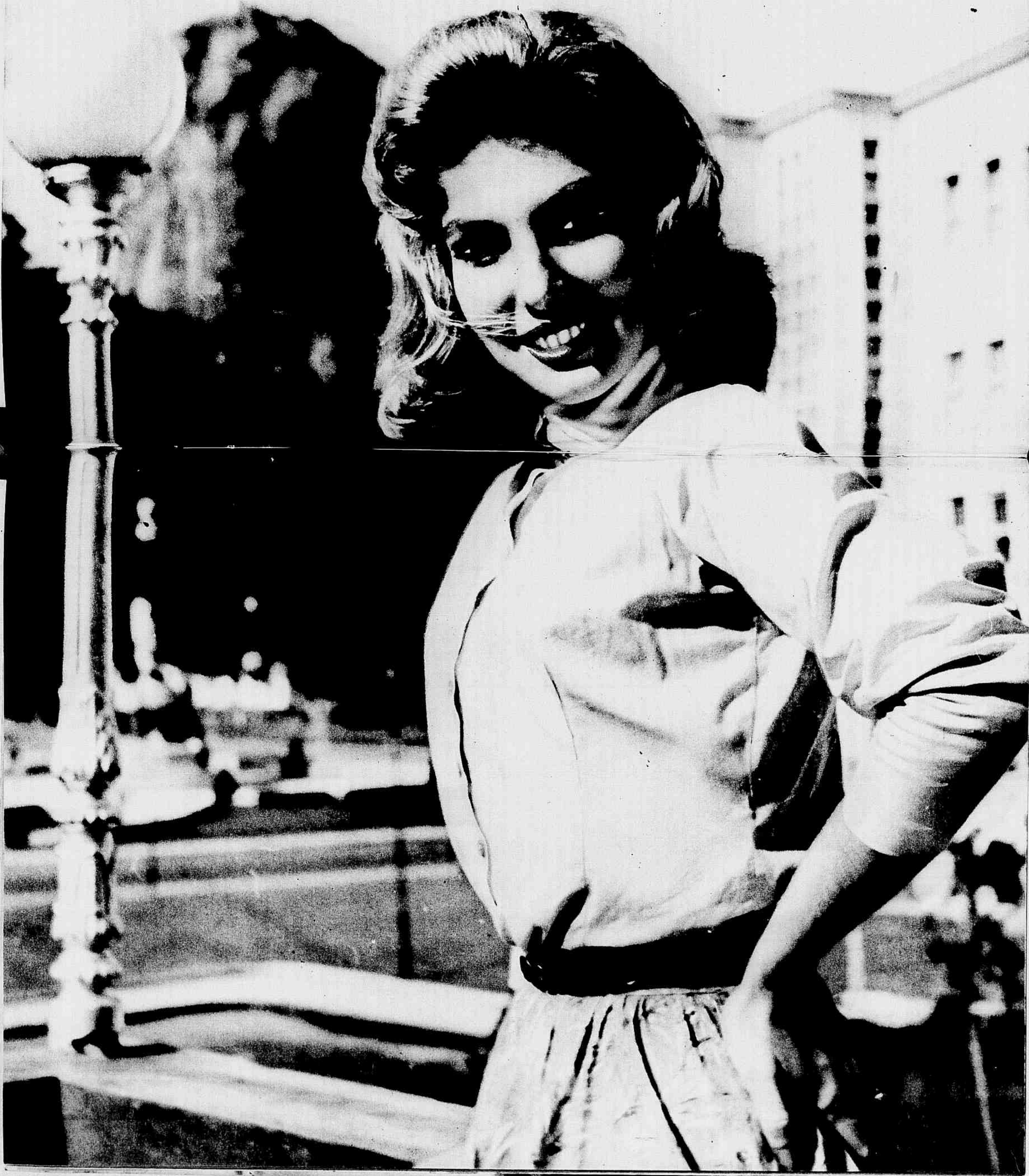
♦ **QUEM É MARIA** — Acontece que ela existe sim. Existe todinha, morando lá na Urca, é Maria, tem mesmo vinte anos e nunca amou. Maria é lindíssima, é tão linda, que raramente sorri, para a gente não levar um susto e pensar que ela não existe, realmente. Sua mãe, que é portuguesa, devota de Nossa Senhora de Lourdes, acrescentou o nome da santa ao de Maria. A moça nasceu na Gávea, fez o curso primário no «Notre Dame», de onde saiu ao mudar-se para a Urca, passando a cursar o Colégio Anglo Americano. Em 1956, representando seu colégio, foi eleita «Rainha dos Jogos da Primavera», na Parada da Juventude. Agora, com vinte anos, faz o curso de Arte Decorativa da Escola Nacional de Belas Artes e quer ser...

♦ **A MAIS BELA ENTRE AS BELAS** — Justamente... Maria quer ser a mais bela entre as belas do mundo. Foi a primeira moça a fazer sua inscrição, pelo Clube de Aeronáutica, para disputar o título de «Miss Brasil». Ela mesma esclarece:

— Sei que vai ser difícil a minha colocação, pois os nossos juizes não acreditam em moça louríssima, de olhos verdes-azulados, como tipo de beleza tipicamente brasileira. De uma coisa estou certa, conseguindo o título de «Miss Brasil» o resto será bem mais fácil, porque o americano do norte valoriza, sistematicamente, em todos os concursos para a escolha de «Miss Mundo», o tipo claro, de cabelos louros. Todas as pessoas que me conhecem, que estão a par de minha formação religiosa, estranham a minha inscrição para disputar o título de «Miss Brasil». Hoje em dia, com o cuidado que fazem a seleção das candidatas, só pode ser uma honra para qualquer moça, ser apontada como disputante. Os juizes são homens de cultura, homens justos, raramente cometem um erro. Mesmo que venha a ser desclassificada, meu ponto de vista continuará o mesmo, em relação a eles e ao concurso.



Maria de Lourdes Monteiro. Graça, beleza e muita mocidade. Se burlar um pouco o seu gosto de vestir, será uma candidata seriíssima ao título mundial da beleza. Pois quanto ao título local vai conquistá-lo disparada.





Não existem duas opiniões sobre a rainha da Primavera. É realmente muito bonita. Espera ser eleita a mais bonita do mundo e trazer para o Brasil um título que Marta Rocha (uma vez) quase conquistou.

MARIA DE LOURDES: RAINHA...

MEDIDAS DE RAINHA

Tôda jovem candidata ao título de «Miss Mundo», não pode fugir às medidas prèviamente anunciadas pela comissão julgadora, formada por juizes de tôdas as partes do mundo, que tenham mandado representantes. Maria de Lourdes Monteiro está exatamente dentro do exigido:

BUSTO	90 centímetros
CINTURA	55 "
QUADRI	91 "
COXA	54 "

♦ **MARIA ANALISA OS JOVENS DE HOJE** — Agora que vocês já sabem quem é Maria, que se fartaram de olhar suas fotografias, principalmente os rapazes, vamos entrar um pouco em sua vida particular, seus sonhos, seus pontos de vista. Com aquêjeitinho especial de fechar os olhos quando fala, inclinando levemente a cabeça, ela foi falando, sem separar os assuntos, voltando atrás uma porção de vêzes, para deixar tudo bem claro, bem frisado:

— Não sou contra as moças que fumam, só acho que elas podiam ser um pouco mais moderadas, respeitando, ao menos, os pais, já que não querem respeitar os conhecidos, não fumando na presença déles. Gosto de saias justas, mas não consigo entender os grandes decotes em uma moça. Decotes ousados são próprios para senhoras ou mesmo jovens casadas, isso qualquer figurinista poderá comprovar. Outra coisa que refuto de grande importância são as saídas com os namorados. Honestamente, qual o rapaz que pode ter uma intenção séria com a pequena que sai sôzinha em sua companhia, aceita passeios de automóvel, dá liberdades as mais loucas possíveis e ainda por cima, fala mal dos pais quando êles tomam atitudes contrárias as dela? Só mesmo êsses moços de hoje que usam camisas vermelhas, topetes no cabelo e mascam chicletes. Recebem mesadas dos pais que são gastas em jôgo, bebidas e «boites».

Neste ponto, Maria de Lourdes foi interrompida por sua mãe, que aparteu: «Essas moças e rapazes não têm culpa de serem assim, os pais é que deviam, em tempo, ter-lhes orientado. Não nego que seja muito mais simples criar um filho «à moderna», mas continuo preferindo à moda antiga.»

«O HOMEM DE MEUS SONHOS»

Aproveitamos a pausa para saber a quantas anda o coração de Maria. «Só tenho tido namoros passageiros, que nunca passaram de um olhar, um suspiro. Coisa de menina. Sou normalíssima, pretendo casar cedo, dirigir minha casa, ser mãe. Mas antes quero terminar meus estudos, viajar muito e, quem sabe, ser chamada de «Miss Mundo», mas isso já é sonhar muito. O homem com quem eu casar, terá, forçosamente, formação religiosa, situação econômica definida, futuro profissional e deverá ser bom filho, fora disso, nada feito. Esse é o homem de meus sonhos. Ele existe, quem sabe até não estará lendo esta reportagem neste momento, terminou Maria de Lourdes, já visivelmente cansada, depois de passar duas horas posando para nosso fotógrafo, Alberto Ferreira.

De vestido completo, de roupa esporte ou de maiô,
Maria de Lourdes é espetacular.



Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando peso e dor de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrêtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa

Ventre-Livre

NARIZ PERFEITO FÁCIL DE CONSEGUIR



O retificador francês (invenção patenteada) transforma em pouco tempo e de modo definitivo sem dor qualquer nariz defeituoso; emprega-se somente durante a noite. Informações gratuitas. Pedí-las por via aérea a **DIFFUSION SCIENTIFIQUE N.º 12, ANNE-MASSE (Haute-Savoie), FRANÇA.**

ÚLCERAS VARICOSAS

FERIDAS CRÔNICAS E ECZEMAS
DOS MEMBROS

São eliminados, com facilidade, em 90% dos casos, com a aplicação, em média, de quatro Ataduras Compressivas

UNAPASTE

A venda nas boas farmácias

AGENTES

REPRESENTANTES-VENDEDORES — Tecidos pelo reembolso

Se V.S. já é agente de reembolso, não perca a oportunidade de conhecer também nossas condições.

As melhores qualidades de tecidos, inclusive **PERROTS**.

Preços excepcionais e vantajosos descontos.

Farto material de trabalho.

Ótimas comissões, com amplas possibilidades.

Organização **Excelsior** — Caixa Postal 1304 — São Paulo

Nome:

Rua: N.º

Cidade: Estado:

EU SEI TUDO de MAIO

A VENDA — PREÇO: CR\$ 10,00

FALANDO AO LEITOR

(Continuação da página 22)

Carmem da Costa, do Meier, se confessando leitora da **REVISTA DA SEMANA** e entusiasta da nova "fase revolucionária dessa grande revista", escreve para pedir uma reportagem "com capa e fotos coloridas". Ela quer que a cantora Dalva de Oliveira seja fotografada (e conceda entrevista), como o foram Marlene, Dóris Monteiro e outras. Muito bem, D. Carmem. Será atendida.

Com referência ao concurso DE QUEM SÃO ÉSTES POEMAS, recebemos mais as seguintes cartas: Myrian Costa Chapira: o autor dos poemas é o grande poeta patricio Paulo Assunção; Roberto Dias Leme: Carlos Drummond; Milton Freire: os magníficos versos são do grande Augusto Frederico Schmidt; César Siqueira Lopes; Emílio Moura; Marcos Roberto de Souza: Paulo Mendes Campos, escritos em 1944; Nivaldo Justo de Garcia: Léo Ivo; Mariam Madruga: Manoel Bandeira; Nilza Bentês Rocha: Manoel Bandeira; Margarida Assunção Correa: o magnífico autor é Manoel Bandeira; Cinira Dias: Manoel Bandeira.

A propósito ainda desse concurso que tanta repercussão obteve, recebemos da sra. Odette Matarazzo, a seguinte carta: "Os poemas que a sua bela revista publicou em seu número 14, são de um velho amigo meu, e um dos poetas que mais e melhor têm cantado as seduções femininas: Paulo Assunção."

Os leitores Benedito Morais Pinto, Bay Quarterolli, Eliane Augusto, Silvinha Borges, Lourdes Donattelo, Elza Carvalho, Conceição Robespierre, Leticia Conrado, Josefina Magalhães e Nicette Setembrino de Brito, escrevem (separadamente) louvando as reportagens de Mauro Braga e destacando o seu estilo "inédito na imprensa brasileira", sua objetividade e sua absoluta independência e coragem. MUITÍSSIMO GRATOS.

Recado para o leitor Milton Cerdeira Lopes: nossa posição continua invariável: nem contra nem a favor de ninguém. Somos governistas quando achamos que o governo merece elogios (diga-se de passagem que são cada vez mais raras as oportunidades para esses elogios) e oposicionistas quando achamos que essa é a posição que melhor atende aos interesses da coletividade. Quanto ao caso do sr. Carlos Lacerda, estamos orgulhosos da nossa posição e absolutamente convencidos da legitimidade dela. Quando uma maioria desvairada pelos interesses pessoais e cega pelo ódio, se põe inteiramente no encalço de um homem, e procura caçá-lo (não é erro não, é assim mesmo com ç cedilha) de qualquer maneira, não vemos porque ficar ao lado dela. E nem se procure descobrir na nossa posição um vislumbre de sentimentalismo ou de piedade pelo homem que está sendo ferozmente perseguido. O que defendemos (defendendo o sr. Carlos Lacerda) é o princípio da inviolabilidade parlamentar, é a necessidade do Judiciário não se acorrentar (como agora) aos caprichos do Executivo, sempre e sempre mais poderoso. E o que aconteceu, foi simplesmente isso. Atendendo a esses caprichos, um membro do Judiciário desenterrou uma simples comunicação de um Juiz, que dormia há mais de ano numa gaveta e enviou-a ao Congresso, pedindo licença para processar o sr. Carlos Lacerda. Se é isso que o sr. chama de democracia, não tenha dúvidas: estamos realmente em campos opostos. Quanto aos elogios gerais que o Sr. faz à revista, muito obrigado. E escreva sempre, que (como agora) merecerá uma resposta nossa. Não temos nada a esconder, não receamos pressão de ninguém, e estamos sempre dispostos a conversar com os leitores. Tenham eles as idéias que tiverem.



Flagrante colhido durante o almoço, vendo-se o homenageado ladeado por jornalistas e altos funcionários da Central

HOMENAGEM DA IMPRENSA CARIOCA AO DR. JAIR RÊGO DE OLIVEIRA

★ Em comemoração ao aniversário natalício do dr. Jair Rêgo de Oliveira, realizou-se recentemente no Salão dos Engenheiros da Central do Brasil um lauto almoço de regozijo, oferecido pelos jornalistas credenciados naquela importante ferrovia.

Em nome de seus colegas, e por indicação do sr. Pedro Paulo da Rocha, presidente do Comité de Imprensa, falou a sra. Nelly Van Putten, que fez o elogio do homenageado. Em seguida falou o dr. José Moacyr de Andrade Sobrinho, chefe do Departamento de Relações Públicas, que fez um dos seus belos discursos, pondo em relêvo a figura que caracteriza a atual diretoria. Por aclamação geral falou também o cel. Aristarcho Ramos, um dos mais velhos nomes do jornalismo carioca, e antigo redator do «Jornal do Comércio», cujas palavras cheias de sensibilidade mereceram calorosas palmas.

O sr. Justo Ferreira, membro da Academia Carioca de Letras, e diretor do jornal «Folha Democrática» também teceu preciso comentário em torno da personalidade e do trabalho que vem aquela diretoria realizando na Central do Brasil. Por fim, agradecendo a homenagem que lhe estava sendo prestada falou o dr. Jair Rêgo de Oliveira, que disse da sua satisfação por ser alvo de tão importante manifestação, de aprêço e cordialidade.

No domingo de Páscoa foi novamente o dr. Jair Rêgo de Oliveira recepcionado pelos maquinistas ligados à Central do Brasil, os quais mandaram celebrar uma missa em ação de graças pelo transcurso de mais um seu natalício. Ao ensejo deste noticiário, deseja a REVISTA DA SEMANA associar-se às justas manifestações de simpatia e às merecidas homenagens prestadas ao ilustre engenheiro que se tem revelado na suprema direção da nossa importante ferrovia, um homem a altura das responsabilidades do cargo que desempenha com honradez e inextinguível operosidade.

DOR NOS PÉS

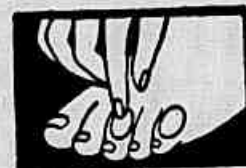
Alívio rápido além do que esperava!



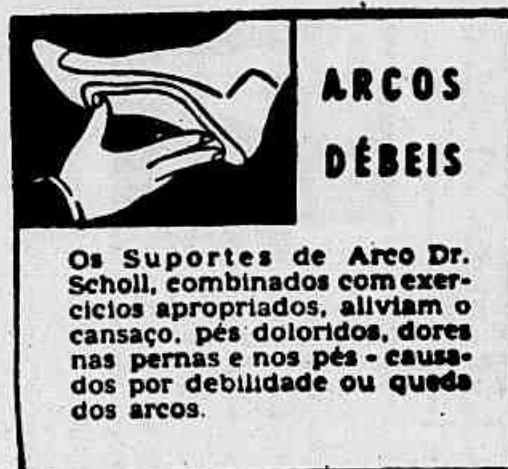
para **CALOS** DEDOS DOLORIDOS,
PONTOS SENSÍVEIS

Não há necessidade de sofrer por causa de calos ou dedos sensíveis, doloridos, nem por mais um dia. Use os Zino-Pads Dr. Scholl, o tratamento científico aperfeiçoado pelo Dr. Wm. Scholl, autoridade mundialmente conhecida para conforto dos pés. A borda exterior da almofada de tripla espessura, patenteada, protege o lugar dolorido, amoldando-se perfeitamente à forma do dedo ou do pé. Alívio instantâneo, suave, avizante. Você ficará maravilhado e surpreendido. Caixas de 4 formatos, como se vê. Adquirir os remédios Dr. Scholl numa das nossas lojas.

Qualquer que seja o seu problema relativo aos pés, há sempre um remédio Dr. Scholl que custa pouco.



Calos entre dedos



Os Suportes de Arco Dr. Scholl, combinados com exercícios apropriados, aliviam o cansaço, pés doloridos, dores nas pernas e nos pés - causados por debilidade ou queda dos arcos.



UNHAS ENCRAVADAS - Algumas gotas do Onisol Dr. Scholl proporcionam no canto da unha pronto alívio, reduzem a inflamação, ajudam a cicatrizar.



JOANETES - O Redutor de Joanetes Dr. Scholl alivia a dor, protege a articulação dos ossos contra a pressão e fricção. De borracha cirúrgica, muito macio.



PROTEÇÃO - ALÍVIO - O Kurotex Dr. Scholl alivia a dor e protege contra a fricção e a pressão causadas pelo calçado. Fácil de aplicar.



PÉS CANSADOS, DOLORIDOS - Pó Dr. Scholl para os pés. Retresca e acalma. Alivia rapidamente a sensibilidade. Torna as meias de nylon mais confortáveis.



PÉS DOLORIDOS, SENSÍVEIS - O Pedicreme Dr. Scholl alivia os pés sensíveis. Retresca, cicatriza, impede assaduras e bolhas. Evanescente, inodoro.



DEDOS DEFORMADOS - O Toe-Flex Dr. Scholl ajuda a corrigir dedos deformados e alivia a dor proveniente do joanete. Feito de borracha macia.



COECERAS NOS PÉS - O Solver do Dr. Scholl alivia a coceira, mata o parasita e auxilia a cicatrização das feridas e rachaduras dolorosas e irritantes.



Todas as lojas Dr. Scholl para o Conforto dos Pés oferecem demonstrações gratuitas, inclusive um teste completo do pé, sem qualquer compromisso. A causa do seu problema será explicada, e demonstrar-se-á o remédio ou aparelho convenientes. Serviço de pedicuro.

**DEMONSTRAÇÕES
GRATUITAS**

Lojas Dr. Scholl

PARA CONFORTO DOS PÉS

RIO DE JANEIRO
RUA ...

1A-583

CRÔNICA

O CALHORDA

♦ É um homem que acorda tarde. Abre os olhos e espia o tempo, depois do tempo espia os outros. Que fazem os outros? Trabalham no rádio? Então no rádio o calhorda precisa trabalhar. Precisa entrar e aproveitar a vaselina que o corpo baloiço contém e se requebrando, fazendo graças e meuras arranja emprego. Se infiltra na gente da direção, na secretaria, nos postos de mando, como figura gracil, como gente boa de coração grande, porque o calhorda é grande de tamanho. É grandalhão e brincalhão. Segue então o rumo dos que já estão dentro do rádio. Haroldo Barbosa é produtor, e por exemplo escreve um programa humorístico de grande sucesso, o calhorda faz igual, com título diferente. Bessa! Ari Barroso faz boa música, o calhorda vira sambista também sem saber rima, nem onde fica o dó. E o rádio vai. Um dia ele descobre a noite e se enfia nela. Dentro da noite é um novo engraçado com novo público para as suas piadas já manjadas, seus ditos sem graça. Então a gente bem que a noite abriga (esse bem é para salvar as aparências de coisa ordinária) e, que anda sem assunto, sem conversa e sem caras novas adota o calhorda como um bôbo novo da pequenina corte, pois os outros casaram, envelheceram, fizeram falcatrues ou ficaram chatos. Ai é que o calhorda fica bonito, com mil dedões em cada mão, com um «smoking» mal ajambrado enfiado na pança e um cabelo que não chega a ser nem à James Dean nem à Yul Brynner, porque é encaracolado. Um dia acorda mal disposto, olha o que tem feito e soma as maldades da vida que tem levado. Se for Natal terá um horrível problema, o de não ter casa, ter que ser coisa na casa alheia onde por obrigação anterior é obrigado a comparecer, para dar seu «showzinho» de graça. Dia pior, entretanto, é quando se vê mortalmente apaixonado pela moça bonita, das mais elegantes, e num descuido alcoólico chegou a fazer à moda antiga, uma declaração de amor. Ainda escuta agora a gargalhada de bons dentes que a moça lhe deu de graça e a frase horrível que ficou sua companheira: «eu lhe quero como a um irmão». Então é cantar em versos seus abandonos, rimar suas tristezas e espalhar bondade pela flacidez dos seus músculos, pela sua terrível dificuldade de locomoção: E acha-se graça. Graça até quando o calhorda fala sério, diz sério da política internacional, da situação nacional, dos seus amôres! E o seu acordar é uma nova esperança mas o seu dormir é um eterno pesadelo, muitas vezes entremeado de soluços infantis. E se ele perguntasse? «Há remédio para se deixar de ser calhorda? Há sim: morrer todinho, mesmo amanhã de manhã.

EM MATÉRIA DE DISCOS



Joel de Almeida acaba de lançar mais um samba — dêsses sambas brasileiros mesmo — que está voando da prateleira. Joel confessa que não faz mais parceria para evitar maiores galhos. E tem razão. Os parceiros andam muito em balda! Mas vamos falar do novo samba do moço do chapéu de palha cuja letra diz assim:

AGORA

Agora que você já não me adora
Agora que você já não me quer
Eu tenho que encontrar um novo amor
Eu tenho que entregar meu coração a ou-
[tra mulher.

Pra que falar de um sonho
Que entre nós já terminou
Pra que falar das juras que você
Já esqueceu...
Agora eu vou seguir o meu caminho
[diferente
Saudade eu não terei,
Porque pra mim você morreu.



QUATRO BONITAS SÃO NOTÍCIAS



♦ **ROSITA GONZALEZ** — Foi Renato Murce que lançou esta voz maravilhosa, num concurso brilhante onde a Nacional oferecia um contrato para as duas primeiras colocadas. Juanita Castilho e Rosita Gonzalez conseguiram aquelas colocações. Durante algum tempo, esteve presente aos programas da Nacional e, nos dias atuais é estrela de primeira grandeza na Organização Vitor Costa.



♦ **MARLENE** — Depois de um longo período de férias, depois do Carnaval, voltou a nossa grande artista aos programas da Nacional, que não são poucos. Marlene está sendo vista e ouvida às sextas-feiras em «Marlene Meu Bem» (21:05), «Uma Estrela Ao Meio Dia» (segundas-feiras) e «Alegria, Meus Senhores» no programa de Manuel Barcelos. A mais querida e mais fotogênica das nossas cantoras tem planos para ir aos EE. UU. ainda este ano.



♦ **DALVA DE OLIVEIRA** — A aplaudida cantora da Rádio Tupi, também tem participado de vários programas de televisão. Sem dúvida tem sido uma das artistas mais viajadas do rádio. Conhece quase toda a América do Sul e já esteve duas vezes na Europa. Dizem as estatísticas da «Odeon» que ela é uma das recordistas de vendagem de discos. Culpada pela ressurreição do tango argentino. Sua última criação: «Nada». (Marino Pinto David Raw).



♦ **MARY GONÇALVES** — Anunciam as revistas especializadas o casamento de Mary com o magnífico cantor Osni Silva. A estrela (cinema-rádio e televisão) abandonou completamente o Rio de Janeiro e é agora de São Paulo, trabalhando ali na Organização Vitor Costa. Ela como Osni são exclusivos da Odeon e nos prometem no próximo suplemento um punhado de novidades. Mary Gonçalves fez sucesso enorme pela América do Sul recentemente.

♦ **MARLY EM BUENOS AIRES** — Marly Sorel, esteve o ano passado na Europa, visitando as maiores praças, cantando em oásis e marcando pontos. Agora está a caminho de Buenos Aires para fazer uma temporada em «boites», rádio e televisão portenhas. De volta da capital argentina Marly seguirá para a Europa onde tem contratos, os mais variados e em variados pontos.

♦ **VALE A PENA LER DE NOVO** — Do «Ouvinte Desconhecido» de «O Globo» esta nota que foi lida e repetida com muito riso: Na semana passada, diante das câmaras da TV-Tupi, enquanto o destacado jurista San Tiago Dantas falava sobre os seus planos em relação ao «Jornal do Comércio», recentemente adquirido por ele, uma graciosa e fotogênica moça associada resolveu fazer-lhe companhia durante todo o tempo, passando airoso pelo apêndice nasal e pela profundíssima testa do entrevistado. Os espectadores do Canal 6 já andavam saudosos das alegres revoadas das mosquinhas da Urca.

NOTA — A TV-Rio adotou também uma mosquinha. Será que é a mesma, contratada agora pelo Canal 13 e fujona do Brício de Abreu segundo a versão de «araqueado» do Nestor de Holanda?

♦ **SPARTA COMANDA A SEMANA** — Toda crônica especializada foi unânime em afirmar que Sparta Comanda a Semana foi um grande programa lançado pela Nacional (quartas-feiras, às 21:35). No dia do seu lançamento aquela emissora ofereceu à crônica radiolônica um coquetel e este flagrante nos aponta: Fernando Jacques, o repórter do programa, Fernando Lobo, seu produtor, José Cândida Moreira de Souza, o patrocinador, Sérgio Ferreira e Renato Leuerth da Standard Propaganda e Saint Clair Lopes que comanda aquele novo programa.





SEJA ESPECIALISTA DE AERONÁUTICA

Rapazes de 15 a 22 anos Não precisa ter ginásio
Ordenado inicial mínimo Cr\$ 9.700,00
Curso preparatório por correspondência em seis meses.
Para melhores esclarecimentos preencha o cupom abaixo e envie-o à ACADEMIA PAULISTA DE CULTURA
Caixa Postal 6583 S. Paulo

NOME _____
RUA _____ N.º _____
BAIRRO _____ CAIXA POSTAL _____
CIDADE _____ ESTADO _____

MANDE CR\$ 5,00 DE SELOS PARA DESPESAS

LEIAM

EU SEI TUDO

TODOS OS MESES
PREÇO: CR\$ 10,00



CRESCER
Processo patenteado. Êxito garantido. Aumenta vários centímetros de estatura. Dá **FÔRÇA** e **SAUDE** aos homens. **ELEGÂNCIA** e **BELEZA** às mulheres. Informações gratuitas. Pedí-las por via aérea a **INVENTIONS PRATIQUES N.º 12 ANNEMASSE** (Haute-Savoie), **FRANÇA**



COMO APRENDER A DANÇAR

8ª EDIÇÃO AMPLIADA

com as últimas passadas de cha-cha-cha, Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Balão, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passadas. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritas». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 100,00 — Caixa Postal 848 — São Paulo. A venda nas livrarias de Rio e São Paulo

INSUFICIÊNCIA HEPÁTICA

YAKRITAMIN

INTOXICAÇÕES

ANEMIAS

YAKRITAMIN

COMPLEXO INJETÁVEL

INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
CAIXA POSTAL Nº 1.202

SEM COMPROMISSO

Por FERNANDO PAULO

Magda Lupescu, viúva do rei Carol da România, encontra-se em Losane, onde deve fazer as pazes com o ex-rei Michele, da România. Depois da morte de Carol, surgiu entre a sra. Lupescu e o jovem soberano deposto, um conflito muito grave, por causa dos direitos sobre o livro «Memórias de Um Rei».

★

Greta Garbo está sendo esperada em Portofino, onde pretende ficar alguns dias de repouso.



A Princesa Margaret assistiu, na companhia de Billy Wallace (foto) à «avant-première» de «Anastácia», com Ingrid Bergman, no Teatro Carlton.

★

Marina Vlady apareceu na semana passada como atriz prosaica, desempenhando um importante papel na comédia «Qual é Seu Julgamento». O autor do trabalho é o diretor Robert Hossein, marido de Marina.

George Raft, atualmente em Londres, realizará, dentro de alguns dias, uma longa viagem através da França e da Itália. O ator participará de numerosos espetáculos em língua inglesa a serem levados a efeito em Paris.

★

Perle Mesta, embaixadora dos Estados Unidos em Luxemburgo, resolveu abandonar definitivamente a carreira diplomática para se dedicar ao cinema. Em colaboração com a atriz Shirley Booth, a sra. Perle está representando uma história autobiográfica, explorando de uma mulher metida na política.



Rosalina Mannara, uma milanesinha de cinco anos (foto), foi escolhida por Giuseppe Fina, entre mais de duzentas meninas, para interpretar o filme «Ninguém Sabia que Um Homem Morria».

★

Vivien Leigh e Sir Lawrence Olivier pré-anunciaram a sua breve chegada a Nápoles, para passar uma ou duas semanas de férias. Os famosos atores ingleses visitarão Ischia, Capri e Sorrento.

Silvana Mangano voltou a Roma após uma longa permanência na Tailândia. Ao chegar, declarou que agora poderia dormir seu sono tranquilamente, sem mais medo de serpentes e de centenas de animais que lhe roubavam o sossego noturno na Tailândia. Durante a temporada que passou no oriente, a famosa atriz perdeu nada menos de seis quilos.



James Stewart (foto) foi recentemente promovido a general de brigada da aeronáutica. Stewart, que participou ativamente da última guerra, comandando aviões de bombardeiro, era, naquela época, coronel da reserva.

★

Rainier e Grace Kelly decidiram passar uma temporada em Svezia. Mas antes, visitarão Roma e esperam ser recebidos pelo Santo Padre.

SOCIEDADE

Por JEFF THOMAS



Leda Galiez, rainha da simpatia, recebe sempre com majestade.

A GLÓRIA DE RECEBER BEM MOVIMENTA AS SENHORAS DO SOCIETY

REVISTA DA SEMANA — 41

Gossips



SENHORA MARITZA PITIGLIANI está se reconciliando com seu esposo e movimentado sr. Alberto Pitigliani

AQUI ENTRE NÓS: continuam as apostas como a loura Nicole Hime não realiza este ano seu sonho dourado, que é casar-se com o milionário Roberto Seabra. Segundo meu «gabinete-social» informa, as apostas agora subiram para 15 a 1. «Gossips são Gossips». E daí?

É COM PRAZER que noticio que o sr. Alberto Pitigliani está se reconciliando. Trata-se de uma boa notícia.

Estêve no Rio a jovem e morena paulista Vera Góis, circulando em companhia de alguns «Dates». Conheço determinado «play-boy» que ficou enciumado.

O SR. Jorge de Castro vai mesmo casar com Gilda Leiraud. Eles apenas estão fazendo segredo sobre o assunto. Mas, que vão casar, vão.

Carlos Alfredo Maia reapareceu no «Sacha's» com um novo «Date». Ele é o ex da senhora Nicole Hime.

MARCADO para julho o casamento da «beaut» Marly Azeredo Lopes com o jovem sr. Luís Felipe Índio da Costa. Eles namoram há vários anos, mas acontece que o ano passado acabaram por alguns meses o romance. Quando isso aconteceu perguntei ao Luís Felipe se era definitivo, ele respondeu: «não, espero reatar para em seguida ficar noivo, e finalizou: very like ol Marly.»

PARECE que a grega Shalia Politis vai ser a futura secretária do sr. Orlando Macedo.

O casamento de Tarso de Abreu com morena e sensacional Norma Primo, será no próximo mês em Buenos Aires. Gilda Leiraud assistirá.

A LOURA, que atualmente está acompanhando o sr. Oscar Simon pelas suas peregrinações nas «boites», é a sra. Suzana Pôrto.

O MILIONÁRIO paulista Luciano Lunardelli, quando estêve recentemente no Rio, não foi visto em companhia de Eliana Moura, que em Guarujá foi seu «Date» preferido.

COMENTA-SE a «gaffe» de Jorginho Dória numa recente «soirée» no «Sacha's».

O conhecido Ob de Souza Carneiro circulou no Rio com um «Date» que não identifiquei.

E Beatriz Galhembäck, continua sem «Date». Será mesmo promessa?

REATADO o romance de Regina Góis com Isac Kubnttiyy. Ainda não aprendi a escrever o nome do Isac.

Pequenos Flashes

O NOIVO DA PRINCESA. Continua no Rio hospedado no Hotel Glória, o industrial português Ernesto Martorell Y Calderó, que veio aqui receber o sim do príncipe Dom Pedro (chefe da família imperial brasileira), para o pedido oficial de noivado com a princesa Tereza de Orleans e Bragança. No domingo passado Dom Pedro recebeu no Palácio Grão Pará, em Petrópolis, para apresentar o futuro cunhado ao «high-society» carioca. O casamento está marcado para agosto.

Aumentou o movimento na «soirée-snob» carioca. Numa recente terça-feira no «Sacha's», lá estavam: os casais Fernando Delemare, Alberto Sued, Nelson Batista, os Damm de São Paulo, ainda de São Paulo os Folhiatti, Pedrinho Canto muito elegante com sua bonita senhora, o sr. e sra. Donato Dangelo, numa mesa com o casal João Francisco Peixoto.

Está sendo comemorado meio século da conferência de Rui Barbosa em Haia. Uma figura lembrada nessa comemoração será o escritor Tancredo Burlamaque de Almeida, um dos participantes.

Freqüentando com assiduidade a «soirée» o sr. José Mariano, que funciona como diretor social do Iate. O sr. Mariano comunicou ao colunista que está organizando uma programação realmente «suspense» para a atual «saison».

O sr. Jorge Chamma será o próximo presidente do Clube Monte Líbano. Trata-se de boa escolha, pois ele é uma figura do «high-society».

Esperado de Paris o casal Ricardo Jafet, juntamente com a elegante e bonita Lorice Maluf, do jovem «high-society» paulista.

De Vitória, recebi: chegará aí dia 10 de maio a «Miss Ex-Combatente» eleita pela Associação dos Ex-Combatentes, e que é uma das mais graciosas moças do «society» de Vitória, no Espírito Santo. A referida senhorita ficará hospedada no Hotel Glória, durante uma semana, devendo ser apresentada à sociedade e à imprensa, durante um «party» que terá lugar após sua chegada.

Comentada a elegância do paulista José Hen-

rique Turner, que funciona chefiando o gabinete do Presidente do Banco do Brasil, sr. Sebastião Paes de Almeida, que sistematicamente foi a grande descoberta do governo do Presidente Juscelino.

Na outra noite no «Sacha's», quando pedi ao Aristides um «pernot», ele preparou um com uma tão grande torre de gelo que uma beldade presente, comentou: «parece uma obra de arquitetura». Realmente o negócio estava «suspense».

Muito concorridas atualmente as noites no Fiesta. Essa «boite» continua melhorando. A atração do momento é o organista Jorge Henrique e seu conjunto.

Na última quinta-feira o embaixador Válder Moreira Sales e o sr. Aluisio Sales (que funciona como um dos dirigentes do «Jornal do Comércio») almoçavam no restaurante refrigerado do Clube Comercial. O motivo: «business».

Até a próxima.

A GLÓRIA DE RECEBER BEM...



JOSEFINA SPITZMAN JORDAN — Seus jantares são famosos. Sua beleza é realmente «suspense»



BECKI KLABIN — Trata-se de uma perfeita discípula de Perla Mesta. Becki está organizando um «party» para o começo de maio

RECEBER é uma arte. Mas o lugar comum se complica, se formos examinar a questão mais detalhadamente. Nosso objetivo no momento é apenas falar ligeiramente sobre algumas senhoras que recebem normalmente. Citaremos apenas seis, sem nenhuma pretensão a classificar. Se fôssemos citar todas que recebem bem na sociedade carioca, páginas e mais páginas desta revista seriam necessárias. Não poderíamos esquecer Tereza de Souza Campos, Arlete Moura, Sofia Bernardes, Eunice Modesto Leal, Leila Limpo de Abreu e tantas e tantas. Citaremos seis desta vez. Depois citaremos outras. LEDA GALIEZ é a rainha do River Side. Lá recebe com elegância, com importância e com categoria. Seus coquetéis são famosos, e na temporada de verão sua casa vive cheia. É um prazer real conviver com os Galiez, ser recebido por eles. JOSEFINA SPITZMAN JORDAN, uma das mulheres mais bonitas do Brasil, é outra que recebe com esmero. Seus jantares são famosos e concorridos. Lá em sua casa se encontra "o melhor do melhor". LOURDES CATÃO recebe com delicadeza, envolve seus convidados num clima de carinho e de familiaridade. Domina magistralmente a difícil arte de receber. É uma das mulheres mais elegantes do Brasil e recebe com elegância e distinção. BECKI KLABIN, num dos mais bonitos apartamentos da Avenida Atlântica, costuma reunir grandes grupos para coquetel ou para jantar. E sempre com indiscutível categoria. A Embaixatriz GILDA SARMANHO também é outra das senhoras cariocas, que com sua classe internacional, costuma receber. Sua beleza e sua elegância são comentadas e seus jantares são apreciados, pelo requinte e pelo "savoir fair" que imprime a suas reuniões. E finalmente sobre MARIA EUDOXIA GUALBERTO DE OLIVEIRA, que foi considerada a "hostess" de 56, pouco se pode acrescentar ao que já foi dito. Só o título que conquistou, diz tudo.

EMBAIXATRIZ GILDA SARMANHO — No seu bem montado apartamento do Morro da Viúva, recebe com frequência figuras da diplomacia, política e sociedade



LOURDES CATÃO — Uma das mulheres mais elegantes do Brasil é sistematicamente uma «hostess» de grande categoria.



MARIA EUDOXIA GUALBERTO DE OLIVEIRA — É uma «hostess» realmente «suspense». Trata-se de uma paulista de quatrocentos anos.



**vista-se bem e ganhe
dinheiro estudando**

CORTE COSTURA

**por correspondência
em suas horas de folga no
INSTITUTO MONITOR**

— pelo nosso moderno e prático curso de **CORTE E COSTURA**, a senhora poderá aprender, **sem sair de sua casa, e sem prejuízo de seus afazeres**, a fazer roupinhas de bebê, vestidos para moças, crianças e senhoras para casa, passeio ou festa, esporte, praia ou campo, vestidos de noiva, camisas para homens e mil outras utilidades.

Tôdas as lições são acompanhadas de desenhos, riscos, figurinos e moldes da última moda. **Assistência permanente e consultas grátis por competentes professoras.** Duração mínima do curso: 5 meses, **mensalidades suaves** — **moldes em tamanho natural e figurinos grátis!**

—mande-nos
hoje mesmo
o cupom
preenchido



PUBL. MONITOR A-5-56

INSTITUTO MONITOR

RUA TIMBIRAS, 263 - CAIXA POSTAL, 1.795 - SÃO PAULO
Sr. Diretor: Solicito enviar-me grátis, o folheto sobre o CURSO PRÁTICO DE CORTE E COSTURA.

NOME:

57-1

RUA:

N.º

CIDADE:

ESTADO:

E.F.:

Fôrça e matéria

(Continuação do número anterior)

A ciência química, nas suas constantes investigações, classificou perto de uma centena de elementos básicos da matéria organizada, e deu à partícula fundamental infinitésima desses elementos o nome de átomo. Os átomos são combinados entre si, cientificamente, para formar as moléculas, que são, por sua vez, as partículas infinitésimas dos corpos compostos. Tanto os átomos como as moléculas mantêm-se agregados uns aos outros, enquanto a Fôrça exercer sobre eles a sua ação coesiva, e se desagregam quando essa ação deixar de atuar.

A matéria organizada, representada por um simples átomo que seja, contém um potencial de fôrça de extraordinário poder, e cada um desses núcleos de alta condensação de fôrça, mantém-se em perfeito equilíbrio com os demais, na composição do Todo, em completa uniformidade, cada qual dentro da sua classe, sem nenhuma alteração na sua constituição específica, justamente porque o que as leis têm estabelecido não pode sofrer alterações e não há imprevistos para a Sabedoria que é Una, Integral, Total.

A Fôrça, utilizando-se da Matéria, começa a sua evolução na estruturação do átomo, onde se encontram as primeiras partículas de fôrça concentrada. Passa, depois, na composição das moléculas, a uma nova ordem de aplicação construtiva.

Em todo o constante agregar e desagregar dos corpos, a intensidade da fôrça nesses núcleos infinitésimos vai aumentando; as vibrações da vida vão se acentuando, o grau de inteligência vai progredindo, até que, depois de terem, tais núcleos de fôrça, feito o ciclo, primeiramente pelo reino mineral, em seguida pelo vegetal e depois pelo animal, ficam em condições de se constituírem em micro-organismos de ínfima espécie.

Desses micro-organismos, partindo da espécie ínfima, faz a partícula de fôrça a sua evolução através de outras espécies e de outros organismos, de maior desenvolvimento, atingindo sempre formas mais elevadas.

A Fôrça inteligente que, na molécula e suas subdivisões, se apresenta, apenas, pela sua expressão vibratória, ou de movimento interno, intramolecular, já nos micro-organismos, além daquela vibração, revela a ação de movimento exterior, a locomoção.

Em organismos mais desenvolvidos, além dessas primeiras exteriorizações, demonstra o afloramento da inteligência.

Assim, de mudança em mudança, de um corpo para outro, imediatamente superior, vai evoluindo a partícula da Fôrça, até atingir o grau de espírito, estado em que fica em condições de encarnar em corpo humano, porque a inteligência nesse grau de intensidade está apta para raciocinar e assumir com a responsabilidade de exercer a faculdade do livre arbítrio.

Como espírito encarna inúmeras vezes, adquirindo sempre mais inteligência, mais luz, mais experiência, mais conhecimentos, mais clara concepção da vida e maior capacidade de raciocínio.

O espírito inicia a sua trajetória, no planeta, em condições próprias ao seu estado de adiantamento, e em cada reencarnação passa a viver em meio que favoreça o seu progresso, até que o ambiente que lhe tenha de servir para continuar a sua evolução, não seja mais o deste mundo.

O globo terrestre é uma esfera de matéria organizada, impregnada de fôrças que atuam diretamente sobre os átomos, constituindo-os e mantendo-os em equilíbrio, na sistemática de uma complexidade de movimentos.

O átomo está em vibração constante pela ação da fôrça no seu interior; liga-se a outro átomo pela fôrça de coesão, na composição da molécula; as moléculas, por sua vez, estão ligadas entre si, também, pela ação de uma fôrça de coesão; de um pólo a outro da Terra passam linhas de fôrça, denunciadas pelas bússolas; a fôrça de gravidade exerce a sua ação sobre cada átomo, atraindo-o para um centro no interior do globo; há fôrças que atuam nos átomos para conduzir a esfera terrestre em todos os seus movimentos.

O diagrama que se segue dará uma idéia geral, porém rudimentar, de como Fôrça e Matéria se acham associadas no planeta, para a constituição dos reinos da natureza.

Vê-se, pois, que, no reino mineral, é a fôrça o atributo fundamental predominante; no reino vegetal, predominam a fôrça e a vida e, finalmente, no reino animal, além destes dois últimos atributos, predomina, também, a inteligência.

Não quer isto dizer que não haja vida no reino mineral, nem inteligência no reino vegetal, mas que, apenas, para simplificar a compreensão de um assunto da mais transcendente apuração científica, vale dizer que, nesses reinos, predominam os atributos fundamentais apontados.

O ser humano, que quiser demorar-se na investigação do assunto, encontrará campo aberto para desdobrar o raciocínio, firmar as suas convicções e reconhecer que essas duas fontes substanciais, Fôrça e Matéria, são o princípio e o fim, são Unidades que se tocam nos seus extremos, que correm paralelas e que, na sua incomensurabilidade, abrangem o Infinito, penetram e envolvem o Universo, empregando-se expressões relativas, por falta de outras, para exprimir uma concepção de ordem absoluta.

(Transcrito do Livro «RACIONALISMO CRISTÃO»)

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280.00 — Casal 380.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



CINEMA

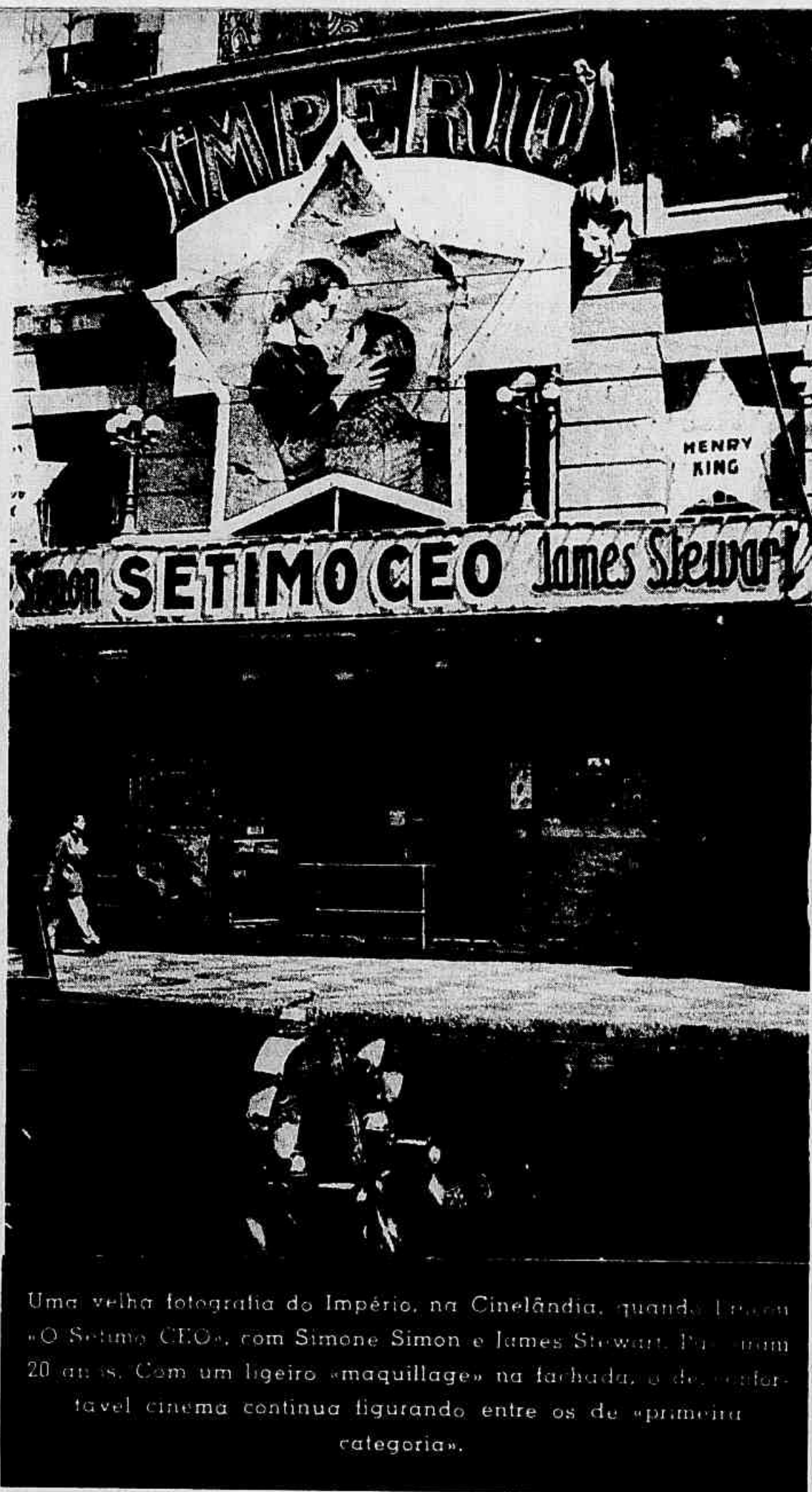
Por ELY AZEREDO

COFAP: LEÃO-DE-CHÁCARA DOS GRANDES EXIBIDORES

A VERDADE INTEIRA SÔBRE O COMÉRCIO DE FILMES ★ INTERESSES MONOPOLISTAS POR TRÁS DO TABELAMENTO ★ O INGRESSO MAIS BARATO DO MUNDO SÓ PERMITE O FLORESCIMENTO DE CIRCUITOS-MONSTROS ★ PORQUE O BRASILEIRO É TORTURADO NA HORA DA DIVERSÃO



O Pathé, na Cinelândia, lançou «O Sexto Continente» (filme comum) com o «Vista-Vision», para cobrar os Cr\$ 18,00 dos «processos especiais». Frequentemente projeta filmes comuns em dimensões «panorâmicas», decapitando os atores e turvando as imagens.



Uma velha fotografia do Império, na Cinelândia, quando lançou «O Setimo CEO», com Simone Simon e James Stewart. Por aí, há 20 anos. Com um ligeiro «maquillage» na fachada, o deslumbrante cinema continua figurando entre os de «primeira categoria».

O PÚBLICO QUE ESTÁ PAGANDO CR\$ 18,00 PARA VER COISAS

Seguindo a tradição da política de controle de preços, a COFAP mantém no mais baixo nível do mundo os preços de cinema. Resultado: um mercado de «poeiras», dominado por circuitos cada vez mais poderosos. O filme tornou-se, e se aperfeiçoa neste sentido, mercadoria de grandes «atacadistas», que não admitem concorrência e, por isto, não têm interesse vital em tabelamentos mais generosos. O «varejista», como eu denominaria o proprietário de um ou dois cinemas, é ave rara. Um recente «varejista» que não agüentou os preços vigentes e se entregou a um «atacadista»: o Imperator, grande sala da Zona Norte carioca. O fruto da política cofapiana é um mercado interno pobre e sem conforto, incapaz de reembolsar os produtores de filmes de bom padrão técnico-artístico. A COFAP é o melhor amigo do cinema... americano.

● O INIMIGO Nº 2 é o «protecionista», que se diz defensor incondicional do cinema caboclo. Quando não são interessados diretos no subcinema são estrategicamente membros das «comissões federais», incumbidas de salvar a indústria, os «protecionistas» são nacionalistas boçais (que não saberiam definir **nacionalismo**), comunistas ou «inocentes úteis». Protecionistas sem aspas, são raríssimos.

Sei que corro perigo de ser confundido com anti-comunistas profissionais. Risco maior, porém, é escrever em letra de fôrma que cinema é barato. Para quem vive de escrever, e assina o que escreve, a impopularidade é o grande fantasma. Mas não nos amedronta. Na REVISTA DA SEMANA, como na «Tribuna da Imprensa», a liberdade de desgostar os poderosos anda de braços com a liberdade — muito mais audaciosa — de desagradar o leitor. E a obrigação da imprensa é defender o que considera justo, embora pareça injusto ao leitor preocupado com o orçamento do dia.

A política dos comunistas, cujos porta-vozes são «inocentes úteis» e «úteis» não inocentes, é fazer causa comum com os que defendem os interesses imediatos do cinema brasileiro (sacrificando um cinema que, como arte ou diversão saudável, é tarefa a longo prazo), desde que as reivindicações em pauta não favoreçam também o cinema americano, mediante aumento de preços, co-produções, etc. Fariam outro raciocínio se o grande beneficiário do mercado nacional fôsse a Rússia.

A grita contra «evasão de divisas», fora do plano da demagogia, tem de ser levada a sério. No plano cofapiano, porém, é inteiramente demagógica. Uma comissão de preços não pode perder o sono com problemas do Ministério da Fazenda. Em caso de aumento de lucros estrangeiros no país, caberia à Fazenda encontrar soluções como congelamento parcial, aplicação na indústria nacional para construção de laboratórios, fábricas de filmes virgens, equipamento, etc.

No momento, os «protecionistas» empoleirados na última Comissão Federal de Cinema, sugerem tudo, exceto um reexame da política de preços e exibição no Brasil. Os preços atuais e os grandes circuitos impedem a construção de cinemas em escala paralela à grande procura? A Comissão não sabe nem quer saber.

● O INIMIGO Nº 3 do cinema nacional é o espectador «patriótico», influenciado pelos **slogans** do gênero «Todo filme brasileiro deve ser visto». Cinema é arte e indústria. No Brasil, quando não é **cavação** esporádica, é apenas indústria. E nenhuma indústria progride se o comprador aceita produto deteriorado.

O público que está pagando Cr\$ 18,00 para ver coisas como «Madrugada de Sangue» e «O Negócio foi Assim» é cúmplice de um crime contra o país. O leitor não se iluda: os maiores amigos do filme brasileiro são os críticos que aconselham a não assisti-lo em 80 ou 90% dos casos. E na luta pela queda dessa percentagem o espectador deve desempenhar o papel estelar.

O autor dessa reportagem é brasileiro e adulto. Não tem, portanto, razões para otimismo. Não pretende resolver o problema do cinema no Brasil, nem acredita que sua modesta contribuição nas páginas da REVISTA DA SEMANA e da «Tribuna da Imprensa» tenha maior importância que uma gota d'água em nosso famoso «deserto de homens (honestos) e idéias». Nesse país, onde os homens decentes, para sobreviver deveriam adotar a organização dos «gangsters» cinematográficos, os problemas são resolvidos pela força das armas ou do dinheiro — este, preferivelmente, por baixo da mesa. Como reservista de terceira categoria (miópe, graças a Deus) e proletário do jornalismo (com exclusividade), não tenho nenhuma simpatia pelos dois métodos. O cinema brasileiro tem três inimigos a seu lado, numa trincheira que, com alguns baldes de terra, daria excelente túmulo. São inimigos paradoxais.

● O INIMIGO Nº 1 é a COFAP, que deu aos filmes brasileiros «comuns» o privilégio de cobrar o preço-teto (Cr\$ 18,00) dos «cinemascope» e similares. O privilégio é incondicional: aplica-se tanto a um filme de classe como «O Cangaceiro», como às pornografia tipo «Garôtas e Samba» e «Tem Boi na Linha». Resultado: aumento notável da produção pornográfica, que é mais barata e dá lucros maiores. Lima Barreto, cujo talento em «O Cangaceiro» e nos documentários de arte «Santuário» e «Painel» recebeu prêmios e aplausos em todo o mundo, jamais terá os milhões necessários ao seu segundo longa-metragem, «O Sertanejo». Pode subir num pedestal e virar estátua. Os honestos no Brasil são rapidamente imobilizados em bronze, para que os vigaristas roubem em paz.

● DEM
denunci
cresce d
surgir n
sentado
Tele-Film
lançame
longa m
congelat
lado, pe
treiro d

● PRO
Lino de
João Ac
História
produtor
venção
sentand
dos mel
Walter
dutor; E
zelin, ci
grande
Arte M
Cinema

Em c
sobre
cuitos,
portânc
Outro e
e Finan
teração

● SIT
Brasil,
mero d
«Con
1953, o

1.
2.
3.
4.
5.
6.
7.
8.
9.
10.

«Este
clamor
produç

COISAS COMO "MADRUGADA DE SANGUE" E "O NEGÓCIO FOI ASSIM" É CÚPLICE DE UM CRIME CONTRA O PAÍS

● **DEMAGOGIA** — Em reportagem na última REVISTA DA SEMANA denunciaremos a exploração dos falsos «processos especiais». A lista cresce dia a dia e já pode ser ampliada com o «Artevisione» (que vai surgir no Rio com fitas italianas da Art Films), o «Italvisione» (apresentado em São Paulo com «Nagana», franco-italiano, distribuído por Tele-Filmes e Fama Film) e o falso «Vista-Vision» (iniciado com o lançamento carioca de «O Sexto Continente», documentário italiano de longa metragem). A demagogia da COFAP está clara. Por um lado, congela os preços mantendo o domínio dos grandes circuitos. Por outro lado, permite qualquer exploração, desde que haja na porta um letrinho de «Cinemascope», «Vista-Vision», etc.

● **PROTECIONISTAS SEM ASPAS** — Em 1955, durante a gestão de Lino de Matos na prefeitura de São Paulo, sendo secretário da Educação João Acioli, formou-se uma Comissão Municipal que já entrou para a História de nosso cinema, obtendo no plano estadual financiamento de produtores idôneos e, no municipal, um sistema de premiação e subvenção de filmes. Seus membros: Rossine Camargo Guarnieri, representando a Secretaria de Educação e Cultura; Benedito J. Duarte, um dos melhores críticos do país («Anhembi» e, agora, «Fôlha da Manhã»); Walter George Durst, cineasta; Lima Barreto, cineasta; Tito Batini, produtor; Flávio Tambelini, crítico; Almeida Sales, crítico; Jacques Deheinzeln, cineasta; Mário Audrá Júnior, produtor; Paulo Emílio Sales Gomes, grande estudioso de cinema, conservador da Filmoteca do Museu de Arte Moderna; Plínio Garcia Sanchez, representante do Seminário de Cinema do Museu de Arte.

Em dezembro de 1955, a Comissão enviou à COFAP um relatório sobre «A influência do sistema de exibição simultânea em grandes circuitos, sobre a economia cinematográfica brasileira», trabalho de importância fundamental que o destinatário desconheceu inteiramente. Outro estudo importantíssimo da Comissão sobre a «Situação Econômica e Financeira do Cinema Nacional» também não exerceu nenhuma alteração na política cega da COFAP.

● **SITUAÇÃO PARADOXAL** — Estranhou a comissão paulista que o Brasil, primeiro mercado sul-americano e o décimo do mundo em número de espectadores, tivesse produção tão pobre.

«Considerando os países de mais de 40 milhões de habitantes e em 1953, o ano da maior produção brasileira, temos o seguinte quadro:

Países	População (milhões)	Nº de filmes produzidos
1. Estados Unidos	170	356
2. Japão	83	302
3. Índia	347	275
4. U.R.S.S.	193	250
5. Itália	47	146
6. França	40	111
7. China	464	110
8. Alemanha	50	82
9. Inglaterra	50	71
10. BRASIL	52	34

«Esta reduzida produção cinematográfica brasileira torna-se ainda mais clamorosa quando comparada à mexicana ou à argentina, ou, ainda, à produção da Suécia:

Países	População (milhões)	Mercado (milhões de ingressos vendidos)	Número de filmes produzidos
Suécia	7	50	25
Argentina	17	120	55
México	25	120	122
BRASIL	52	250	34

«Assim, o Brasil, com um mercado interno duas vezes maior que o argentino ou mexicano, produziu em 1953 apenas 34 fitas, contra 122 mexicanas e 55 argentinas. E, ainda, produziu pouco mais do que a Suécia, que se movimenta num mercado interno inferior ao da capital do Estado de São Paulo. (Em 1952, a frequência aos cinemas do Município superou a de todos os cinemas da Suécia)».

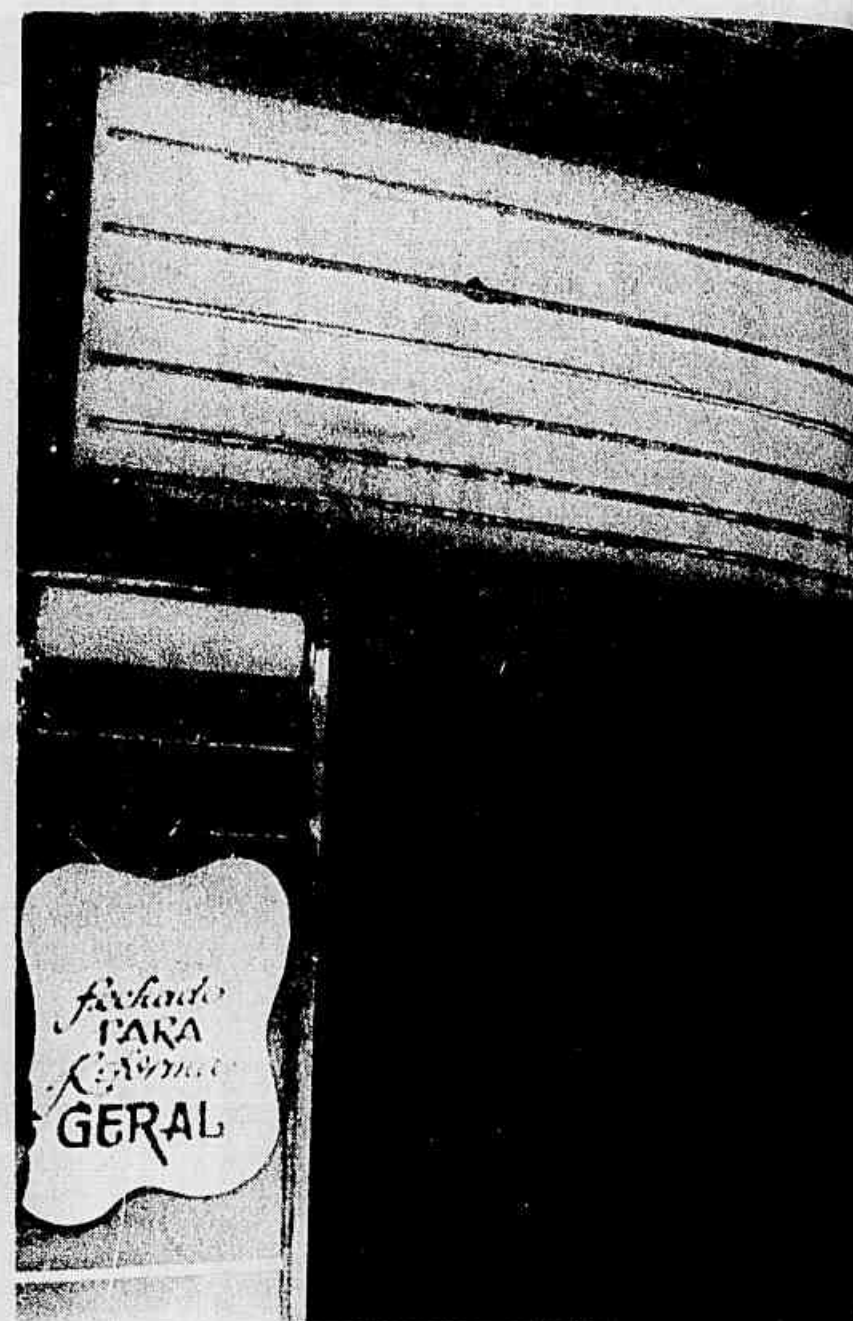
● **RENDAS INSUFICIENTES** — Por que? Não contamos com o mercado externo (só «O Cangaceiro» teve boa distribuição mundial) e o interno, graças ao tabelamento, não reembolsa filmes que se recusem a fazer concorrência com a pornografia radiolônica e com os programas de audiório.

Examinando 25 filmes produzidos pela Vera Cruz, Maristela e Multifilmes, as três empresas paulistas que dispõem de instalações industriais, a comissão verificou que «a companhia que apresenta os melhores resultados conseguirá, em quatro anos de exibição, apenas cobrir com a renda dos seus filmes 70% do custo» (...) «Acrescentando os altos juros sobre o capital vigente no país, chega-se à conclusão de que, para constituir um atrativo para o capital particular, os filmes produzidos deveriam apresentar, pelo menos, em média, uma renda igual a 140% do preço do custo». Dos 25 filmes examinados, só «O Cangaceiro» exibiu lucro — e apenas de 34%!

A comissão paulista destruiu os argumentos demagógicos com as estatísticas oficiais de aumento do custo de vida: de acordo com este, os cinemas lançadores em 1955 eram «5,5 vezes mais baratos que em 1939!». Os aumentos recentes (de Cr\$ 2,00 para os filmes comuns, e Cr\$ 8,00 para os brasileiros e «processos especiais»), em média, também são ridiculamente pequenos ao lado do crescimento assustador de todos os preços. Um ingresso em qualquer dos principais teatros do Rio (sem falar nos preços enormes do teatro-revista) está custando via de regra Cr\$ 120,00.

Voltemos aos argumentos da comissão. «O tabelamento dos ingressos de cinema a um preço muito baixo teve por efeito nivelar as diversas categorias de cinema. Se os cinemas lançadores têm um preço de cinco até sete vezes inferior ao normalmente cobrado no mundo inteiro, o preço médio para todos os cinemas é apenas duas a quatro vezes inferior ao preço médio dos outros países».

● **CRITÉRIO DEMOCRÁTICO** — «O filme constitui mercadoria de uso coletivo que pode, sob o aspecto da amortização do seu custo, ser equiparado a um serviço público. Para essa amortização, geralmente muito elevada, concorrem milhões de consumidores, pertencentes às classes sociais mais diversas. No mundo inteiro, o comércio exibidor estabeleceu um critério de exibição que reserva às classes mais abastadas contribuição maior na formação das rendas por meio de preços mais elevados.



O velho Eldorado, ao lado da Galeria Cruzeiro, «suicidou-se», desgostoso com o desleixo dos donos. Ateou fogo às suas instalações. A avenida Rio Branco perdeu sucessivamente três cinemas: Eldorado, Parisiense e Ritz. Motivo: os preços de ingressos deixaram de acompanhar há décadas a valorização imobiliária

Ninguém escaparia vivo em caso de incêndio no Rivoli, porão com uma saída e uma entrada sinuosas (em escadas). Outro cinema que não funcionaria em nenhuma cidade policiada do

OS GRANDES CIRCUITOS, TENDO ELIMINADO QUALQUER CONCORRÊNCIA, ESTÃO EM CONDIÇÕES DE IMPOR

Esse critério permite oferecer, ao público de menor posse, um espetáculo de alto custo que não seria possível produzir sem a participação financeiramente maior da clientela rica. É o princípio que preside à incidência do imposto de renda na receita orçamentária de todos os governos: o grande capitalista paga sempre mais impostos do que o detentor do salário mínimo.

«O sistema de exibição que permite cobrar das diversas clientelas preços diferentes está assim organizado: o filme, na estréia, é lançado em número reduzido de cinemas, e muitas vezes em um só, onde o espectador de maiores posses compra muito caro o direito de assisti-lo em ambiente de luxo e com algumas semanas de antecedência sobre o restante da população. Nesses cinemas, ditos de «exclusividade», os preços oscilam entre 30 e 120 cruzeiros.

«Depois de esgotar a clientela das classes mais abastadas nesses cinemas — onde permanece um tempo variável, geralmente várias semanas e, às vezes, durante meses — o filme começa a percorrer os demais cinemas, que constituem a grande maioria. Estes, embora oferecendo muitas vezes ótimas condições de conforto e de qualidade de projeção, cobram preços bem mais baratos (entre 6 e 15 cruzeiros). Na Itália, onde existem cinemas de estréia que cobram até 800 ou 1.000 liras (80 a 100 cruzeiros), o preço médio de todas as entradas era, em 1953, de apenas 121,2 liras (12 cruzeiros), o que dá uma idéia da grande proporção de cinemas a preços populares.»

«Por meio deste sistema, é possível ao cinema mundial arrecadar muito maiores rendas sem prejuízo para o povo. É o único sistema que, do ponto de vista industrial, permite obter rendas suficientes para produção de filmes de alto padrão, e, do ponto de vista social, atende à mais elementar justiça, que estabelece uma contribuição pessoal de cada espectador de acordo com suas posses.»

● **TRUSTIFICAÇÃO** — «No Brasil, entretanto, o sistema de exibição universalmente adotado deixou de vigorar nos últimos anos e foi substituído pelo de **lançamento simultâneo** que, na prática, revelou-se poderoso instrumento de monopolização do mercado exibidor.»

«O tabelamento é em grande parte responsável por essa situação. Os cinemas, impedidos de reajustar seus preços para acompanhar a desvalorização do cruzeiro, passaram em grande número à categoria de lançadores, para cobrar o máximo de 10 cruzeiros. Essa inflação de cinemas lançadores fez com que os filmes, na estréia, em vez de serem lançados em um ou em poucos cinemas, fossem programados em grandes circuitos, e, em vez de permanecerem em cartaz várias semanas, em cada grande cidade, tiveram seu prazo de exibição praticamente limitado a uma semana.»

«Em outros termos, enquanto, em qualquer país do mundo, o filme explora seu público **no tempo**, à maneira do teatro ou de qualquer outro espetáculo, no Brasil começou a vigorar o princípio da exploração



o mundo: o Alaska, em Copacabana, uma arquibancada íngreme, também com duas saídas em escadas.



Todos concordam que o Olinda é um ótimo lugar para se construir um cinema. No circuito Vital Ramos de Castro (Plaza, Astória, etc.) só perde em mau gosto para o Primor. Inteiramente desinteressado pela situação de suas salas, o sr. Vitor Ramos Castro é o principal responsável pela deturpação do «Vista-Vision» no Rio.

IMPOROS DISTRIBUIDORES E PRODUTORES AS TAXAS DE LOCAÇÃO DE FILMES QUE LHE SÃO MAIS FAVORÁVEIS

no espaço, pela exibição simultânea em um número cada vez maior de salas, geralmente durante uma semana, depois do que o filme praticamente desaparece do mercado».

«Fácil é compreender que este sistema favorece tremendamente os grandes circuitos. Qualquer exibidor que não tiver pelo menos 15 salas estará condenado a exibir sempre fitas comercialmente fracas e, portanto, a sofrer queda de frequência em suas casas. É o que aconteceu em São Paulo com o circuito liderado pelo Marrocos que, por não dispor normalmente das melhores fitas, vinha apresentando vultosos prejuízos, sendo obrigado a entrar em acôrdo com o circuito Serrador, ao qual se subordinou.»

«Os grandes circuitos, tendo eliminado qualquer concorrência, estão em condições de impor aos distribuidores e produtores as taxas de locação de filmes que lhes são mais favoráveis. Além disso, são eles que determinam, de antemão o destino comercial das fitas, oferecendo maior ou menor número de salas para sua exibição, enquanto no sistema normal, é o público que, determinando a permanência de uma fita em cartaz por um período mais prolongado, dita a sua preferência e condiciona as rendas dos filmes».

● **NIVELAMENTO POR BAIXO** — Este sistema «é responsável pela deficiência qualitativa do cinema nacional. Obtendo suas rendas por meio da assistência maciça de um público pagando um preço mínimo, é evidente que, para conseguir boa renda, o filme deve ser apreciado,

sobretudo, pelo público de nível mais baixo. As conseqüências, no plano artístico, são desastrosas. Ora, as rendas auferidas no teatro, por exemplo, com peças de difícil aceitação pelo grande público, demonstram a existência no país de uma elite que, se contribuísse para as rendas cinematográficas com ingressos de 30 ou 40 cruzeiros, possibilitaria progressiva melhoria do nível de nossas fitas».

«Outro aspecto mais negativo ainda para a produção nacional é o seguinte: torna-se difícil para um filme sem atrativos populares comprovados, conseguir se impor sozinho ao grande público, no curto prazo de uma semana. Nessas condições, os únicos filmes que apresentam boa rentabilidade são os que contam com uns poucos nomes de grande prestígio popular, de que Oscarito e Mazzaropi são exemplos.»

«Os perigos que representa sempre o «estrelismo» no cinema, como fator de estandardização e estagnação artística, são muito mais graves num cinema em formação e pobre de valores, que precisa, para se expandir, criar constantemente novos artistas e abordar temas novos.»

O problema está aí, desafiando o que existe de patriotismo e coragem em todos nós. É preciso acabar com o vício brasileiro de nivelar tudo por baixo, em nome da massa que está cada vez mais por baixo. No setor cinematográfico, o que se faz no Brasil a pretexto de democracia e patriotismo é reunir na mesma falta de conforto, o rico e o pobre, oferecendo a preços progressivamente mais baixos (em relação ao custo da vida) espetáculos cada vez mais baixos sob os pontos de visto espetacular e moral.



•
int
os
mo
de
rec
son
aln
plo

R
Ro
çõ
em
ca
co

al
rep
rep
po
mu

esc
ole
ap
ho
e f
vei
Sir

R
to
qu
Ex
de
na
do
me
qu
de

PÁGINAS DO GALO BRANCO

● O outono chegou. Foram-se os dias grosseiros de calor intenso, de chuvas inesperadas. Nas asas de abril vieram os céus de um azul doce, as brisas leves, as palpitações mais felizes. Sinto-me viver depois de longos dias de tédio, de isolamento, de tristezas baixas e vis. Deus me ajudando reagirei ainda mais, contarei a invasão da melancolia. O sonho de alguns momentos alegres anima-me, vivifica minha alma, dá-me desejos de prosseguir, de arquitetar novos planos.



Prometo-me trabalhar melhor, escrever o livro sobre o **Rosário**, que está planejado, organizar a coleção de traduções para a editora do Simões. Quanto às empresas diversas em que ando metido já estou desejoso de abandoná-las, cansado da luta que no Brasil é áspera, é dura, é terrível contra os que trabalham.

Quanto tempo durará este estado de espírito, esta quase alacridade, esta disposição para a vida que me veio de repente? Sinto que não quero examinar-me. Meus mortos repousam felizes nos seus túmulos. Quero viver ainda um pouco, pois a vida me oferece um grande céu lavado e muitas horas de frescura, de paz.



O silêncio é grande agora. Abro os olhos, na varanda escura, onde adormeci por alguns momentos. Diante de mim oferecem-se à minha curiosidade muitas janelas acesas de apartamentos vizinhos ao meu. Observo em silêncio um homem que parece explicar alguma coisa a um menino. Pai e filho. O pai está sério, mas o menino (dez anos presumíveis) sorri de quando em quando. Olho com inveja o quadro. Sinto-me, de súbito, duramente só.



Releio Peguy, nesta Sexta-Feira Santa, recito alto o seu canto da noite, a sua exaltação à noite, os seus grandes versos em que Deus fala no "Le mystère de la charité de Jeanne D'Arc". Experimento a mesma emoção antiga, a mesma sensação de força mística, de vitalidade, de poesia autêntica brotada, nascida, originada de uma participação íntima na grandeza do sentimento cristão. Poesia de grandes raízes, de grandes mergulhos no mistério mas ao mesmo tempo poesia do povo, que só um homem que conservou a alma do povo seria capaz de receber e realizar. Pouco me importa que Peguy tenha

saído de moda. É um grande, um imenso poeta. É uma espécie de Dante na poesia francesa, um Dante imperfeito mas cheio de seiva, de vida, dotado de uma extraordinária grandeza também. É um dos poetas fundamentais da cristandade, um poeta militar, um poeta da terra e do céu.



Penso no nacionalismo de Maurice Barrès, de Barrès que está atualizado novamente com a publicação do XIV e último volume de seus cadernos de impressões e apontamentos. Barrès acaba de receber a homenagem de um número especial da revista **Table ronde**.

O **nacionalismo** barrèsiano pareceu-me sempre uma doutrina sadia, erguida contra os desenraizados, os internacionalistas sem pátria e sem Deus. Pelo caminho do nacionalismo de Barrès pode-se atingir ao universal, graças à autenticidade do espírito criador mergulhado na terra fecunda, na terra carnal. Há uma afirmação ardente e contínua de valores espirituais e culturais, na doutrina defendida pelo autor do Jardim de Berenice, que eleva, justifica e ilustra o seu nacionalismo. Mas mesmo assim, mesmo apoiado na França, no solo e na cultura francesa, quer dizer na mais humana e mais universal das nações, mesmo assim, com todo o enobrecimento o nacionalismo barrèsiano ao lado do bem que produziu, levou também os seus seguidores a muitos erros e muitas injustiças. Imagine-se então o que há de maléfico no nosso suspeito nacionalismo. O baixo nacionalismo econômico do **petróleo é nosso**, das riquezas nossas inexploradas, do horror à colaboração da técnica estrangeira nos problemas que não poderemos resolver sòzinhos. Tudo isto que vemos crescer e tornar-se importante aos nossos olhos, que sentimos estar errado mas corporifica-se aos nossos olhos, não é, não pode ser o nacionalismo desejado para que um país tome consciência de sua existência e de seu destino. Como reagir? Como corrigir os exageros deformadores e restituir à palavra **nacionalismo** o seu verdadeiro conteúdo, a sua essência, a sua autenticidade? Creio que só há um remédio e que este remédio é a cultura, quer dizer o conhecimento formado pela experiência, pela aplicação nos problemas vitais do país de uma sincera e justa visão da realidade.

Sem cultura não há nada que possa resistir, não há nada capaz de fazer face ao embrutecimento inexorável gerado pelos ressentimentos, pela inclinação demasiadamente humana de fugir ao trabalho decantador do pensamento.

NA ESTRÉIA DA PIAFF

MULHERES BONITAS

EM QUANTIDADE



Com o colonista aparece a linda sra. Lillian Xavier da Silveira. Lillian a cada dia fica mais bonita, e para ela podemos usar a frase de Napoleão saudando Josefina: «Senhora, a cada dia que a vejo, estais mais bonita que no dia anterior. E hoje, parece até amanhã.»



TEREZA DE SOUZA CAMPOS

No momento, se fôsse feito um concurso para escolher a mulher mais bonita do Brasil, Tereza ganharia. Sem rubrica, sem voto, sôbre os juizes, e por unanimidade. Pois sua beleza é tão poderosa, impressionante. Na rua, em casa, em festas, na mesma forma, a mesma costa seu conversível na porta da Camara Municipal, no meio da multidão e da multidão anônima, a beleza da rua, da praça, dos olhos. Na estrêia da Piaff mais uma vez ela foi um grande sucesso. O jeitinho de olhar, o cabelo, a fala mansa e sofisticada, o sorriso (o famoso vermelhinho) tudo era Tereza de Souza Campos. E a isso não é preciso acrescentar mais nada.

NA ESTRÉIA DA PIAFF (continuação)

★ Fartamente anunciada, a Piaff (a famosa e quase inconquistável Piaff) estreou no Copacabana. Poucas casas teriam coragem de contratar uma artista tão cara. 2 milhões de cruzeiros com tôdas as despesas pagas (in-

clusive imposto de renda) foi quanto a genial cantora francesa recebeu por essa temporada. Mas hoje nesta reportagem não vou tratar precisamente da cantora e do seu sucesso. Isto ficará a cargo dos críticos especializados

da r
desfi
cione
como

AS MAIS MOÇAS COMPARE



REGINA DE GÓIS

◆ O sucesso (e beleza) de Regina não precisam ser explicados com palavras. Basta colocar a foto e já tudo se esvai. Basta que se diga que é Regina de Góis e nada mais precisa ser dito. Na noite da Piaff como estava linda. Colar de pérolas de três voltas, brincos de brilhantes, um belo vestido branco. Seu cabelo trabalhado por artista, era dos mais bonitos. Regina de Góis: uma das meninas mais bonitas do Rio de Janeiro.



RACHEL DOS SANTOS JACINTO

◆ Desde quando começou a aparecer em festas e em «soirées-snoobs» que Rachel faz sucesso. E como merece. Que presença extraordinária que ela é. Seu sorriso de moça tímida, é único e insuperável. Conversar com a bela Rachel é passar momentos agradáveis de prazer real e certo. Está ve soberba na noite da Piaff, apesar de suas atuais (e visíveis) preocupações sentimentais. A noite da Piaff foi uma noite de triunfo para Rachel.

◆ Ve
do Br
última
vestid
porqu
«quem

da revista. Tratarei apenas das mulheres bonitas que desfilaram pela sala elegantíssima do Copacabana. Se-
cionei 11 mulheres (oito senhoras e três da nova geração) como as mais bonitas presentes. Vejam as fotos de Ar-

naldo Vieira e concordem (ou não) com a seleção dêste repórter. Seleção honesta, imparcial e tanto quanto possível acertada. Mas compreendam. As mulheres bonitas eram muitas, e êste colunista quer se penitenciar antecipadamente de compreensíveis omissões.

PARECERAM E BRILHARAM



NORMA PRIMO

♦ Vejam êste brêto, olhem bastante, e digam se não é dos mais bonitos do Brasil. Vai casar dentro em pouco e provavelmente esta foi uma das últimas noites em que apareceu como solteira. Estava um encanto. De vestido branco, colar de pérolas de 3 voltas, e com brincos que não sei porque me lembraram a Torre de Pisa. Sua beleza provocou muitos "quem é ela?" Sorte de Tarso que vai casar com êste brêto lindo.



DENIZE LEIRAUD

♦ Como está bonito êsse brêto. Como se acentuam as suas feições delicadas, como vai enlindecendo (com licença do Antônio Maria), ganhando categoria e classe de mulher feita. Seu vestido branco era muito bonito. Não usava uma jóia, a não ser um modesto brinco. Mas como sua beleza realçava. Está com um ar triste, com um olhar distante, que pela sua idade dá a idéia de saudade de lugares nunca dantes percorridos.



LOURDES CATÃO

♦ A loura mais bonita da sala era incontestavelmente a sra. Catão, assim como a morena era a sra. Tereza de Souza Campos. Seu vestido preto era realmente maravilhoso, palavra que se ajusta também ao colar de cinco voltas que usava. Seus cabelos estavam lindíssimos, sua mesa era ponto de parada obrigatória dos fotógrafos, que vendo-a não se podiam furtar à tentação de fotografá-la. No fim da noite perdeu um dos dois belíssimos «clips» de brilhantes que usava. Procurou, procurou, mas infrutiferamente. Mas até que sem o «clip» a beleza de Lourdes Catão ainda ficou mais «suspense».



NEUZA ANDRADE

♦ Essa mineira vai conquistando rapidamente o Rio de Janeiro. Na sua bagagem, trouxe muita simpatia, uma vontade louca de viver e uma beleza extraordinária. Na noite da estréia da Piaff, estava muito feliz. Seus cabelos penteados perfeitamente de acordo com o feitio do rosto. O vestido muito bonito e chamando a atenção de todos. Brincos lindíssimos (iguais aos de Lourdes Catão). Nota original: foi uma das poucas mulheres a comparecer sem colar de pérolas. Neuza Andrade: presença encantadora, mulher belíssima, e um dos «papos» mais agradáveis e divertidos que se possa imaginar.



EUNICE MODESTO LEAL

♦ A jovem Condessa está cada dia mais bonita, mais serena, mais terna e compenetrada. Estreava nesse dia um novo penteado, sóbrio e bastante funcional. Brincos de pérolas, um colar de três voltas muito bonito, um vestido branco (drapeado) que provocou grande admiração. Maquagem perfeita, tirando grande partido dos meios tons. Dançou muito, foi, mais uma vez e como sempre, uma das grandes presenças da noite. Este ano (provavelmente) a Condessa baterá um recorde: entrará em todas as listas de elegância e de beleza.



MARIA AMÉLIA PESSOA DE QUEIROZ

♦ Parecendo um pouco com a sra. Ivone Lopes, a sra. Pessoa de Queiroz é indiscutivelmente uma mulher belíssima. Estava linda na noite da Piaff. Cabelos bem pretos esticados, rosto oval dominado pelos lábios e pelos olhos, conjunto realmente espetacular. Brincos de brilhantes, um colar (sem ser de pérolas) e um vestido muito bonito. Chamou a atenção logo que entrou e durante a noite a sua beleza foi uma das mais comentadas. Entra nesta seleção sem nenhum esforço do repórter: foi olhá-la e colocar seu nome na lista.



LISA VEIGA

♦ Que beleza estava a senhora Gastão Veiga. Que doçura, que suavidade, que fascínio. E note-se: era a primeira vez que ela comparecia a uma «soirée-snob» depois que recebeu a visita da cegonha. Como sua beleza provocou comentários. Estava com um lindo colar de 4 voltas, um vestido maravilhoso, brincos pendentes, também de beleza excepcional. Cabelos displicentemente penteados (displicência que deve ter levado horas para conseguir), terminando um conjunto realmente perfeito.

Djalma Santos categórico:

NÃO SOMOS COVARDES NEM SUPER HOMENS

JOGAMOS, GANHAMOS E PERDEMOS COMO OS OUTROS — MAS NÃO TEMOS AINDA A MEDIDA CERTA DA NOSSA CAPACIDADE TÉCNICA — O QUE TEM ATRAPALHADO O FUTEBOL BRASILEIRO: A LEGENDA DE QUE SOMOS OS

MAIORES DO MUNDO — EM LIMA NÃO HOUVE O «SALVE-SE QUEM PUDER» QUE MUITOS APREGOARAM — O TÍTULO MUNDIAL DE CINQUENTA E OITO ESTÁ MAIS PARA A SUÉCIA — MAS O BRASIL NÃO ESTÁ AINDA FORA DO PÁREO

Reportagem de LUIZ AMARAL

Fotos de ALBERTO FERREIRA

Nota da direção — Com Djalma Santos continuamos a série de depoimentos de jogadores e dirigentes sobre o futebol brasileiro, suas virtudes e seus defeitos. Com a enorme repercussão que estes depoimentos vêm obtendo, é preciso uma palavra de esclarecimento, e mesmo de resposta às críticas, que não podiam faltar. Nossa idéia continua a mesma. Provo-car uma série de depoimentos, os mais descontraídos (e até mesmo desordenados), para depois na base deles, disciplinar o debate, ordená-lo, colocá-lo no ponto e no caminho certo. Não quisemos arbitrariamente fazer uma agenda dos problemas a serem discutidos. Preferimos que esse trabalho fosse feito suavemente, sem pressão e sem apelos, precisamente pelos homens que têm vivido os grandes dramas do futebol brasileiro. A nossa intenção foi clara e simples. Os depoimentos são deles. As conclusões (aí sim) serão nossas. E delas não abriremos mão.

♦ É um pecado imperdoável que se comete contra o profissional de futebol — dizer que o brasileiro só sabe tremer, nos momentos de decidir um campeonato. Da mesma forma, e pelo reverso do juízo, engana-se a maioria, quando pensa (erradamente) que somos os «melhores do mundo». — O zagueiro Djalma Santos não rodeia o assunto, ao fazer a defesa dos que, até hoje, têm tomado para si a espinhosa incumbência de defender a camisa da CBD, nos grandes certames internacionais, daqui ou de fora. Mas, vai adiante:

— Estes são dois extremos que não servem, de jeito nenhum. Ou «covardes!» ou «super-homens!» — segundo a mentalidade atual da torcida brasileira. Somos do oito ou do oitenta, sem redução, aqui, e sem uma

vantagenzinha, ali. Acho, porém, que já ganhamos experiência suficiente para saber onde devemos nos situar, se é que almejamos, de fato, alguma coisa com respeito às futuras disputas em que venhamos a tomar parte. Porque, aí estão os fatos que comprovam minha afirmativa. Num certame como o de Montevideu, quando menos esperávamos, perdíamos, incompreensivelmente, para o Chile. Abatidos, como parecíamos estar, passamos pela Argentina e pelo próprio Uruguai, dentro de sua casa. Não brilhamos mais, nem sei porque... Sabe qual a razão disso? Era a falta do limite exato de nossa capacidade técnica. Longe deste, como estabelecer comparação com o adversário? Primeiro, a gente tem que se conhecer bem, para, em seguida, procurar fazer uso de nossas próprias forças, reduzindo a do «inimigo». Não acha você que essa é a verdade?

NADA DE MUITA FALA

O craque da Portuguesa de Desportos, antes de qualquer declaração, prevenia que não desejava comentar certos acontecimentos, porquanto sempre teve uma norma de conduta e não pretendia, agora, desvirtuá-la. «Nada de muita fala, apenas o essencial...» Mesmo assim, frisando: «Nada de destruição. O momento é de construir bastante, já que nem todos pendem pelo mesmo ideal de serenidade, como fazem os grandes generais.» E prossegue o primeiro Santos, recordando passagens curiosas do último sul-americano, de Lima, com as respectivas observações pessoais:

— Alguém procura confundir a atmosfera esportiva, criticando algumas opiniões de que os argentinos venceram o campeonato, graças aos gritos de Nestor Rossi. Não digo que só o «canto» do famoso centro-médio deu o rumo certo do título à esquadra alvi-celeste. Mas, ajudou bastante. O «grito», embora não pareça, tem muita influência no desenrolar de uma partida. Principalmente quando se trata de um craque como Rossi — que enxerga todo o campo a um simples olhar de precaução, apressado, enquanto a bola sobe e desce. Ele não censura o companheiro, não. Se vê um lance defeituoso, prefere silenciar. No instante de cortar um passe, ou de um atropelamento, ou mesmo de uma bobeada em projeto — chama logo a atenção para que a perda não se concretize. Antes de acontecer, sim, ele fala. Depois, não.

Com referência aos brasileiros:

— Entre nós, não existe esse costume. Eu prefiro não falar nada. E Zizinho, a mesma coisa. Isso pelo motivo único de que pode ser mal interpretado pelos mais novos. O veterano não deve se manifestar muito. De minha parte, confesso, prefiro que vivam gritando atrás de mim. Até gosto dos gritos. Posso jogar mais à vontade. E o entusiasmo de um se transmite para o outro. Não demora muito e todos estão procurando se auxiliar mutuamente. O perigo é todos quererem falar alto, como o Rossi. Mas, não exageremos...

«SALVE-SE QUEM PUDER»: MENTIRA!

— Andaram inventando coisas por aqui, na nossa ausência. Não é possível! Quem foi que disse que eu, na hora do time estar dando para trás,

S

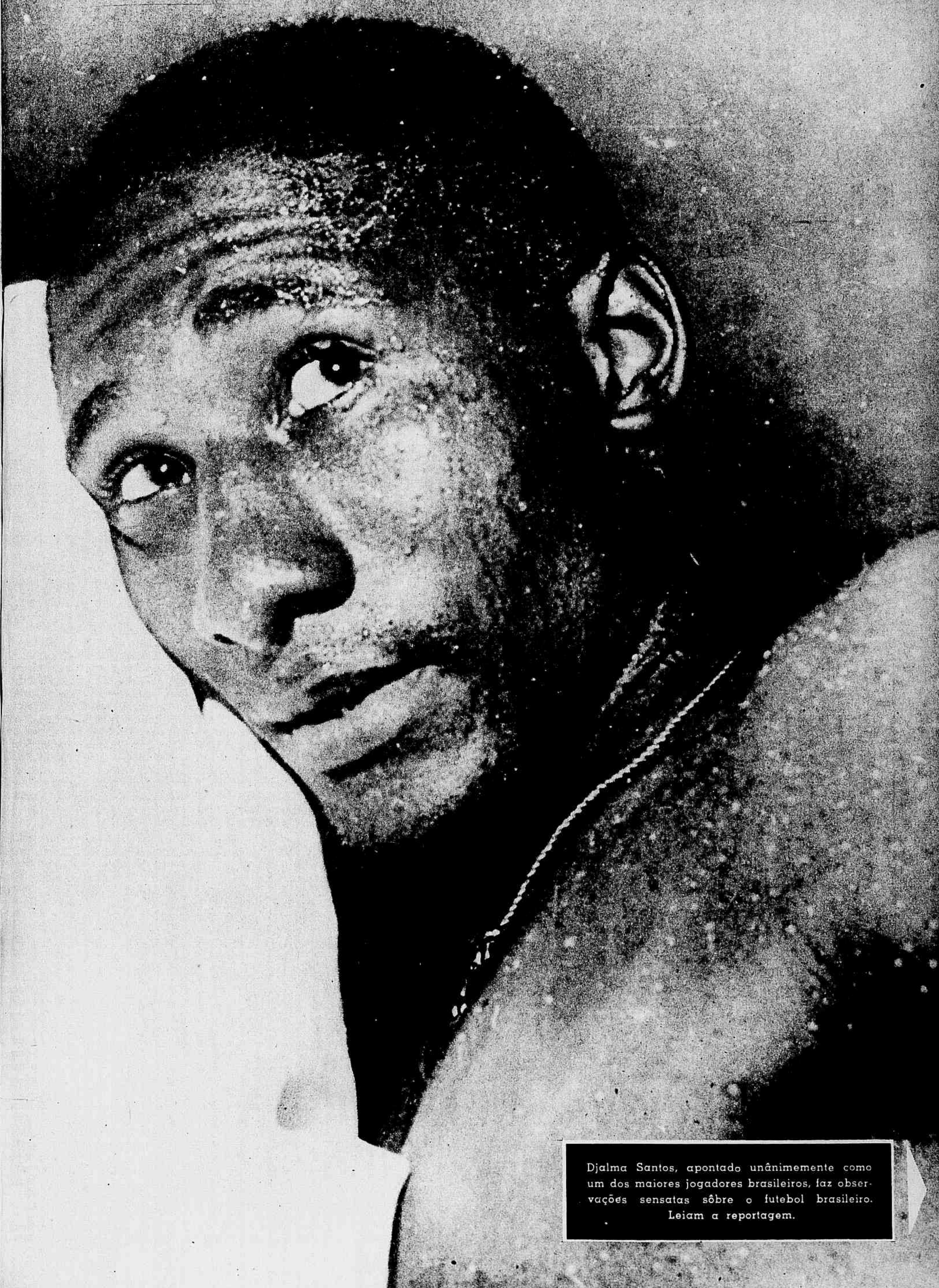
E-SE
ULO
ECIA
REO
EIRA

ciente
guma
parte.
rtame
ncom-
assa-
Não
falta
stabe-
onhe-
ôrças,

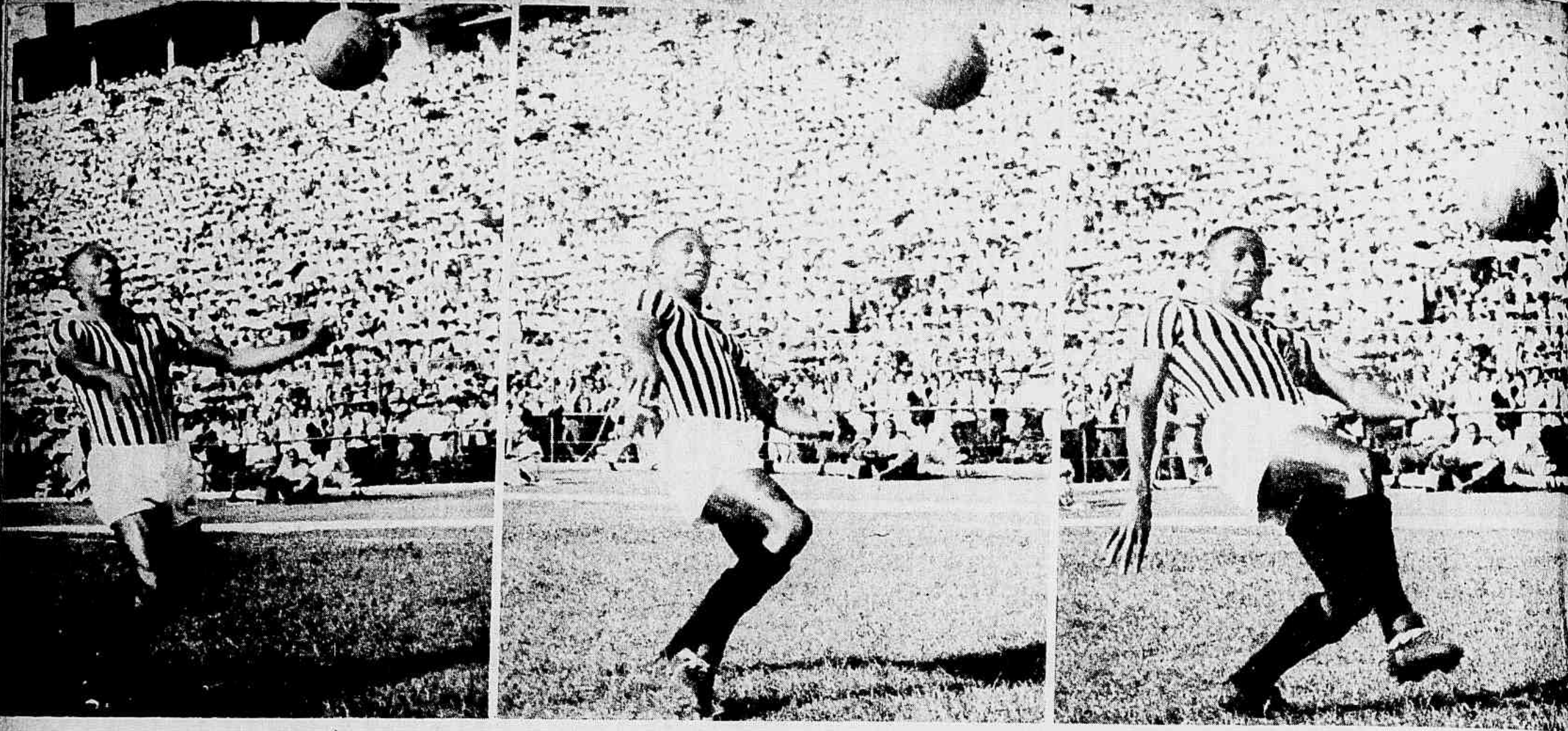
ação,
quanto
uá-la.
Nada
todos
gene-
as do
soais:
umas
gritos
o deu
ate. O
uma
- que
o, en-
Se vê
se, ou
hama
tecer,

E Zizi-
erpre-
o. De
gosto
trans-
axiliar
Mas,

pos-
trás,



Djalma Santos, apontado unânimeamente como um dos maiores jogadores brasileiros, faz observações sensatas sobre o futebol brasileiro. Leiam a reportagem.



Djalma Santos categórico:

procurei me isolar, jogando mais para mim do que para o quadro? Nunca houve isso. É que, em determinadas etapas do jogo, a máquina não se entrosa. O homem que sai daqui de trás, contra-atacando, a certa altura do campo tem que ceder a bola a algum companheiro. Como o descontrôle, às vezes, é natural, ou a marcação oponente, mais rígida — não encontra a quem passar. Aí entra a iniciativa individual. Num jogo decisivo, oportunidade assim são muito frequentes. E quando o conjunto é precário, com muito mais razão. Mas, acredite, pode acreditar — não há jogador que entre num jogo de importância para fazer seu cartaz antes que do time. E, no Peru, não houve o «salve-se quem puder!» acusado por muitos. De mim, se é que a acusação foi direta, só digo que entro em campo para ganhar e nunca para me defender sozinho, no corre-corre do naufrágio. Os outros são assim, também, estou certo.

ZIZINHO, CONDUTA NORMAL

— Se me vejo, de repente, como juiz de um craque, como Zizinho, só o que me resta a analisar é a conduta normal que todos vimos, durante os jogos em que entrevi. O atacante do Bangu foi lançado com plena responsabilidade do técnico, que jamais deixou de agir consciente e honestamente. Não se saiu mal coisíssima alguma. Teve fases de mais e de menos felicidade. Tanto colaborou para a confecção de vitórias fulgurantes como participou dos resultados amargos. Como ele, outros tiveram sua parte neste ou naquele desfecho. Prendia a bola? Para Zizinho prender a bola é porque há uma força qualquer mandando que aja dessa maneira. Ou vão afirmar que fez aquilo para ver a derrota do Brasil? Quanto ao fenômeno de não entregar rápido, como outro jogador, mais novo, isso, lá, é com o técnico, que sabia de sua forma técnica e de sua condição física, ao sair daqui. Se o escalou, foi porque admitiu que, mesmo passando atrasado — como reclamaram — ainda era bastante útil à equipe, a ponto de ser mantido. As «ondas», aliás, são muito

habituais em tais ocasiões. Sempre há os escolhidos para o sacrifício. Uns, antes de seguir o «scratch». Outros, nos jogos. E muitos, depois do campeonato. Não há novidade nenhuma no que acabou de sair publicado ou foi divulgado. Reduzindo pela metade tudo que se diga, aí, talvez, acharemos a verdade.

SISTEMA: NÃO JOGA FUTEBOL

— Prefere algum sistema de jogo?

— Não. O sistema não joga futebol. Apenas dá maior ou menor liberdade para que a gente se movimente à procura do adversário e se aposse da bola. Marco em cima porque o preparador manda. Lá, em São Paulo, esse é o costume. No Pan-Americano, quando, pela primeira vez integrei um selecionado nacional, o técnico era «seu» Zezé Moreira. Mandou que eu jogasse folgado. Só me apertasse um pouco mais, na entrada da área. Ali, sim, devia dar combate mais duro ao ponta, ou a outro qualquer que entrasse por aquele lado. Não achei difícil, nada. Até que facilitava. O atacante, depois de correr bastante, perto da gente já estava cai-não-cai. Com um pouco de calma, era só entrar de olho vivo e firme — pronto —, estava recuperada a pelota. Voltando para a Portuguesa, lógico que ia, de novo, para a outra marcação. Mesmo porque o quadro jogava de outro jeito. Tinha que seguir o modo empregado entre nós. Como? Se o jogador tem que se esforçar mais, no «sistema» do «seu» Zezé? Não! Já disse que facilita o jogo pra gente. Os dois volantes é que precisam de ter mais peito que nós de trás. Eles, não se pode negar, correm mais do que todos. O meia também tem papel relevante, com os pontas. Mas, que rende, isso rende, desde que haja esforço e boa-vontade dos jogadores.

CLUBISMO — «NÃO NOTO...»

— Ponto muito discutido, em nosso retorno de Lima, é o clubismo que asseguram haver, como sério empecilho à máxima produção (e até seleção) dos encarregados de compor o «scratch». Não noto a diferença de tratamento. Paulista que sou, recebo aqui, como lá, ou em qualquer parte, a mesma atenção necessária a um jogador para que viva despreocupado, na concentração. Reconheço que a seleção tem mais jogadores do Rio,





reconheço que São Paulo devia dar número maior, segundo a lógica, por ter-se sagrado tricampeão nacional (parecendo, por aí, ter o melhor futebol do país), mas não vejo nisso qualquer paixão condenável de quem quer que seja. Você lembrou bem. O futebol bandeirante repousa mais na força do conjunto. O carioca, por sua vez, tem o forte de sua presença nos valores individuais. Como não havia tempo para que os preparativos se desenvolvessem no sentido de uma procura constante ao poderio harmônico do quadro, teve o técnico que lançar mão de jogadores de maior habilidade pessoal e tentar, mais rapidamente, o objetivo que só o conjunto alcançaria. Daí o número de cariocas, superando o número de paulistas. Não encontro maldade nisso. Com tempo mais dilatado, tenho certeza do que adianta, outros elementos poderiam ser introduzidos na equipe. Elementos de menos brilho, mas de maior capacidade de adaptação aos demais componentes da seleção.

OPORTUNIDADE AOS NOVOS

— Um pormenor que merece referência de quem analisa essa temporada internacional, há pouco finda, é o problema dos novos. Pepe, por exemplo, é um novato que pode ir longe, se bem orientado. Garrincha, então, nem se fale. O ponteiro do Botafogo é um perturbador em campo. Faz com o adversário o que nem os companheiros podem antever. É desconcertante em suas arrancadas, perigosíssimo nos tiros à meta. Precisa de chance. Demonstrou, nos jogos em que apareceu, que, apesar de alguma coisinha a ser corrigida, traz consigo um grande futebol, rico de virtudes e pleno de vigor. Ainda uma vez recordo que Zezé Moreira, ao levantar o Pan-Americano, em 53, fez questão de levar um punhado de gente nova. Eu mesmo nem havia aparecido na seleção paulista e já era apontado como titular. A confiança em mim depositada, tinha que ser correspondida. E, como o meu caso, foi o caso de Pinga, de Brandãozinho, de outros tantos novos da época. O tempo corre muito e já existe outra camada, esperando sua vez, também.

HONRA À ARGENTINA

— A renovação, muito a propósito, a renovação de valores é um movimento que, há vários anos, vem tomando conta do futebol argentino. Con-

temos as revelações do último continental e acabaremos por concluir que eles, como Zezé, estão no caminho certo. O «soccer» portenho conseguiu retomar seu antigo prestígio. É bonito, eficiente, vivo, inteligente. Honra seja feita à Argentina, porque o título não podia estar em melhores mãos. Como o futebol, por aqueles lados, é levado muito a sério, estou calculando para a AFA o título máximo da Suécia, no ano que vem. É só pensar com cuidado. Se, agora, aquela gente jogou assim, o que será daqui a um ano de treinos intensivos e mais uma série de jogos para testar sua pujança, de tempos em tempos? A Argentina não pára. E olha fixamente para o mundial de 58. Caso muito sério este...

PODEMOS NOS IGUALAR

— Quanto a nós, há possibilidade?

— Haver, há... Depende da maneira como encaramos nossos preparativos. Com tempo e com critério. Bem fortificado, com uma fase preliminar de preparação psicológica à altura da preparação do conjunto — entraremos no páreo de igual para igual. Isso, no entanto, é o que de mais custoso possa existir nessa terra abençoada de descontentes e imediatistas. Havendo tempo, haveremos, também, de jogar com algum quadro, por aí. Muitas pessoas não reconhecem que tais jogos são apenas para testar a equipe. Perdendo o «match»-treino, lá vem paulada. A medida que estes jogos se repetem, mais se avoluma a soma de insatisfeitos e mais aumenta a descrença em torno de nossa capacidade técnica. Nos dias que antecedem o embarque, tamanha é a insatisfação que o «scratchman» deixa o Rio completamente desfibrado, sem ânimo para a luta, desconfiado, igualmente, com relação às suas qualidades de atleta, sugestível — covarde, até. Não é sua a culpa dos fracassos que possam vir.

Finalizando:

— Não julgo impossível uma reação do futebol brasileiro. Mas o público precisa sentir, como nós, o peso de um campeonato do mundo. Perder nos treinos, se ele quiser, pode ser, com efeito, sintoma de fracasso. Se não quiser, entretanto, pode ser o passo certo rumo a um reparo de muita significação futura. Do seu aplauso, da sua benevolência pode sair o alerta para a conquista que jamais alcançamos.



ÚLTIMO FLASH



À MORTE A RAINHA DAS GIRLS

● Carmem Vic, a rainha das Girls, tentou contra a vida. Ainda está em perigo. Mas o episódio não está bem esclarecido e para elucidá-lo a polícia trabalha. Uns dizem que a jovem rainha tentou matar-se saudosa de sua amiga Zaquia Jorge. Mas outros, principalmente seus familiares, argumentam que a sua amizade com a artista desaparecida era muito recente, o que não justificaria o seu gesto. De qualquer maneira ela está entre a vida e a morte. Na foto, o grande momento de sua vida, quando era coroada Rainha das Girls.

O
ter
No
po

**A FIGURA
EM FOCO**



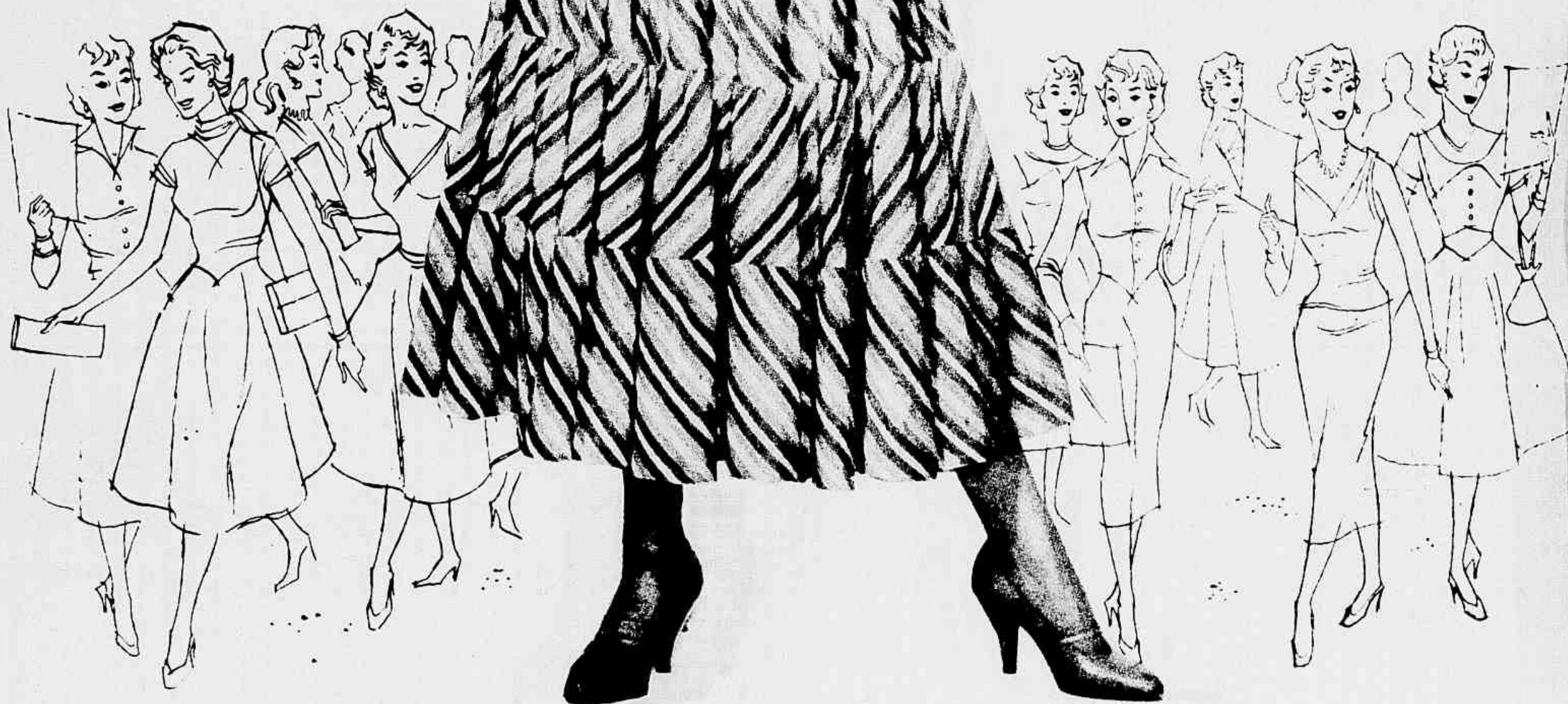
PROCÓPIO FERREIRA

O Cirano brasileiro,
tem talento e tem nariz.
No palco faz o que quer,
pois sempre fêz o que quis...

não perca a



Revista
feminina
do
Diário de Notícias



Em seu lar **todos os domingos** — Inteiramente de graça!